

**Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica**

A questão do ego em Freud: uma instância de fronteiras?

Gabriela Domingues Caetano Soares Maia

2017



A questão do ego em Freud: uma instância de fronteiras?

Gabriela Domingues Caetano Soares Maia

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Marta Rezende Cardoso

Rio de Janeiro

Fevereiro/2017

A questão do ego em Freud: uma instância de fronteiras?

Gabriela Domingues Caetano Soares Maia

Orientadora: Marta Rezende Cardoso

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Aprovada por:

Profa. Dra. Marta Rezende Cardoso

Profa. Dra. Monah Winograd

Prof. Dr. Julio Verztman

Rio de Janeiro

Fevereiro/2017

Maia, Gabriela Domingues Caetano Soares

A questão do ego em Freud: uma instância de fronteiras? / Gabriela Domingues Caetano Soares Maia. Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2017.

94 f.; 29,7 cm.

Orientadora: Marta Rezende Cardoso

Dissertação (Mestrado) – UFRJ/IP/Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, 2017.

Referências Bibliográficas: f. 92-94.

1. Ego. 2. Fronteiras. 3. Metapsicologia freudiana. 4. Psicanálise.
5. Dissertação (Mestrado). I. Cardoso, Marta Rezende. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Instituto de Psicologia/ Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica. III. Título

Dedicatória

À memória do meu pai, Rogério Maia.

Agradecimentos

À minha orientadora, Marta Rezende Cardoso, por ter apostado em mim, pelo diálogo, pela paciência, por todo o investimento, pelos seus valiosos apontamentos, pela orientação atenta e sempre presente.

A CAPES, pelo financiamento da minha pesquisa.

A todos os professores que fizeram parte desse percurso. À Isabel Fortes, agradeço pelo frescor de suas aulas inspiradoras. Ao Julio Verztman e à Monah Winograd, além das aulas instigantes, agradeço as importantes contribuições durante a qualificação.

Ao Pedro Henrique Rondon, pela revisão cuidadosa.

Àqueles que fizeram com que o ingresso nesse mestrado fosse possível. Agradeço especialmente ao Marcos Nobre e à Inara Luisa Marin por todo carinho, pela generosidade e pelo laço que permanece. Nossa parceria durante a graduação, mais do que um momento de ensino, foi um valioso aprendizado para meu crescimento pessoal. Agradeço também aos colegas da Bancada do Inconsciente do CEBRAP-SP e aos amigos do Grupo de Teoria Crítica da Unicamp: Adriano Januário, Maria Érbia, Raphael Concli, Fernando Bee, Paulo Yamawake, Olavo Ximenes, Mariana Teixeira, Fernando Bee, Divino Amaral, Ricardo Lira. Agradeço a Mariana Marques por me incentivar a buscar a psicanálise.

Aos amigos da pós-graduação que dividiram comigo tantos momentos de troca, alegrias e angústias: Fernanda Brockmann, Luana Moura, Stephanie Brum, Caio Tavares, Luccas Trindade, Tatiana Audino, Suellen Búchaul.

Pela convivência instigante e prazerosa, agradeço aos parceiros da equipe: André do Vale, Ana Maria Guerrero, Daniel Senos, Morgana Rech, Diana Adesse, Ney Klier, Mauricio Reys, Mariana Rondon, Mariana Anjos e Ana Caroline Oliveira. Reservo um agradecimento especial à Aline Demantova, amiga querida que fez meu percurso mais leve porque compartilhado.

À Raquel Stanick, por ter aberto a sua casa em João Pessoa e me convidado a conhecer o seu mundo.

Às amigas da formação, por renovarem meu interesse pela psicanálise, me permitirem um respiro em meio à academia e por me mostrarem que estudo e afeto se permeiam: Luiza Ferreira, Márcia Rocha, Mariana Donzeles, Indiará Lima e Julia Aboim.

Agradeço ao Matheus Galdi, pela sensibilidade tão preciosa; ao Tiago Gayet, por tudo o que compartilhamos e aprendemos juntos; ao Otávio Vieira, pelos tempos de graduação que não se diluem na ausência; aos amigos do clube, Alex Huzsar e Taís Franciscon; ao Felipe Ávlis, pelo afeto espontâneo; à Aline Besouro, por todas as ligações; pela amizade durante esse período, à Amanda Adnama, à Marina Burdman, à Liciane Corrêa, ao Leonardo Alves, à Victorine Linguçano, à Gabi Jacques de Moraes e à Isadora Díaz.

À Mariana Puppín, pela sua escuta e presença tão sensível.

Não tenho palavras para expressar o quanto sou grata à família Schoenau e Azevedo que me acolheu com tanta generosidade aqui no Rio. Por todo apoio, cuidado, atenção, afeto e carinho, por terem me recebido de braços abertos e serem sempre solícitos a todo amparo – meus agradecimentos inesgotáveis à Diomar, ao Azevedo, à Silvia e à Elisa.

À minha mãe por sempre me incentivar a viver os meus sonhos, mesmo que isso custe a nossa distância e saudade; e, claro, por ter me apresentado Freud. À minha irmã, Beatriz, minha parceira e amiga, com quem tanto aprendo. Às minhas avós, Marilene e Ana Maria, por toda a confiança, amor e cuidado. Ao meu pai e à Leico. Ao meu tio Ronaldo e sua família, pela generosidade e pelo suporte. Aos meus tios, Rodrigo e Giovana, e meus avôs, Ronaldo e José (*in memoriam*).

São insuficientes quaisquer tentativas de nomear meus agradecimentos à Helena, pessoa amada que me viu e me fez crescer. Meu trabalho é fruto também de sua presença em minha vida; seu incentivo, estímulo e amparo foram fundamentais neste percurso. Mas nossa relação transborda a formalidade acadêmica e, por fim, só me resta agradecer pelo nosso encontro.

Resumo

A questão do ego em Freud: uma instância de fronteiras?

Gabriela Domingues Caetano Soares Maia

Orientadora: Marta Rezende Cardoso

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

O objetivo central desta dissertação de Mestrado é explorar o conceito de ego na obra de Freud, tendo em vista sua genealogia e evolução, tendo como foco especial a dimensão de fronteira, de limite em Psicanálise, elemento aqui considerado essencial para se abordar a constituição e existência dessa instância psíquica. O conceito de ego é ponto nodal de entrecruzamento de pulsão e alteridade, de universo interno e externo, de espaço psíquico e espaço corporal. Se, numa visão mais apressada, o ego pode ser tratado como instância organizada e não conflituosa ligada à consciência e à função de mediação psíquica, busca-se ressaltar, com Freud, a sua complexidade, considerando-se a sua relação com as instâncias do aparelho psíquico, com o universo pulsional e o mundo externo. A análise desta problemática teórica convoca a dimensão de fronteira, que lhe é concernente, e que permite situar o ego na lógica do conflito psíquico.

Nesta pesquisa é proposta determinada leitura da trajetória freudiana na qual se procura analisar alguns desdobramentos do conceito de ego, através da elaboração de elementos centrais da primeira e da segunda tópica, com destaque também ao período relativo à emergência do conceito de narcisismo. Apresenta-se uma visão interpretativa das formulações freudianas sobre o ego, a posição desta instância na dinâmica psíquica como instância “fronteiriça”, mostrando a riqueza e consequências dessa leitura para uma compreensão global da constituição e do funcionamento psíquicos.

Palavras-chaves: Ego – Fronteiras – Metapsicologia freudiana – Psicanálise – Dissertação (Mestrado)

Rio de Janeiro – Fevereiro/2017

Abstract

The issue of the ego in Freud: an instance of borders?

Gabriela Domingues Caetano Soares Maia

Tutor: Marta Rezende Cardoso

Abstract of the Dissertation presented to the Post-graduation Programme of Psychoanalytic Theory, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, as a part of the requisite for obtaining the Master's Degree in Psychoanalytic Theory.

The main objective of this Master's dissertation is to explore the concept of ego in Freud's work, considering its genealogy and evolution, with a special focus on the boundary dimension, of limit in Psychoanalysis, an element here taken as essential for approaching the constitution and existence of this psychic instance. The concept of ego is the nodal point of intertwining of drive and otherness, of inner and outer universe, of psychic space and body space. If, in a more hasty view, the ego can be treated as an organized and non-controversial instance, linked to consciousness and the function of psychic mediation, we sought to emphasize – with Freud – its complexity, considering its relation to the instances of the psychic apparatus, with the drive universe and the external world. The analysis of this theoretical problem summons the dimension of frontier, related to it, and that allows situating the ego in the logic of psychic conflict.

In this research we propose a reading of the Freudian trajectory in which we try to analyze some developments of the concept of ego, through the elaboration of central elements of the first and second topology, also emphasizing the period related to the emergence of the concept of narcissism. An interpretive view of the Freudian ego formulations is presented, the position of this instance in psychic dynamics as a "borderline" instance, showing the wealth and consequences of this reading for a global understanding of the psychical constitution and functioning.

Keywords: Ego – Frontiers – Freudian metapsychology – Psychoanalysis –
Dissertation (Master's degree).

Rio de Janeiro – February/2017

SUMÁRIO

Introdução.....	12
CAPÍTULO I	
O ego nas fronteiras entre exterior e interior.....	17
I.1 – O ego diante da emergência do sexual disruptivo.....	17
I.2 – O ego no “Projeto”: uma organização de fronteira.....	20
I.3 – A primeira tópica: a criação de uma fronteira interna.....	26
I.4 – O primeiro dualismo pulsional.....	31
CAPÍTULO II	
O narcisismo: delimitação das fronteiras do ego.....	38
II.1 – Narcisismo: primeiras incursões.....	38
II.2 – O ego banhado pelo sexual: aspectos estruturantes.....	42
II.3 – Os destinos do narcisismo.....	49
II.4 – As defesas arcaicas do ego.....	53
II.5 – A melancolia: uma identificação sem limites.....	57
CAPÍTULO III	
O caráter fronteiriço do ego.....	62
III.1 – A precariedade dos recursos egoicos diante do traumático.....	63
III.2 – A dimensão do corpo no processo de constituição egoica.....	69
III.3 – O ego, o id e o inconsciente.....	75
III.4 – Dois tempos da identificação.....	82
Considerações Finais.....	88
Referências.....	93

Introdução

Investigar o conceito de ego na obra freudiana, sua genealogia e a problemática nele contida nos parece uma meta fundamental. Trata-se de eixo essencial da teoria e da clínica psicanalíticas, sendo o ego ponto essencial de articulação entre a pulsão e a alteridade, entre o universo interno e o externo. Se na Psicanálise o conceito de ego não é coextensivo ao de sujeito, nesse corpo teórico ele é tratado como um dos elementos que compõem o psiquismo, não sendo correspondente à sua totalidade. Freud irá nos apresentar um sujeito cindido em sua constituição, de onde o conflito pulsional desponta como inerente à vida psíquica.

Essa dualidade interna também se trava no seio da própria instância egoica, de modo que o ego não é apenas a parte reconhecida pelo sujeito como “si mesmo”. Conforme aponta André (2014, p. 11), “o ego pode tomar a si mesmo como objeto, se amar ou se odiar, se opor a si mesmo, se clivar, se criticar, se maltratar”. Ao primeiro olhar o ego pode ser visto como instância organizada e não conflituosa, ligada à consciência e à função de mediação psíquica, mas em um segundo tempo ressalta-se, em Freud, suas imprecisões, ambivalências e sua própria dinâmica interna.

Com isso, a questão dos limites internos toma efetivamente corpo no pensamento freudiano: a pulsão, a alteridade, o mundo externo, a consciência e o inconsciente e, posteriormente, as outras instâncias (id e superego) e o corpo estabelecem uma delimitação imprecisa – e que se modifica ao longo da obra de Freud – em relação ao conjunto do ego. Essa ambiguidade na demarcação das fronteiras aponta para a complexidade da própria estrutura egoica cuja formação e modo de existência possuem formas diversas, ressaltando sua plasticidade.

De acordo com essa perspectiva, os estudos contemporâneos de psicanálise nos inspiram na realização de uma pesquisa particularmente voltada para a problemática dos limites, sobretudo pelo viés teórico-clínico, tendo em vista a ampliação da atuação psicanalítica no âmbito da clínica. Embora não faça parte do recorte de nossa pesquisa estender a investigação para o atual debate sobre os chamados estados limites, parte de nossa motivação para investigar a questão do ego e sua dimensão fronteira encontra suas raízes aí.

Buscamos, com isso, resgatar o desenvolvimento do percurso do ego em Freud, tendo em mente a questão das fronteiras. Apresentamos, então, determinada leitura dessa trajetória e alguns questionamentos sobre os desdobramentos do conceito de ego, alcançando o período da elaboração da primeira e da segunda tópicas. Este recorte adveio, inclusive – e fortemente – de nossa inserção na equipe de pesquisa coordenada pela Professora Marta Rezende Cardoso, a qual faz parte de nosso percurso de Mestrado, equipe que vem, há muitos anos, desbravando e avançando o estudo sobre a problemática dos limites em Psicanálise, a partir, em especial, de sua relação com a questão do excesso e do trauma.

Em nossa dissertação de Mestrado apresentamos uma visão interpretativa da elaboração de Freud a fim de levantar questões sobre o ego na dinâmica psíquica, sem nos restringirmos a uma interpretação fechada. Nossa intenção é, antes, propor algumas reflexões e suscitar questões que restam em aberto. Partimos e elaboramos a hipótese de que a questão do ego em Freud deve ser entendida como uma problemática de fronteiras, mostrando, em detalhes, a riqueza e consequências dessa leitura para uma compreensão global da constituição e funcionamento psíquico em geral, ou seja, considerando aspectos topológicos, econômicos e dinâmicos, os quais envolvem a totalidade das instâncias psíquicas e o pressuposto primordial do conflito psíquico entre pulsões e a relação entre o mundo interno e o mundo externo, e da alteridade externa e interna.

Examinando a construção do pensamento de Freud, podemos visualizar que o processo de construção teórica do conceito de ego é longo, repleto de contradições internas, reafirmando o interesse nesse estudo. No campo da metapsicologia, o estudo da constituição psíquica se desenvolve a partir da relação entre a dinâmica pulsional e a tópica psíquica. Um estudo detalhado da constituição do conceito de ego na metapsicologia freudiana é especialmente relevante devido à complexidade própria do percurso deste conceito em Freud, e também pelas suas implicações com outras noções fundamentais da psicanálise – no caso, a de pulsão, a de conflito psíquico, a de recalque e a de identificação.

Dessa forma, nossa investigação consiste em analisar o conceito de ego em relação aos seguintes grupos temáticos: o ego e a sexualidade, a pulsão, a relação eu/outro, interno/externo, a relação com o corpo e a questão do excesso pulsional. O ego constitui, assim, um espaço de fronteiras, como mediador fundamental dos limites entre diferentes campos intra e extrapsíquicos.

Neste contexto, em um primeiro momento, a psicanálise se constrói interessada principalmente naquilo que parece ser o mais estrangeiro ao ego, isto é, o recalado e o inconsciente. No entanto, diante do imperativo do conflito psíquico, encontramos o termo “ego” empregado nos escritos de Freud desde o período considerado pré-psicanalítico, ainda na década de 1890. Ele surge já nesse momento como agente atuante no conflito psíquico a partir do mecanismo de defesa.

Poderíamos dizer, ainda, que uma teoria do ego – embora presente de forma latente no texto de Freud desde seus primeiros trabalhos – recebe destaque tardio se a comparamos a outras noções psicanalíticas. Somente em 1914, com a conceituação do narcisismo, será feita uma elaboração sobre a gênese do ego tratando-o como elemento estruturante; e, em 1923, seu papel de continente e de mediador ganhará relevo com a formulação da segunda tópica, assumindo o estatuto de instância psíquica. Dessa forma, ao longo de sua obra, Freud fará corresponder ao ego diversas funções, as quais são exploradas no presente trabalho.

Não queremos, com isso, afirmar que a questão do ego tenha ficado relegada a um segundo plano na Psicanálise. Notamos, antes, que ela ganha diferentes relevos no curso da obra de Freud em decorrência de sua relação com a própria evolução da teoria pulsional. Ademais, identificamos que as implicações teóricas do registro egoico e do registro pulsional se influenciam mutuamente e servem como motor para o complexo desenvolvimento desse modelo teórico.

Diante das diferentes acepções que o termo “ego” recebe no registro da teoria, Laplanche (1985, p. 138-140) apresenta uma interessante síntese dessa problemática, propondo uma abordagem metonímica e outra metafórica para o ego ao longo da obra de Freud. Com efeito, o ego aparece muitas vezes como figura dúbia na elaboração de Freud. Essa confusão é ressaltada se confrontarmos escritos e leituras distintas, tais como a psicologia do ego e sua visão operacional e a consequente preocupação de Lacan, que denuncia precisamente as ilusões do ego, reafirmando a dimensão do simbólico.

A saída de Laplanche, então, mais do que se posicionar argumentando a favor de uma ou outra interpretação, é propor uma síntese, onde ambas as acepções coexistem na letra de Freud denunciando o caráter ambíguo do ego. Na perspectiva metonímica, o ego “é um órgão adaptado a tarefas precisas, mas que se mantém em *continuidade* com o organismo do qual ele é o apêndice especializado” (Laplanche, 1985, p. 139).

Já na perspectiva metafórica, o ego não seria um órgão da totalidade, mas uma *imagem* da totalidade, concebida a partir da identificação. Nesta última, “essa instância é constituída em tempos sucessivos representando igual quantidade de depósitos, de ‘sedimentações’, mas correspondendo todos a marcas, a introjeções de imagens exteriores” (Laplanche, 1985, p. 139, op. cit.). A este respeito, complementa Carvalho (1996, p. 4) que a continuidade entre o ego e o indivíduo não se dá mais pelas suas funções vitais, porque aqui o ego se constitui como objeto libidinal. No entanto, para Laplanche, não se pode subestimar o peso de realidade que essa imagem adquiriu (1985, p. 140). O autor sustenta que estas duas linhas operam em paralelo: é justamente a conjunção do processo de derivação por contiguidade e dos processos de identificação que assegura a tomada da metáfora na realidade (Carvalho, 1996, p. 5).

Nossa abordagem se alinha, então, com a crítica de Laplanche. Buscamos, portanto, ressaltar como Freud denota um valor estruturante e de organização para o ego ao mesmo tempo em que o caracteriza como objeto interno do investimento libidinal. Além disso, a alternância entre uma perspectiva e outra coloca em destaque fronteiras distintas, ora ressaltando seu limite com as outras instâncias intrapsíquicas, ora com a alteridade. Em ambos os casos a economia pulsional será um ponto problemático na sistematização teórica de Freud.

Organizamos, assim, nosso trabalho em três partes. A primeira corresponde ao estudo do ego na elaboração da primeira tópica e da primeira teoria das pulsões. Veremos que no contexto da primeira tópica, isto é, do primeiro modelo do aparelho psíquico, o ego ainda não está formalizado como instância. Entretanto, ele aparece como agente ligado ao sistema Pcs-Cs, sendo considerado polo oposto ao desejo. O ego é o agente que instaura uma fronteira interna, ao engendrar o recalque. Disso deriva, no campo da primeira teoria do conflito pulsional, o ego como agente das pulsões de autoconservação, em oposição às pulsões sexuais.

No segundo capítulo, veremos em detalhes como o conceito de narcisismo vem estreitar os limites entre sexualidade e autoconservação, remanejando, desse modo, a primeira teoria pulsional. O ego ganha estatuto de conceito, ao ser traçada a sua gênese na trilha da trajetória da libido, passando a ser compreendido como um objeto no interior do psiquismo. A problemática dos limites internos e da delimitação entre o eu e o outro é colocada, assim, em evidência. Este segundo momento coincide justamente com o levantamento de uma série de contradições internas à teoria de Freud, culminando em um período de transição da primeira para a segunda tópica.

No último capítulo, analisaremos as consequências da construção da segunda teoria do trauma e da segunda teoria pulsional. Essa reviravolta teórica prepara, dentre outras coisas, a formulação da segunda tópica, na qual o ego será examinado em sua relação com as outras instâncias psíquicas. Aqui, buscaremos apontar de que forma a sua função continente – de fronteira com o mundo externo – e sua relação com as outras instâncias fazem dele próprio um território fronteiriço.

CAPÍTULO I

O ego nas fronteiras entre exterior e interior

Desde o desenvolvimento prévio até a construção do modelo da primeira tópica e da primeira teoria das pulsões, o ego é situado em oposição à sexualidade, não podendo ser analisado fora da dinâmica pulsional. O período inicial de sua genealogia coincide com a descoberta da existência de um sexual disruptivo que não pode ser completamente domado.

No final do século XIX, a histeria era uma patologia de difícil apreensão teórica, ao mesmo tempo que os métodos de tratamento nem sempre cumpriam sua perspectiva de cura. Procurou-se por muito tempo referir o sintoma histérico a uma lesão orgânica e, na ausência dessa lesão, seus sintomas eram considerados simulações e invenções dos pacientes (Laplanche & Pontalis, 2004, p. 211). Todavia, a investigação de Freud se constrói na direção inversa: ele nega a origem da histeria como lesão orgânica, retirando, igualmente, o relato clínico das histéricas de seu estigma de falsidade e dissimulação. Tal visão só se revelou possível a partir da afirmação da dimensão inconsciente do funcionamento psíquico, considerando, não obstante, sua atuação no estado de vigília e no apelo do psiquismo à esfera do corpo.

Buscando delimitar o estatuto nosográfico da histeria, Freud (1893-1895) desenvolve seus estudos iniciais no campo da psicopatologia, formulando uma teorização sobre os mecanismos de defesa, reveladora da existência de conflito psíquico de base no funcionamento psíquico. É nesse contexto que as noções de inconsciente e de recalque virão a ser formuladas, e que será conferido à sexualidade o papel central na etiologia das neuroses. É também nesse período que situamos o início da conceituação do ego na teoria freudiana.

I.1 – O ego diante da emergência do sexual disruptivo

Num primeiro estágio da obra freudiana, o ego é parte do par de opostos ego-sexualidade. O mecanismo de defesa consiste em uma operação realizada por essa “instância” que, ao se deparar com uma ideia (sexual e aflitiva) incompatível, tenta

eliminá-la do psiquismo. Entretanto, uma vez que a representação vem a nele ser inscrita como traço mnêmico, tanto essa representação quanto a afeto a ela vinculado não poderão ser apagados. Como via alternativa na luta contra tal representação, o ego

transforma essa representação poderosa numa representação fraca, retirando-lhe o afeto – a soma de excitação – do qual está carregada. A representação fraca não tem então praticamente nenhuma exigência a fazer ao trabalho da associação. Mas a soma de excitação desvinculada dela tem que ser utilizada de alguma outra forma (Freud, 1894/2006, p. 56)

O processo acima descrito é comum aos diversos tipos de neurose. A forma de descarga desse afeto, dissociado da representação, irá determinar o tipo específico de patologia. Os problemas encontrados na clínica da histeria levaram ainda Freud a outras constatações no campo da teoria da neurose, as quais serão estendidas para o modo de funcionamento psíquico normal. O que está em jogo, nesse momento, é a postulação de um inconsciente recalcado, atribuído a toda formação psíquica.

Na operação da defesa, o ego expulsa para fora do seu terreno de controle – a extensão da consciência e das cadeias de representação – os conteúdos que ali se mostram incompatíveis. No entanto, esta operação não é capaz de dissolver o traço mnêmico com o qual os sintomas possuem vinculação, já que o destino da ideia é ser recalcada e não dissolvida. Forma-se, assim, “o núcleo de um segundo grupo psíquico” (Freud, 1894, op. cit., p. 57). Os momentos traumáticos que se seguem a este primeiro tempo serão, portanto, aglutinados a este núcleo formado após a expulsão da consciência.

A representação que tem seu acesso negado é precisamente aquela que promove e mantém o sintoma. Desse modo, “uma força psíquica, uma aversão por parte do ego, [que] teria originariamente impelido a representação patogênica para fora da associação e agora se oporia a seu retorno à memória” (Id., *ibid.*, p. 284).

Tal compreensão do protagonismo do ego – operador do recalque – figura o aspecto dinâmico da etiologia da histeria. Há um jogo de forças contrárias: trava-se um conflito entre o ego e uma representação sexual incompatível, provocando um estado aflitivo, ameaçador ao psiquismo. A tentativa do ego de recusar e banir a representação em questão possui a finalidade imediata de proteger o psiquismo. Quando esta tentativa é mal sucedida, o processo de adoecimento irrompe: o acesso à representação pode estar vetado, mas o afeto a ela correspondente encontrará outra saída, a qual se revela por meio do sintoma como reação patológica.

O termo *defesa* – que somente era empregado descritivamente – adquire outro valor na perspectiva dinâmica, sendo correlativo à noção de conflito psíquico. Inicialmente, “defesa” é empregada como um sinônimo de “representação” e seria desencadeada por um afeto penoso que provoca dor psíquica (desprazer-angústia). O *conflito psíquico* se perfila entre o ego e uma representação inconciliável que – pelo afeto doloroso que desperta – se dissocia e passa a formar parte de uma “segunda consciência”. A *dissociação* (cisão) da consciência é proposta em uma dupla dimensão: entre o ego e a representação, e entre a representação e o afeto (Mayer, 1989, p. 21).

O ego opera uma dissociação entre representação e afeto para que possa vir a expulsar da consciência a representação, criando um segundo tipo de cisão, agora no interior do psiquismo. O ego é o responsável pela criação de um espaço psíquico fora da cadeia associativa, que não pode se tornar consciente. Os traços mnêmicos expulsos da consciência e, portanto, inconscientes, ficam impedidos de travar associações justamente pelo bloqueio exercido pelo ego. Esta barragem ao conteúdo inconsciente é uma tentativa de proteção psíquica exercida em estado de vigília. O conteúdo sexual recalçado, fonte do estado aflitivo, deve permanecer fora do campo alcançável pelo raciocínio e, portanto, mantido longe do estabelecimento de novos vínculos associativos.

Se, por um lado, a utilização do mecanismo de defesa visa proteger o ego do sujeito, por outro, este mesmo mecanismo cria o terreno necessário para o desenvolvimento da neurose. “(...) o ego é na verdade o agente da defesa, mas, na medida em que só pode se defender separando-se daquilo que o ameaça, abandona a representação inconciliável a um tipo de processo sobre o qual não tem domínio” (Laplanche & Pontalis, 2004, op. cit., p. 128). Portanto, a instauração de um segundo núcleo psíquico sobre o qual o ego não tem controle cria um território interno desconhecido, mas com o qual terá que regular a força. Nesse período da obra freudiana, o ego é teorizado como polo que delimita um limite interno – no caso, entre o que está no terreno da consciência e o que é dela expelido. Vislumbra-se, assim, a formulação de uma fronteira interna no psiquismo, instaurada justamente pela ação do ego.

Como lembra Laplanche (1985), o traumatismo psíquico se dá em dois tempos (o do evento e o de sua recordação) agindo como um corpo estranho que permanece ativo muito tempo depois de sua penetração: “(...) o traumatismo psíquico vem do interior. Formou-se uma espécie de *externo-interno*, um ‘espinho na carne’ ou, um verdadeiro espinho na *crosta do ego*” (Id., *ibid*, p. 49).

A operação do recalque, embora necessária, gera desequilíbrio, o que se expressa nas situações clínicas – resultando do represamento da energia sexual que não pôde encontrar descarga adequada. O sexual seria violento por produzir aumento de energia, gerando tensão no psiquismo; essa quantidade excessiva de energia precisará ser contida e escoada por meio do trabalho de elaboração do ego. O sexual corresponde, portanto, a uma força psíquica que se mobiliza na direção da descarga, sendo o ego a organização responsável por direcionar essa energia livre circulante.

(...) nas funções mentais, deve-se distinguir algo – uma carga de afeto ou soma de excitação – que possui todas as características de uma quantidade (embora não tenhamos meios de medi-la) passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços mnêmicos das representações como uma carga elétrica espalhada pela superfície de um corpo (Freud, 1894, op. cit., p. 66).

O problema com o que o ego se depara é a regulação dos níveis de energia circulante. Padilha Netto (2012, p. 24) aponta que no trecho acima citado já encontramos o conceito de pulsão, em fase embrionária. Freud mostra que o aparelho psíquico é constituído por quantidades de excitação, e não somente por representações. A mobilidade dessa energia, que se espalha pelos traços mnêmicos das representações, configura o aspecto dinâmico da vida psíquica. Tendo em mente o estudo sobre as dinâmicas psíquicas envolvidas nas neuroses, Freud (1895[1950]) elabora também um aparato teórico visando à compreensão do balanço energético que move a vida psíquica.

I.2 – O ego no “Projeto”: uma organização de fronteira

Na década de 1890, são apresentadas as formulações freudianas iniciais sobre a estrutura do funcionamento mental, cada uma com seu valor específico, mas que já constituem uma espécie de esboço do modelo da primeira tópica. Ao longo desse período, encontramos três modelos distintos: o aparelho de linguagem, em “As afasias” (1891); o aparelho neurológico, no “Projeto para uma psicologia científica” (1895); e o aparelho de memória, na “Carta 52” (1896). Nesses textos, Freud traça uma trama elaborada acerca da temporalidade e do registro psíquicos, em referência à memória e à linguagem, conforme indica Garcia-Roza (1993).

No “Projeto” é concedido destaque ao ego como organização mental, como protagonista e agente de fenômenos psíquicos. Muitas ideias desse texto podem ser

consideradas, inclusive, como embrião de desenvolvimentos ulteriores da metapsicologia, seja pela familiaridade que apresentam com alguns elementos da primeira tópica, seja também pela proximidade, ainda que em esboço, com as futuras elaborações de “Além do Princípio de Prazer”, e que virá a ser publicado apenas em 1920; e, acrescentemos ainda, com a conceituação estrutural do ego da segunda tópica, apresentada em 1923, em *O Ego e o Id*.

O texto de 1895 é construído com uma terminologia específica, uma vez que Freud busca no modelo neurológico um paradigma metafórico, dotado de alto nível especulativo, para traçar a geografia, a economia e a dinâmica psíquicas. Apesar de escrito em 1895, Freud nunca o tornou público; este texto foi publicado vários anos após sua morte, em 1950. As ideias nele desenvolvidas ficaram, por muito tempo, fora do campo de diálogo com outros autores, e, também, fora da discussão interna à sua própria obra. Mas, como assinala Monzani (1989/2014), o “Projeto” já traz muitos elementos que serão aprofundados, *a posteriori*, na obra freudiana.

No referido texto, o enfoque de Freud é dado à dimensão energética da vida psíquica. A base de sua problemática é a quantidade de energia, a soma de excitação e a cota de afeto: termos quantitativos relativos à energia que atua, tanto internamente quanto incide, de fora, sobre o psiquismo. Disso resulta a ideia de que o psiquismo é *marcado* pelos estímulos que recebe, necessitando também da criação de uma trama com função organizadora da energia circulante.

Freud parte de duas premissas que fundamentarão o desenvolvimento teórico posterior: a noção de quantidade de energia (Q) é referente à distinção entre atividade e repouso, estando, por isso, sujeita às leis gerais do movimento; e o neurônio – que seria a partícula investida por essa energia circulante – geraria um caminho energético determinado dentro da trama neuronal criando certa ordenação para as quantidades de energia que ocupam o aparelho. Conforme pontua Mano (2013, p. 32), esta última característica oferece já um continente de onde se pode visualizar a dimensão de organização. Atualizando a leitura do “Projeto”, podemos entender que a quantidade de energia se refere à pulsão, e o neurônio à representação.

Além disso, Freud postula o “princípio de inércia” como princípio fundamental da atividade mental, ou seja, que a tendência originária do psiquismo seria esvaziar-se, isto é, descarregar toda a quantidade de excitação. No entanto, o princípio de inércia não se mantém imperativo devido à impossibilidade de se efetivar uma descarga completa

dos estímulos internos no exercício de manutenção da vida. Entra em ação, então, o princípio de constância, que visa manter a quantidade de energia constante com um nível mínimo indispensável. Desde esse estágio da teoria freudiana, as sensações de prazer e desprazer são diretamente relacionadas à diminuição e ao aumento de tensão interna, respectivamente.

Em relação à teoria neuronal, Freud supõe três sistemas de neurônios que se diferenciam por sua função: os neurônios Φ (percepção ou sensação), ψ (memória) e ω (consciência). Laplanche (1985, op. cit., p. 64) pontua que o sistema ψ , corresponde ao conjunto dos sistemas mnésicos e, mais especialmente aos sistemas inconscientes, se situa no entrecruzamento de três vias: a que liga a Φ e às excitações externas; a que lhe traz certas informações da consciência (ω) e, por fim, mediante uma espécie de periferia interna, às vias que trazem as excitações fisiológicas do interior, isto é, do corpo. Este conjunto de sistemas tem em mente explicar a questão da memória no aparelho psíquico. Para isso, há, em primeiro lugar, a questão do registro da percepção e, em segundo, sua memória.

Uma determinada “quantidade”, advinda do mundo externo, incide sobre o aparelho psíquico atingindo a tela protetora. Em seguida, esses estímulos alcançam o sistema Φ , responsável pela percepção, e só então são impressos no psiquismo no sistema ψ , da memória. Essa diferenciação entre percepção e memória só é possível porque no sistema perceptivo os neurônios não se alteram com a passagem de energia, enquanto no sistema mnêmico são marcados e modificados pelo fluxo de energia que os atravessa. Já os neurônios do sistema ω , ligados à consciência, não são capazes de receber e transportar a energia, mas captam o período, o intervalo rítmico do fluxo de energia em determinado intervalo de tempo, atribuindo-lhe os aspectos qualitativos de prazer e desprazer.

Cria-se, assim, a *facilitação* entre os neurônios onde há a passagem de energia, uma vez que seu fluxo diminui a resistência entre os neurônios, isto é, atenua a *barreira de contato* entre eles. As facilitações revelam o mecanismo da memória, ao dar preferência a um caminho neuronal percorrido anteriormente. Ao pôr em cena a noção de barreira de contato, Mano (2013, op. cit., p. 33) assinala que Freud já anuncia uma função continente como elemento fundamental do psiquismo, a qual impõe limites ao livre escoamento das quantidades, contendo e armazenando a energia para poder encaminhá-la em outros sentidos. Anzieu acrescenta que esta noção contém um

paradoxo, por se tratar de “uma barreira que fecha a passagem por estar em contato e que, por este mesmo motivo, permite em parte a passagem” (Anzieu, 1985/1989, p. 85), tal como virá a ser posteriormente concebida a ideia de fronteira egoica.

Apesar de não ser retomada em outros textos de Freud, a noção de barreira de contato merece destaque para se compreender a estrutura e a função do ego. Se por um lado, Freud nos apresenta a noção de para-excitação por meio da tela protetora cuja tarefa seria proteger o psiquismo da intensidade das excitações de origem externa, por outro as barreiras de contato atuam no interior do psiquismo fazendo escoar a energia interna por vias determinadas. “Sua proteção não é de proteção quantitativa, mas de fracionamento da quantidade e de filtragem da qualidade. Sua estrutura não é uma tela, mas uma ‘peneira’” (Anzieu, 1985/1989, op. cit., p. 89).

Já no “Projeto”, as qualidades de fronteira – tanto externa quanto interna – próprias ao conceito de ego, constitui aspecto que será aprofundado ao longo de toda a obra freudiana. As características estruturais aqui ressaltadas revelam uma estrutura em camadas, com dupla interface (voltada para dentro e para fora). Embora sintética, a introdução que fizemos sobre a teoria elaborada no “Projeto” nos permite indicar elementos essenciais de como o ego é conceituado nesse período da obra freudiana.

com a hipótese da “*atração de desejo*” e da propensão ao *recalcamento*, já abordamos um estado de ψ que ainda não foi discutido. Pois esses dois processos indicam que em ψ se formou uma organização cuja presença interfere nas passagens [de quantidade] que, na primeira vez, ocorreram de determinada maneira [isto é, acompanhadas de satisfação ou de dor]. Essa organização se chama “ego”. Pode ser facilmente descrito se considerarmos que a recepção sistematicamente repetida de Q_1 endógena em certos neurônios (do núcleo) e o conseqüente efeito facilitador produzem um grupo de neurônios que é constantemente catexizado e que, desse modo, corresponde ao veículo da reserva requerido pela função secundária. O ego deve, portanto, ser definido como a totalidade das catexias ψ existentes em determinado momento, nas quais cumpre diferenciar um componente permanente e outro mutável (Freud, 1895[1950]/2006, op. cit., p. 375).

A compreensão do ego sintetizada nesta citação nos fala de uma organização permanentemente investida, que modifica os cursos das quantidades de energia por meio das diferentes facilitações criadas pelas barreiras de contato. Há um núcleo do ego no interior de ψ , que permanece em estado ligado. Seria este investimento constante e permanente no interior do aparelho uma prefiguração, em outros termos, da função constituinte do narcisismo como primeira forma de estruturação do ego, tal como virá a

ser proposto em 1914? Não se trata aqui, evidentemente, do ego como objeto de amor, mas desejamos sublinhar que ele requer uma quantidade mínima de energia permanentemente investida no interior do aparelho para, a partir daí, ser capaz de exercer sua atividade de inibição.

Sustenta Laplanche (1985, op. cit., p. 69) que o “núcleo do ego” é um grande reservatório que age por meio de sua carga energética. A energia da qual o ego é carregado é de origem endógena: é uma parte da energia pulsional que vem armazenar-se num investimento constante. A partir desse núcleo, o ego é capaz de promover mobilidade pulsional na periferia de um núcleo fixo, criando fronteiras ou zonas de influência que podem experimentar uma tendência de expansão ou de retração. Novamente, localizamos no “Projeto” a qualidade do ego como organização de fronteira, não apenas por instaurar um limite interno, mas por se constituir, ele próprio, uma complexa zona complexa de intermediação entre pulsão e descarga.

Retomando a questão da memória, podemos agora relacioná-la ao ego a partir do processo secundário. Em termos mecânicos, a memória é fruto da diferença de facilitações. O trilhamento criado pelas barreiras de contato, com maior ou menor grau de facilitação, é inaugurado pelas vivências de dor (levando à repulsa e ao conseqüente recalçamento da imagem mnêmica hostil) e de satisfação (cujo poder é de atração pelo traço mnêmico do objeto desejado), e que deixam marcas no aparelho neuronal. Os caminhos abertos para a circulação da energia remetem às experiências anteriormente vividas cujas marcas são impressas no psiquismo.

O processo primário consiste no curso automático da energia, que se dá pelos caminhos abertos via facilitação, proporcionando uma revivência (alucinatória) da vivência inaugural de satisfação. A circulação de energia nos circuitos neuronais teria a tendência à repetição uma vez que a própria estrutura neuronal determina a ação desse mecanismo. No entanto, a reocupação das representações do objeto hostil seria geradora de “afeto” (liberação súbita de intensa descarga somática); as novas ocupações das representações de vivência de satisfação acarretariam descarga motora ineficaz. A frustração e o desamparo, advindos desse funcionamento alucinatório, fazem com que o ego aprenda a não investir da mesma forma as representações do objeto de desejo. Assim, o processo secundário decorreria da inibição do processo primário pelo ego, de onde surgiria novo direcionamento para a energia circulante por meio de investimentos

colaterais. Nota-se, logo, que a instauração do processo secundário é fruto de um *trabalho* do ego, que efetua novas ligações entre os neurônios.

Além da redistribuição da energia interna, ou ainda, da modificação da rede de circulação desta através de novas associações, o ego também é responsável pela diferenciação entre percepção e lembrança. O processo secundário só consegue implantar-se com a “utilização correta das *indicações de realidade*, e que só se torna possível quando existe inibição por parte do ego”, esclarece Freud (1895[1950]/2006, op. cit., p. 379). Portanto, a função de inibição do ego tem a tarefa de conferir um signo de realidade impedindo a alucinação (Id., *ibid*, p. 378). Isso porque um intenso investimento da lembrança pode conferir-lhe um grau de realidade tornando-a alucinatória – o ego, dessa forma, deve inibir tal intensidade de investimento no sistema ψ . Não se trata exatamente de entrar em contato com o mundo externo, trazendo sua realidade para o interior do psiquismo mas, antes, de inibir processos no interior do aparelho mental. Laplanche sublinha ainda que:

o indivíduo psíquico e biológico percebe diretamente a realidade [externa], que ele possui um signo para reconhecê-la, e que não tem necessidade de um “ego” para isso. É somente quando esse modelo está firmemente estabelecido e ligado à realidade, que o ego vai ser “introduzido” num capítulo especial. Na realidade, a função do ego não se faz necessária para aceder à realidade no mundo exterior, mas para discriminar o que é realidade *daquilo que quer se dar como realidade vindo do interior*. Em outros termos, trata-se do problema da *excitação interna* e de sua repercussão nos sistemas mnésicos, nos sistemas das “representações”, já inscritas em ψ (Laplanche, 1985, op. cit., p. 65).

Há também o fenômeno da dor, que se caracteriza pela ruptura dos dispositivos de proteção gerando imenso afluxo de energia para o interior do ψ , excedendo também os limites das barreiras de contato. Nesse caso, um segundo investimento não resultaria em alucinação, mas numa inundação de afeto no psiquismo. Sobre este ponto, Freud declara ser mais fácil para o ego domar o curso dos investimentos evitando a reincidência nos casos de satisfação do que nas situações de dor. Esta supõe uma intensidade muito maior do que as vivências de satisfação. Conforme assinalam Caropreso & Simanke:

Trata-se, nesse caso, de “recordações ainda indomadas”, segundo a expressão freudiana, ou seja, recordações ainda não submetidas à regulação por parte do eu. Mas, então, pergunta-se Freud, o que acontece com essas recordações capazes de afeto até que elas sejam “domadas”? A resposta é que o eu precisa antes obter poder sobre

elas, isto é, essas representações precisam ser submetidas a uma *Bindung* (ligação), precisam ser integradas nos circuitos neuronais que constituem o eu. (...) Isso significa, então, que o eu a princípio não teria condições de impedir a ocupação de tais representações ou mesmo de inibi-las em parte: apenas gradualmente adquiriria poder sobre elas, por meio de repetidas tentativas de ligá-las. Antes que isso acontecesse, não seria possível impedir sua recordação, nem a liberação de desprazer resultante; depois, a ocupação destas representações se limitaria a um mínimo que permitisse apenas sinalizar ao curso do processo associativo que aquele caminho conduz ao desprazer e deve ser evitado (2006, p. 213).

Identificamos aqui algumas questões com as quais Freud virá a se deparar no decorrer de sua obra: quais são os meios do ego para exercer o domínio da energia pulsional? Em que se configura a consciência? Quais os recursos e os limites do ego para a manutenção da economia psíquica? Como se efetua a distinção de percepção entre memória e realidade? Ou ainda: quais são os limites – e como são reconhecidos como tais – entre interno e externo?

O ego aqui é, nitidamente, uma instância que não se confunde nem com a pessoa, nem com o aparelho psíquico e não tem nenhuma relação especial com a consciência. Ele é essencialmente um agente executivo que produz certos efeitos no fluxo e na distribuição de energia (Monzani, 1989/2014, op. cit., p. 235).

Diante do exposto, observamos que o *Projeto* contém uma teoria do ego bastante avançada, apesar de os anos subsequentes serem marcados por certo ofuscamento de seu valor na teoria freudiana. As noções de ligação, para-excitação, trabalho psíquico, processo secundário, índice de realidade, entre outras, se manterão presentes em relação ao campo do ego (seja em sua estrutura ou em sua função) ao longo de toda a obra.

I.3 – A primeira tópica: a criação de uma fronteira interna

No contexto da primeira tópica, o ego mantém estreita relação com sua função defensiva, mas em *A Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900/2006) seus atributos serão atualizados à luz da análise dos sonhos em lugar dos elementos advindos da psicopatologia. O conceito de ego fica, no entanto, em segundo plano neste período da teoria, voltando a ser elemento de destaque na metapsicologia apenas futuramente, com a emergência do narcisismo. Segundo Monzani (1989/2014, op. cit., p. 236), em *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2006, op.cit.) temos, por um lado, uma redistribuição das funções do ego e, por outro, uma tendência geral a identificar este

conceito com o sistema pré-consciente/consciente. “Freud está muito mais preocupado em delimitar, circunscrever e estabelecer as leis e regras que regulam esse espaço absolutamente original [o inconsciente] (...) do que propriamente caracterizar seu polo oposto – o domínio dos processos secundários ou da instância de defesa” (Monzani, 1989/2014, op. cit., p. 236).

Freud considera o recalçamento como mecanismo de defesa elementar para a constituição psíquica. Traçando um esquema geral da operação do recalque, podemos resumi-lo da seguinte maneira, de acordo com o *Vocabulário*:

(...) supõe que o trauma se produz em dois tempos separados um do outro pela puberdade. O primeiro tempo, o da sedução propriamente dita, é caracterizado por Freud como acontecimento sexual “pré-sexual”; o acontecimento sexual é trazido do exterior a um sujeito que ainda é incapaz de emoções sexuais (ausência das condições somáticas da excitação, impossibilidade de se integrar a experiência). A cena, no momento em que se produz, não é objeto de um recalque. Só no segundo tempo um novo acontecimento, que não implica necessariamente um significado sexual em si mesmo, vem evocar por alguns traços associativos a lembrança do primeiro. (...) é em virtude do afluxo de excitação endógena desencadeado pela lembrança que esta é recalçada (Laplanche & Pontalis, 2004, op. cit., p. 469).

A compreensão do mecanismo de recalçamento em dois tempos, tal como aponta o trecho acima, será de extrema importância para a concepção do aparelho psíquico formulada no texto de 1900 (Freud, 1900/2006, op.cit.), e já esboçada na “Carta 52” (Freud, 1896/2006). A questão da memória, fundamental para a noção de trauma e de recalque – questões presentes desde a teoria da sedução – nos mostra como ela opera também “na base da causalidade psíquica, como produz e organiza a percepção do presente, como o registro das experiências é dependente do aspecto pulsional envolvido” (Tanis, 1995, p. 44).

A constatação de que “a memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações” (Freud, 1896/2006, op. cit., p. 281) é básica numa concepção segundo a qual o desenvolvimento de um aparelho psíquico precisa dar conta da inscrição dos traços mnêmicos frente a essa temporalidade. Segundo o modelo da “Carta 52”, haveria diferentes estratos do aparelho de acordo com a função que desempenham: as percepções, indicação da percepção, inconsciência e pré-consciente. E no limite entre essas fronteiras, de acordo com Freud, “é preciso que ocorra uma tradução do material psíquico” (Freud, 1896/2006, op. cit., p. 283).

A passagem de um estrato a outro, por transcrição, retira a carga energética da anterior, de forma que uma falha nessa operação implica o anacronismo de determinado material psíquico funcionar de acordo com o estado anterior. O recalçamento se configura, justamente, por uma falha numa etapa da tradução. Neste esquema, o ego corresponde à terceira transcrição (pré-consciente), ligada às representações verbais e obedecendo às regras do processo secundário.

Com a emergência da primeira tópica, a conceituação do aparelho psíquico se baseia na ideia de sistemas: o inconsciente (Ics), o pré-consciente (Pcs) e o consciente (Cs). O ponto relevante dessa estruturação teórica está na observação das relações dinâmicas existentes entre esses sistemas por meio de suas relativas posições, numa orientação progressiva-regressiva. O terreno do ego não é diretamente explorado aqui, mas pode ser identificado, de modo geral, como ligado ao sistema Pcs-Cs, ao controle motor, à linguagem, e ao recalque. Enquanto instância defensiva, ele atuaria na censura dos conteúdos recalçados. Entretanto, se no “Projeto” era a própria organização egoica que tinha a função de elaboração do processo secundário, na primeira tópica o papel moderador e inibidor do ego encontra-se no sistema pré-consciente (Laplanche & Pontalis, 2004, op. cit., p. 130). Por fim, o ego também seria o portador do desejo de dormir.

Bomfim (2008, p. 35-36) aponta alguns problemas centrais com os quais Freud se depara na referida obra de 1900, e que estariam diretamente articulados à noção de ego. Primeiramente, a inserção da consciência na tópica oscila entre a extremidade perceptiva e a motora – questão que será, aliás, objeto de debate ao longo de toda a obra freudiana. O segundo problema concerne à origem das representações e ao seu recalçamento, estando relacionado ao estatuto do inconsciente, até então considerado como equivalente ao conteúdo recalçado. Se Freud considera nesse momento que a representação tem sua origem no inconsciente, Bomfim questiona “como o inconsciente seria equivalente ao reprimido, uma vez que se subentende que serão reprimidas as representações pré-conscientes e estas serão investidas pelo inconsciente?” (2008, op. cit., p. 35). Esta questão, presente desde esse período, será parcialmente resolvida com o conceito de recalque originário em 1915. Mas, o problema dos limites do inconsciente, do recalçado, o estatuto do pré-consciente e a extensão do ego será também, como mostraremos posteriormente, objeto de discussão no texto de 1923, “O ego e o id” (Freud, 1923/2006).

A mudança de paradigma da visão factual da sedução para a fantasia – que configura um dos pontos centrais de *A Interpretação dos Sonhos* – fará Freud se deter na dualidade de uma realidade material frente à realidade psíquica. O ego é o agente mediador e o representante da realidade externa frente ao interior do psiquismo. Em última instância, o ego tem a função de pôr um limite ao desejo. Esse limite funciona, em parte, como força opositora à demanda das pulsões sexuais, agindo, ao mesmo tempo, de maneira enviesada de acordo com a lógica do princípio de prazer. Isso porque é necessário limitar o desejo frente ao princípio de realidade para prevenir a frustração.

O sonho se apresenta como paradigma da formação de compromisso na qual um conteúdo inconsciente pode ser expresso ao sofrer certa transfiguração. Trata-se, pois, de um compromisso entre o ego e o inconsciente recalcado. Este não pode emergir na consciência de maneira direta, seu conteúdo sendo incompatível com as exigências egoicas, permanecendo, portanto, sob a ação da censura. O material recalcado sofre uma mutação, o que permite a passagem desses elementos à consciência, de modo que, tanto o ego quanto o inconsciente ficam, em parte, “satisfeitos”. Aqui, o sistema responsável pelo processo defensivo é o sistema Pcs-Cs, muitas vezes tomado como equivalente ao ego. Contudo, ao tratar dos sonhos de punição, Freud faz uma observação importante:

O que neles se realiza é também um desejo inconsciente, a saber, o desejo do sonhador de ser punido por uma moção de desejo recalcada e proibida. Nessa medida, tais sonhos se enquadram no requisito aqui estabelecido de que a força propulsora para a formação do sonho seja fornecida por um desejo pertencente ao inconsciente. Uma análise psicológica mais minuciosa, no entanto, mostra como eles diferem de outros sonhos de desejo. (...) embora se trate também de um desejo inconsciente, deve-se considerá-lo pertencente não ao recalcado, mas ao “ego”. (...) o mecanismo da formação dos sonhos seria muito esclarecido, em geral, se, em vez da oposição entre “consciente” e “inconsciente”, falássemos na oposição entre o “ego” e o “recalcado” (Freud, 1900/2006, op. cit., p. 587).

Temos, assim, uma suposição problemática no que diz respeito à ideia de uma equivalência estrita entre ego e sistema Pcs-Cs. Ao considerar que os sonhos de punição resultariam do trabalho do ego e seriam, ainda assim, um desejo pertencente ao inconsciente, não é com facilidade que se poderia, então, afirmar que o domínio do inconsciente não atingiria também partes do próprio ego. Freud argumenta que esse desejo punitivo seria decorrente de um desejo inconsciente não derivado do recalcado e, portanto, pertencente ao sistema Pcs (Id., *ibid.*, p. 587).

Tais afirmações já revelam certa imprecisão quanto aos limites do inconsciente, ao modo de atuação do pré-consciente e ao seu estatuto na tópica. De que maneira este teria um “desejo” inconsciente não recalcado que atua no sonho, sendo o próprio pré-consciente o espaço do processo secundário, da resistência e da censura? Não podemos deixar de notar como a passagem supracitada mostra, desde esse momento inicial da obra freudiana, certa ambigüidade da noção de ego quanto a esse aspecto. Aponta Monzani:

O “ego”, em Freud, tem um estatuto ambíguo desde seus primeiros textos. Ora ele parece se identificar com o sistema percepção-consciência, ora ele parece ser mais extenso que este último, levando em conta seus domínios para além do consciente e do pré-consciente, e mergulhando no inconsciente. O que significa dizer que essa oscilação, essa ambigüidade no pensamento de Freud, não está essencialmente ligada à instauração da primeira tópica, já que ela é *posterior* a essa oscilação e apenas a mantém (Monzani, 1989/2014, op. cit. p. 237).

O estudo que se segue ao desenvolvimento da primeira tópica será marcado por um período de ostracismo do conceito de ego na obra de Freud. Sua conceituação se apresentava, até então, sem uma delimitação muito precisa: era tido como agente de contenção do sexual disruptivo, implantando e sustentando o recalque, estando, portanto, ligado ao processo secundário, à elaboração psíquica, à linguagem, ao controle motor, à diferenciação entre alucinação e realidade. De acordo com essa perspectiva, a impressão é de que o ego seria um agente neutro no psiquismo, com poder de veto e cuja função seria a de mediação entre interno e externo e, igualmente, a de negociação interna entre o desejo e o interdito. Por outro lado, Freud denuncia em sua análise – tanto clínica quanto da psicopatologia cotidiana – que o ego constantemente fracassa em sua função justamente pelo caráter imperativo do sexual, que insiste em escapar, desviando-se das tentativas de domínio do ego.

Será apenas em 1914 que a problemática do ego se tornará central na teoria, com a introdução do narcisismo. Todavia, há nesse ínterim o desenvolvimento do conceito de pulsão, sem o qual não será possível acompanharmos os problemas que emergem nas esferas da clínica, da metapsicologia e da psicopatologia. No entrecruzamento desses campos, o ego se mostrará um ponto-chave para a compreensão das dificuldades das elaborações freudianas, como veremos em detalhe mais à frente; ao mesmo tempo, o próprio conceito de ego se complexificará, sendo fortemente ressaltado seu caráter fronteiriço. Com o conceito de pulsão, será possível sustentar um ego desafetado? De

onde viria seu poder de mediação, até onde este se estenderia? Como se daria a sua gênese? O ego poderia ser pensado fora da esfera pulsional?

I.4 – O primeiro dualismo pulsional

No “Projeto” (1895), Freud supõe a existência de estímulos endógenos, de energia e de um impulso interno que impele a um movimento de descarga. Mas apenas em 1905, em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” a pulsão será conceituada para dar conta dessa exigência interna que engendra a atividade psíquica. Freud fundamenta a pulsão a partir do paradigma do instinto, supondo um movimento complexo e paradoxal de apoio no corpo somático e ao mesmo tempo de desvio, através de três eixos principais: a fonte, o objeto e a meta da pulsão.

Ao prazer de mamar advindo da satisfação de aplacar uma necessidade vital – a fome – soma-se um prazer de outra ordem que não se refere mais a um objeto real (no caso, o leite), mas a um fantasma deste objeto (a alucinação do seio materno). A estimulação oral busca a repetição do prazer vivenciado pelo ato da amamentação. Ao se referir ao objeto fantasístico, a pulsão sexual está sob o domínio do princípio de prazer, funcionando no regime do processo primário: o processo alucinatório que produz o objeto de satisfação perdido realiza na fantasia o desejo.

Uma das noções subjacentes que aqui nos interessa em nossa análise da genealogia da questão do ego é a de pulsão parcial explorada por Freud em sua elaboração sobre o autoerotismo. Nesta primeira fase do desenvolvimento da libido, a pulsão se satisfaz no próprio corpo, sem auxílio de um objeto externo, podendo encontrar alívio de diversas formas, não obedecendo a uma hierarquia genital. O corpo autoerótico é satisfeito através do prazer de órgão – a pulsão sexual encontra sua descarga em zonas eróticas localizadas e dispersas. Trata-se, então, de pulsões parciais que se satisfazem nessas zonas de modo parcial, isto é, sem estarem integradas numa totalidade. Não há, portanto, um objeto total ao qual a pulsão sexual se dirige nessa modalidade de organização libidinal. Não há no autoerotismo um objeto externo, mas antes um objeto internalizado que reaparece na fantasia (Laplanche, 1985, op. cit., p. 27). No entanto, não há também um objeto total, visto seu caráter fragmentário. Nota-se desde já que, pensar a pulsão nos remete diretamente ao modo de relação com o objeto que está em questão.

Além disso, o conceito de pulsão nos remete à importante relação, fronteira, entre corpo e psiquismo. Ao postular a pulsão Freud a situa num espaço fronteira envolvendo a esfera do corpo somático, do corpo erógeno e do registro psíquico. A ordem do psiquismo se inscreve no plano da representação: os estímulos somáticos geram determinada excitação (aumento de tensão) que precisa encontrar alívio (descarga) liberando sensação de prazer. Os objetos por meio dos quais a pulsão consegue obter a sua descarga são inscritos no psiquismo como representações – são os representantes a que a pulsão se liga para traçar o seu caminho de escoamento. Nesse sentido, a pulsão se situa nas fronteiras entre o corpo e o psiquismo.

A quantidade de excitação gerada pelo aumento de tensão numa determinada zona erógena visa, no processo primário, a descarga direta. Considerando a sexualidade em seu aspecto ampliado, Freud abarca em seu seio, na emergência imperativa do sexual, todo o movimento pulsional que engendra a atividade psíquica, isto é, ela própria é tomada como o motivador do funcionamento mental. No entanto, para a manutenção da vida, é preciso que esse processo seja controlado e que haja, portanto, a instauração do processo secundário a partir do trabalho do ego. Estes dois processos psíquicos se articulam com o princípio de prazer e com o princípio de realidade, respectivamente. E é no bojo dessa oposição que Freud vai situar a dinâmica do conflito psíquico.

O conceito psicanalítico é dinâmico e atribui a origem da vida psíquica a uma integração entre forças que favorecem ou inibem uma à outra. Se, em qualquer circunstância, um grupo de ideias permanece no inconsciente, a psicanálise não infere desse fato, de que há uma incapacidade constitucional para a síntese que se evidencia nessa determinada dissociação, mas sustenta que o isolamento e o estado de inconsciência desse grupo de ideias foram causados por uma oposição ativa de parte de outros grupos. (...) A psicanálise ressalta que as repressões dessa espécie desempenham um papel extraordinariamente importante em nossa vida psíquica, mas que podem também, muitas vezes, falhar e que essas falhas da repressão constituem a precondição da formação de sintomas (Freud, 1910/2006, p. 222-223).

Em 1910, em “A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão”, surge, pela primeira vez, a designação de “pulsões do ego” para denominar o grupo pulsional que se opõe à pulsão sexual. Freud aí examina o mecanismo da formação do sintoma neurótico – com o exemplo da cegueira histérica – o que o leva a afirmar, novamente, que a irrupção do sintoma acusa uma falha do processo de recalque. No

entanto, a novidade reside em oferecer pela primeira vez um suporte pulsional ao polo do ego no conflito psíquico.

Mas qual pode ser a origem dessa oposição que provoca a repressão entre o ego e os vários grupos de ideias? (...) Descobrimos que cada instinto procura tornar-se efetivo por meio de ideia ativantes que estejam em harmonia com os seus objetivos. Estes instintos nem sempre são compatíveis entre si; seus interesses amiúde entram em conflito. A oposição entre as ideias é apenas uma expressão das lutas entre os vários instintos. Do ponto de vista de nossa tentativa de explicação, uma parte extremamente importante é desempenhada pela inegável oposição entre os instintos que favorecem a sexualidade, a consecução da satisfação sexual, e os demais instintos que têm por objetivo a autopreservação do indivíduo – os instintos do ego (Id., *ibid.*, p. 223).

Ao postular a existência de um segundo grupo pulsional que visa a autoconservação do indivíduo, Freud traz novamente à cena o corpo como campo de disputa pulsional. Mais do que isso, em um primeiro momento é no próprio corpo que se situa a fonte da pulsão, conforme dissemos. “Os psicanalistas nunca se esquecem de que o psíquico se baseia no orgânico” (Freud, 1910/2006, p. 227). Mas o corpo se apresenta, tanto como fonte, por incitar uma excitação psíquica ou fisiológica, quanto também como lugar de satisfação, seja através da estimulação erógena do órgão ou ainda da satisfação das necessidades vitais.

Freud demonstra que não se trata apenas de um conflito abstrato entre duas moções pulsionais distintas que atuam sobre a mente, mas a própria relação somático/psíquico vem a ser apresentada de forma complexa. A fronteira entre o corporal e o mental se revela, desde já, bastante porosa. O conflito pulsional pode, muitas vezes, ter o corpo como palco de disputa – e um exemplo disso seria uma perturbação psicogênica da visão. Trata-se de uma disputa entre pulsões que procuram se satisfazer sobre um mesmo espaço e, nesse confronto, o ego deve ser capaz de orquestrar o recalque e reagir defensivamente contra o excesso imperativo do sexual.

A autoconservação é aqui apontada como funcionamento psíquico ligado à manutenção da vida, à preservação do indivíduo. O paradigma clássico usado por Freud (1910/2006, *op. cit.*, p. 224) é o da fome e do amor. Trata-se, ainda, de compreender a diferença entre pulsão de autoconservação e instinto. Este seria um “esquema de comportamento herdado, próprio de uma espécie animal, que pouco varia de um indivíduo para o outro, que se desenrola segundo uma sequência temporal pouco suscetível de alterações e que parece corresponder a uma finalidade” (Laplanche &

Pontalis, 2004, op. cit., p. 241). Já a pulsão de autoconservação seria uma energia psíquica visando à manutenção das necessidades ligadas às funções corporais essenciais e, em última instância, à preservação do psiquismo.

A escolha da expressão “pulsões do ego” remete mais diretamente à energia que opera a serviço do ego no conflito defensivo. As pulsões de autoconservação seriam uma pulsão do ego. Freud, no entanto, não esclarece de maneira satisfatória qual seria a energia empregada nesta tarefa; nem mesmo insiste em trazer a autoconservação como polo do conflito defensivo de maneira extensiva em outros textos.

De fato, durante todo o período escalonado entre 1900 e 1915, o ego não intervém diretamente nas considerações tópicas. Por outro lado, o reconhecimento explícito da dualidade pulsional (sexual/egoica) em quase nada interfere nas discussões teóricas dos mecanismos psíquicos na medida em que as pulsões do ego não são consideradas nas discussões econômicas sobre esses mesmos mecanismos (Monzani, 1989, op. cit., p. 237).

Em 1911 Freud publica “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”, onde investiga a distinção entre o princípio de realidade, que regula as pulsões do ego, e o princípio de prazer, que rege a pulsão sexual. Vemos aqui que as pulsões do ego não possuem genealogia precisa, elas se encontram, antes, indiferenciadas da pulsão sexual – no bebê, ambas estão presentes, por exemplo, no ato de mamar. Isto quer dizer que não haveria uma primeira pulsão inicial a qual seria posteriormente repartida: elas atuariam, a princípio, de maneira indistinta, uma vez que a pulsão sexual estaria *apoiada* nas pulsões de autoconservação.

Ora, a pulsão do ego é regulada pelo princípio de realidade justamente porque, para garantir a sobrevivência, é preciso encontrar objetos do mundo exterior (como, por exemplo, o alimento). Tal princípio supõe que o indivíduo evite o desprazer causado pela frustração pulsional. No entanto, a primeira forma de apreensão da realidade externa, para Freud (1911/2006, p. 238), estaria ligada a algo desagradável que interrompe a satisfação (agradável) em curso.

A significação crescente da realidade externa elevou também a importância dos órgãos sensoriais, que se acham dirigidos para esse mundo externo, e da *consciência* a eles ligada. A consciência aprendeu então a abranger qualidades sensórias, em acréscimo às qualidades de prazer e desprazer que até então lhe haviam exclusivamente interessado. Institui-se uma função especial, que tinha de periodicamente pesquisar o mundo externo, a fim de que seus dados já pudessem ser conhecidos (...) a atenção. Ao mesmo tempo,

foi introduzido um sistema de *notação* [a memória] (Freud, 1911/2006, p. 239).

Trata-se, pois, do reconhecimento da realidade material, da investigação acerca do que é externo e do que é interno ao psiquismo, da diferenciação entre o dentro e o fora e da discriminação de suas fontes. Na passagem citada, Freud condensa a questão do sensorio, ligado à consciência, relacionando-a com a percepção, o registro psíquico e, num momento ulterior, a memória. Esse reconhecimento da realidade externa se subordina à necessidade de se encontrar na realidade os objetos para a satisfação pulsional. Desse modo, Freud identifica uma modificação no estatuto da descarga motora: o corpo não é retirado da cena da descarga pulsional, mas agora a descarga motora que antes se dava sem mediação psíquica pode ser empregada para alterar a realidade, transformando-se em ação.

Esse movimento de passagem do princípio de prazer ao de realidade é associado à coibição da descarga motora ao processo de pensar. Acompanhamos, assim, a supressão da descarga direta, via ação motora, para o trabalho de elaboração psíquica no pensamento. O pensar faz com que o psiquismo seja capaz de suportar maiores níveis de tensão cuja descarga será adiada. Com isso, a energia móvel no aparelho torna-se ligada, isto é, vinculada às representações. Nesse cenário, a fantasia – tanto o brincar infantil quanto o devaneio no adulto – restam como parcela dos processos de pensamento ainda ligados diretamente ao princípio de prazer, uma vez que abandonam a sua dependência dos objetos reais.

Tal como o ego-prazer nada pode fazer a não ser *querer*, trabalhar para produzir prazer e evitar o desprazer, assim o ego-realidade nada necessita fazer a não ser lutar pelo que é útil e resguardar-se contra danos. Na realidade, a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade não implica a deposição daquele, mas apenas a sua proteção (Freud, 1911/2006, 241-242).

A noção ego de prazer já nos indica um ego identificado com a função de satisfazer a pulsão sexual. Isso desestabiliza, inclusive, o caráter fundamentalmente antagonista entre a pulsão sexual e a pulsão de autoconservação. Apesar de Freud não trazer neste momento uma reflexão sobre certos aspectos problemáticos de sua teoria, nota-se que apesar de haver uma divergência antagônica entre os dois conjuntos pulsionais, ao colocar o trabalho do ego sob o domínio último do princípio de prazer a força radical de oposição entre ambos começa, de certo modo, a se enfraquecer.

O princípio de realidade atua num jogo pareado com o princípio de prazer, sendo uma espécie de regulador da vida psíquica, como aponta Mezan (2006, p. 157): ele é responsável pela consciência, pelo discernimento, o pensamento e todas as atividades mentais cuja energia de funcionamento é derivada da renúncia provisória à satisfação. Tal renúncia não é, portanto, tomada como oposição ao princípio de prazer, mas antes implica uma proteção contra os danos da frustração com que o ego poderia se deparar ao não encontrar um objeto real.

A noção de representação figura, neste momento, como ponto-chave na elaboração da teoria psicanalítica. Está ligada à capacidade de reter a energia psíquica a fim de utilizá-la para a realização ações específicas. Se é necessária a distinção entre alucinação e realidade, entre objeto fantasístico e objeto da realidade, essa diferenciação é essencial para que se possa buscar, no mundo concreto, uma atividade direcionada à satisfação da demanda pulsional. Sobre este ponto, Fortes discorre sobre a passagem da alucinação à representação:

É portanto a experiência de uma decepção que está na base da constituição da representação, havendo uma contraposição entre o registro do fantasma e o registro da representação. Enquanto o primeiro detona imediatamente o funcionamento da descarga, o segundo produz uma retenção, reservando energia para executar a ação específica que conduza à satisfação através dos objetos da realidade. Entre a demanda de satisfação exigida pela pulsão sexual e a ação que sacia esta demanda insere-se a representação. Dessa maneira, a passagem da alucinação para a representação associa-se ao estabelecimento do princípio da realidade (Fortes, 2012, p. 70).

O período de 1900-1914 é tido como um “período de hesitações no que diz respeito à noção de ego” (Laplanche & Pontalis, 2004, op. cit., p. 130). Isso pelo fato de a aplicação do termo ser por vezes vaga, ora designando o conjunto da personalidade, ora uma função inibidora sobre o processo primário, ou então sendo frequentemente relacionado à consciência ou mesmo como equivalente do sistema Pcs-Cs. Vimos que a relação de oposição entre ego e sexualidade é predominante nesse estágio da teoria freudiana. O conjunto das pulsões carrega algo de inconciliável, uma espécie de conflito que, no entanto, precisa sustentar um equilíbrio entre as partes. Está claro que Freud atribui à sexualidade uma função constitutiva do aparelho psíquico; o que se apresenta como um problema teórico é, em realidade, a força opositora ao sexual que fundaria sua dinâmica inexoravelmente conflitiva.

Inicialmente, postulou a oposição entre pulsão sexual e pulsão de autoconservação, visando tematizar o conflito entre a sexualidade impetuosa e o ego, entendido inicialmente como instância psíquica dessexualizada. A primeira teoria das pulsões visava contemplar (...) a oposição de forças estabelecida entre as moções sexuais na esfera psíquica e a defesa acionada pelo ego contra a impetuosidade dessas moções. O caráter disruptivo da sexualidade é um fato evidente nas primeiras formulações de Freud. A pulsão sexual, segundo esta lógica inicial, é entendida como força desestabilizadora para o ego, suscitando medidas de controle e moderação. A defesa psíquica, o recalçamento, incidiria justamente contra a agressão da pulsão sexual à esfera egoica (Padilha Netto, 2012, op. cit., p. 15-16).

A necessidade de afirmar o dualismo pulsional como sustentação do conflito psíquico que, para Freud, está presente desde as suas bases constituintes, o leva a opor o ego à sexualidade de maneira insistente neste primeiro período de sua obra em que o paradigma clínico básico é a neurose. Se a intenção de Freud consistia em separar a esfera do ego do campo sexual como espaços distintos e inconciliáveis e, por isso, em conflito; para Green (1988, p. 37), no entanto, o que se revela em suas constatações já no texto sobre a perturbação psicogênica da visão “longe de designar um fator não libidinal no eu, no exercício de suas funções somáticas, testemunha, pelo contrário, uma usurpação, uma invasão da libido no eu”.

Iremos, a seguir, nos debruçar sobre essa fundamental vertente da problemática do ego, a qual, impulsionada por questões colocadas por novos paradigmas clínicos, passa a ocupar de modo dominante a reflexão de Freud a partir de então, reflexão que se centra na complexa relação entre ego e sexualidade.

CAPÍTULO II

O narcisismo: delimitação das fronteiras do ego

A ênfase em uma teoria do ego – embora presente de forma latente no texto de Freud desde seus primeiros trabalhos – recebe destaque tardio se a comparamos com a teorização relativa a outros conceitos, como o de inconsciente e o de pulsão. Somente em 1914 será elaborada uma teoria da gênese do ego, como elemento estruturante do psiquismo, inserido, a partir de então, na trilha da sexualidade. As determinações dessa mudança de perspectiva em relação à questão do ego se encontram, em grande parte, em certos obstáculos encontrados na clínica, na interlocução de Freud com outros autores da época – com especial destaque para o debate com Jung – e em dificuldades internas à própria teoria que estava sendo construída.

A emergência do conceito de narcisismo na teoria freudiana é um marco com consequências importantes, tanto no campo da psicopatologia – por ampliar a compreensão a outros quadros além das neuroses de transferência – quanto no da metapsicologia, por reorganizar a problemática pulsional e da tópica psíquica. Conforme aponta Roussillon (2014, p. 69), a partir do momento em que introduz explicitamente o narcisismo e a questão do ego, Freud abre a problemática de uma delimitação interna no seio do psiquismo e, por conseguinte, a dos marcadores e operações que autorizam a passagem desse limite. Como veremos ao longo do presente capítulo, a discussão sobre as fronteiras do ego em relação ao mundo interno e dos seus limites diante da alteridade vem a ser articulada com a questão do atravessamento e também do investimento do ego pela força pulsional.

II.1 – Narcisismo: primeiras incursões

Antes de publicar o trabalho onde elabora o conceito de narcisismo, Freud introduz este termo em algumas passagens de outros textos. É em uma nota na segunda edição de 1910 dos *Três Ensaios* (1905) que vemos seu primeiro aparecimento. Nesse momento, o narcisismo é referido apenas a um tipo de escolha objetal no campo da sexualidade masculina, a homossexual. Esta mesma acepção será reforçada logo em

seguida, no trabalho sobre Leonardo da Vinci (1910a), onde a compreensão do narcisismo será mais explorada:

O menino reprime seu amor pela mãe; coloca-se em seu lugar, identifica-se com ela, e toma a si próprio como um modelo a que devem assemelhar-se os novos objetos de seu amor (...) encontra seus objetos de amor segundo o modelo do narcisismo (Freud, 1910a/2006, p. 106).

Além de relacionar o narcisismo com um tipo de escolha objetal da sexualidade adulta, Freud chega a essa ideia a partir da questão da identificação. É por ter se identificado com a mãe que esta modalidade de escolha objetal se faz possível. Desde essa passagem, portanto, a operação narcísica tem por base a identificação, sendo a escolha de objeto uma consequência desse primeiro movimento. Conforme explica Bomfim, a figura do indivíduo, a mãe e o objeto de amor compõem juntos uma espécie de equação que relaciona estes elementos a uma cadeia de identidade.

A mãe funcionaria como um modelo de identificação para o indivíduo que, por sua vez, procuraria, a partir de sua própria imagem – confusa, em essência, com a da mãe, objetos de amor, que seriam relacionados a sua pessoa quando mais jovem e aos quais seria devotado o amor outrora dispensado a ele pela mãe (Bomfim, 2008, op. cit., p. 51).

Dentro desse contexto, Green (1988, op. cit.) resgata o texto sobre *A perturbação psicogênica da visão* (1910b) inserindo-o na construção conceitual do narcisismo. Freud, ao colocar em destaque o órgão da visão apontando para a possibilidade de sua excessiva erotização, traz para a teoria a questão do olhar. No entanto, Green sublinha que esse olhar “se volta para dentro, onde outras aventuras o esperam” (1988, op. cit., p. 35), estabelecendo um estado narcísico. “Partindo do olhar, Freud liga o narcisismo ao domínio do visível” (Id., ibid. p. 36), mas esse olhar é de um direcionamento duplo: o olhar voltado “para dentro” só é possível porque houve um olhar, de fora, direcionado para a criança. Com isso, entendemos que a imagem de si só vem a ser constituída a partir do olhar do outro.

Além da questão da identificação com a figura materna, base desse processo, cabe também ressaltar a dimensão narcísica relativa à busca por um “igual” à imagem de si próprio. Todavia, Green adverte que a busca pelo seu próprio duplo “não será nunca um complemento, mas sim uma duplicata” (Green, 1988, op. cit., p. 36-37). É através desta observação, segundo a qual a procura do semelhante comporta o encontro com um duplo, que podemos deduzir que “o narcisismo é ele mesmo aparência e que por trás dele sempre se esconde a sombra do objeto invisível” (Id., ibid., p. 37). Desde

seu estágio mais elementar, o narcisismo não só é atravessado pela alteridade como também é constituído por ela num movimento paradoxal de encobrimento, diferenciação e separação. Nesse sentido, a construção de um espaço narcísico e, conseqüentemente, de uma delimitação do ego é precedida de um estado primário de confusão entre o eu e o outro.

Para Green (1988, op. cit., p. 36), outro texto precursor do conceito de narcisismo, apesar de pouco reconhecido quanto a esse aspecto, é “O homem dos ratos” (Freud, 1909) pela teorização que traz sobre a questão da onipotência do pensamento na neurose obsessiva, questão cuja elaboração retornará em 1913 com “Totem e Tabu” onde é traçado um paralelo entre o caráter mágico dos atos obsessivos e o sentimento de onipotência característico da fase animista. Mas, seguindo o caminho de Freud, é na investigação sobre o caso Schreber (1911b) que o termo narcisismo é concebido como percurso do desenvolvimento da libido, situado entre o autoerotismo e o amor objetal:

Pesquisas recentes dirigiram nossa atenção para um estágio do desenvolvimento da libido, entre o auto-erotismo e o amor objetal. Este estágio recebeu o nome de narcisismo. O que acontece é o seguinte: chega uma ocasião, no desenvolvimento do indivíduo, em que ele reúne seus instintos sexuais (que até aqui estavam empenhados em atividades autoeróticas), a fim de conseguir um objeto amoroso; e começa a tomar a si próprio, seu próprio corpo, como objeto amoroso, sendo apenas subsequentemente que passa daí para a escolha de alguma outra pessoa que não ele mesmo, como objeto (Freud, 1911b/2006, p. 68).

Freud acrescenta, aqui, um importante aspecto referente à problemática do narcisismo: é nesta configuração que temos pela primeira vez a ideia de o ego ser objeto de amor, de modo que o primeiro objeto integrado a ser investido pela libido é interno, isto é, o próprio ego. A dimensão corporal do narcisismo aparece também destacada nesse estudo de 1911, o corpo próprio sendo indicado como primeiro objeto amoroso. O termo narcisismo aparece, em um primeiro momento, relacionado à perversão, mas desde logo Laplanche (1985, op. cit., p. 73) pontua a importância do reconhecimento da totalidade do espaço corporal:

O que importa nesse primeiro esboço, nesses casos raros, mesmo que sejam exemplares, de “narcisismo-perversão” é a semelhança afirmada entre o próprio corpo e o “corpo de um objeto sexual” tratado como um todo, afagado, contemplado e acariciado: contemplação, cuidados e carícias são constituição e confirmação da forma total, do limite, do invólucro fechado que constitui o revestimento cutâneo.

Ao ser tomado como uma etapa na história da libido, o narcisismo também pode ser alvo de fixação ou regressão da libido no sujeito adulto, ganhando destaque no campo da psicopatologia. Dessa forma, Freud consegue estender a sua teoria sexual, antes voltada para o estudo da neurose, para buscar explorar os mecanismos da psicose. Sua análise do caso Schreber exige novas formulações no campo da metapsicologia para conseguir delimitar melhor o estatuto nosográfico desses quadros. Vemos que a emergência e a construção do conceito de narcisismo estão diretamente articuladas à clínica.

Com Schreber, o narcisismo passa a ser articulado com a paranoia como uma defesa radical contra a pulsão homossexual. Esta defesa está relacionada a um estado de fixação na etapa narcísica, que, para Freud, é o mecanismo-chave para a compreensão da psicose. Este retorno a um estado narcísico é a via pela qual ele explica a onipotência ao mesmo tempo em que aponta a retirada dos investimentos no mundo externo. A retração da libido explica o desprendimento do objeto externo e, por conseguinte, da realidade; esta energia é redirecionada para os objetos internos, para o ego, com dominância do campo da fantasia, o que permite traçar a relação entre a onipotência e o delírio, respectivamente.

Num primeiro tempo, é, antes de tudo, na esfera do ego e unicamente nessa esfera que se produz a tentativa de ‘ligação’ da energia libidinal liberada pelo fim de mundo e isto sob duas formas aparentemente bem diferentes: o delírio de grandeza e a hipocondria. Mas, quer o limite do ego se estenda até os espaços cósmicos, ou, ao contrário, flutuante, colocando o sujeito na iminência de transbordamento pela angústia, o combate psicótico, em seu início, se apresenta sempre como uma tentativa desesperada para demarcar novamente um certo território (Laplanche, 1985, op. cit., p. 74).

Laplanche considera o narcisismo como processo de estabelecimento de limites. O que está em discussão, desde o texto sobre Leonardo, é a fronteira entre o eu e o outro e, em Schreber, o limite entre a realidade e a fantasia, o espaço interno e o externo. Mas é em *Totem e Tabu* que o narcisismo é concebido como dimensão do aspecto estrutural na história do sujeito, continuando a existir mesmo depois do desenvolvimento de outras fases da libido. Freud afirma que é preciso inserir entre o autoerotismo e o amor objetal uma fase intermediária, que seria um segundo momento da primeira fase autoerótica.

Nessa fase intermediária (...) os instintos sexuais até então isolados já se reuniram num todo único e encontraram também um objeto. Este objeto, porém, não é um objeto externo, estranho ao sujeito, mas se

trata de seu próprio ego, que se constituiu aproximadamente nessa mesma época. (...) já temos motivos para suspeitar que essa organização narcisista nunca é totalmente abandonada (Freud, 1913/2006, p. 99).

Se no caso Schreber esta fase intermediária era entendida como ponto de fixação da libido, relacionado às defesas psicóticas e à escolha homossexual, aqui Freud o vincula diretamente ao posicionamento do ego como objeto interno. Ele sugere, ainda, que a própria constituição do ego se efetua neste período, posição teórica que será retomada no texto de 1914. Ademais, aqui já está presente também a ideia de um ego como reservatório da libido, apesar de Freud não explicitar essa formulação. Ele afirma que “um ser humano permanece até certo ponto narcisista, mesmo depois de ter encontrado objetos externos para a sua libido. As catexias de objetos que efetua são, por assim dizer, emanções da libido que ainda permanece no ego e pode ser novamente arrastada para ele” (Freud, 1913/2006, op. cit., p. 99). Com isso, há um apontamento de que o narcisismo é parte integrante do processo de constituição psíquica.

II.2 – O ego banhado pelo sexual: aspectos estruturantes

Embora tenhamos acompanhado até aqui as bases da teorização freudiana sobre o narcisismo, este termo só emerge como conceito em 1914. Em “Sobre o narcisismo: uma introdução” Freud sistematiza, ratifica e complementa seu entendimento sobre o que estava sendo elaborado em seus textos anteriores. Se num primeiro momento o narcisismo apresenta-se atrelado à perversão ou à patologia, aqui o narcisismo passa a ser fator constituinte do psiquismo “podendo mesmo reivindicar um lugar no curso regular do desenvolvimento sexual humano” (Freud, 1914/2006, p. 81).

Inserir o ego dentro da trajetória da libido como um caminho necessário para a constituição psíquica configura, nesse contexto, uma resposta à posição de Jung sobre a questão da psicose. Para este autor, essa patologia seria determinada por perturbações no interior do ego sem referência ao conflito entre pulsões sexuais e de autoconservação. Este apontamento leva Freud a reconhecer a centralidade do ego para o estudo das psicoses; no entanto, seu posicionamento é firme em sustentar a importância do sexual nesses casos de modo que, para ele, o ego engrandecido na psicose seria um ego sexualizado ao extremo (Santos, 2011, p. 40-41).

Todavia, a elaboração do conceito de narcisismo promove um abalo na metapsicologia freudiana, em especial no que diz respeito à teoria das pulsões sexuais e de autoconservação em relação ao ego. No início de seu artigo, afirma Freud que “o narcisismo seria o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autopreservação que, em certa medida, pode justificavelmente ser atribuído a toda criatura viva” (1914/2006, op. cit., p. 81). Yorke & Hacker (2014, p. 46) frisam que, nesse contexto, “narcisismo” significa amor de si, enquanto o “egoísmo” é a consideração por si próprio que se manifesta na pulsão de autoconservação. Esta observação de Freud se apresenta como tentativa de conciliar o conceito de narcisismo, prestes a ser sistematizado, com a sua primeira teoria das pulsões. Yorke & Hacker (2014, op. cit. p. 47) sublinham ainda que o conceito de “pulsões do ego” é mantido nesse artigo; mas o conceito de narcisismo coloca dificuldades para a teoria pulsional, demandando reexame.

Na introdução que escreveu para apresentar o artigo de Freud na *Standard Edition*, James Strachey salienta que o conceito de ego representa um ponto de transição na teoria. Afinal, o que se coloca como primeiro plano da problemática narcísica é o processo de constituição do ego em relação ao desenvolvimento da libido, isto é, o ego passa a ser vinculado à pulsão sexual a partir de sua estrutura. Lembremos, então, da primeira caracterização de Freud sobre a vida sexual infantil: o corpo não é entendido inicialmente em seu conjunto unificado, mas se configura em fragmentos de zonas erógenas dispersas, nas quais as pulsões parciais encontram satisfação. Em 1914 Freud mostra que o ego se apresenta como a figura que possibilitaria a unificação das pulsões. O processo de constituição do ego como agente psíquico é justamente resultado do investimento narcísico. Afirma Freud,

uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos [pulsões] auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo (1914/2006, op. cit., p. 84).

A respeito deste texto, Birman explicita “que o ego não existe desde o início, mas que se constitui num certo momento da história infantil, pela articulação das pulsões auto-eróticas que são investidas na constituição da auto-imagem” (Birman, 1984, p. 21). Esta afirmação assinala dois elementos importantes. Em primeiro lugar, a existência de um processo de constituição do ego, como já dissemos, de modo que podemos traçar a sua gênese em paralelo à operação do narcisismo. Em segundo lugar, é preciso perceber a virada que o conceito de narcisismo configura na teoria freudiana:

as pulsões sexuais, de acordo com este novo entendimento, tomam o ego como um objeto de investimento. Nesse sentido, o ego passa a ser libidinizado.

Ao colocar o narcisismo como condição estruturante do desenvolvimento psíquico, Freud complexifica sua rede conceitual e teórica. Conforme vimos em nosso estudo sobre as neuroses de transferência, o ego e a pulsão sexual travam uma relação de conflito por estarem em constante oposição. Para sustentar essa oposição, pretendia-se que o ego fosse um agente neutro em relação à força disruptiva do sexual. No entanto, com o narcisismo, ele deixa de ser “uma instância libidinalmente neutra no conflito psíquico” (Birman, 1984, op. cit., p. 22-23) para se tornar banhado pela libido.

A trajetória da libido pode ser traçada da seguinte forma: em um primeiro momento, a pulsão sexual é ainda fragmentada e encontra apenas objetos fantasísticos no autoerotismo; em um segundo tempo, há um investimento no ego – o primeiro objeto integrado que a libido investe, organizando as pulsões parciais – e é, em um movimento correlato, este investimento que constitui o ego; e em um momento ulterior, esta libido que estava investida no ego poderá ser dirigida aos objetos externos. Este investimento inaugural na esfera egoica será denominado por Freud, nesse texto de 1914, “narcisismo primário”. Aqui, ele possui função de estruturação psíquica por delinear o primeiro contorno organizado, integrando os limites corporais e psíquicos.

Nesse cenário, o ego é o grande reservatório da libido de onde emanam os investimentos objetais e é também o lugar para onde a libido retorna num movimento de retração, que será considerado como narcisismo secundário, como foi observado nas parafrenias, por exemplo. O foco da oposição vigente no psiquismo se dirige, nessa nova etapa da teoria freudiana, ao destino do investimento libidinal: pode-se investir tanto no ego (libido do ego), quanto em um objeto exterior (libido objetal).

Na *Conferência XXVI*, “A teoria da libido e o narcisismo” (1916-1917/2006), Freud evoca a imagem de uma ameba que emite os seus pseudópodos para capturar os objetos externos como analogia do movimento libidinal. Da mesma maneira que a ameba é capaz de retrair suas protruções formando novamente um glóbulo, a libido também poderia retornar ao ego. Essa capacidade de investimento/expansão, retração e retorno da libido denunciam o caráter plástico dos limites do ego, cuja mobilidade das fronteiras egoicas será explorada posteriormente por Federn (1952).

Em seu estado secundário, o narcisismo se perpetua como pivô de uma nova antítese pulsional que faz oscilar a libido narcísica e a libido objetal; os estados narcísicos, assim designados por um retorno da libido ao Eu, projetam a reflexividade do Eu, até então pouco

considerada. Em seu estado primário, o narcisismo é definido como um investimento original de integração e constituição do Eu e, nesse momento teórico, como reservatório da libido, concepção resgatada do *Projeto* (Mano, 2013, op. cit., p. 39).

Com isso, Freud está a afirmar a centralidade do sexual tanto na constituição psíquica quanto nos processos psicopatológicos. Todavia, a conclusão de que o ego é também envolto pelo investimento libidinal e de que é quem vai controlar os investimentos objetais, compromete a oposição tão demarcada entre libido/interesses do ego, ou ainda, entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação. A inserção do ego no eixo da sexualidade irá exigir uma revisão da teoria do conflito psíquico.

Essa mudança de perspectiva desloca a oposição da qualidade de cada uma das energias (sexual x “interesse”) rotuladas por Freud para o objeto de investimento da libido (no ego x em objeto exterior). Acrescenta-se a isso que investimentos objetais retiram sua energia da libido investida no ego, de modo que esta balança energética precisa encontrar um equilíbrio entre os investimentos internos e externos. Dessa forma, a questão da regulação dos investimentos libidinais inscreve-se como uma nova problemática para o funcionamento psíquico.

Roussillon (2014, op. cit., p. 68) sublinha que a partir do momento em que o narcisismo – e, portanto, a questão do autoinvestimento no ego e dos processos que lhe asseguram coerência e coesão – e do momento em que o ego e o conjunto de questões que este conceito evoca encontram um lugar na metapsicologia, todo o campo teórico da psicanálise será abalado diante dessas novas elaborações. Ainda de acordo com este autor, a questão da pulsão começa a se dirigir para o problema de sua introjeção no ego ou das formas do ataque ao ego quando esta introjeção é falha – tema que retornará nos escritos da década de 1920 e ainda nos textos finais de Freud.

O papel da etapa narcísica na história do sujeito está diretamente vinculado às relações entre interno e externo. Se a condição do narcisismo é a unificação das pulsões a partir do surgimento do ego que, por sua vez, para se consolidar precisa receber esses investimentos, então a formação egoica e o narcisismo primário seriam partes do mesmo processo. Tornar unificado é, além disso, delimitar um espaço interno coeso. Cardoso chama atenção para a importância de uma plasticidade na delimitação dessas fronteiras:

A “nova ação psíquica” que é o narcisismo vem agenciar a consolidação dos limites do espaço egoico, processo complexo que supõe a exigência não somente de uma delimitação, mas também de

uma harmoniosa flexibilização nessas fronteiras, tanto internas quanto externas (Cardoso, 2010, p. 19).

Mas a delimitação de um ego no seio do psiquismo, de acordo com Roussillon (2014, op. cit., p. 69), abre a questão relativa à interiorização dos representantes da pulsão em um espaço psíquico delimitado. Com este questionamento, Roussillon (Ibid., p. 70) se interroga sobre a modificação que a gênese do ego promove na vida pulsional e, de modo inverso, sobre as modificações que o ego sofre a partir da interiorização dos representantes pulsionais: que a “nova ação psíquica” vai garantir a organização das pulsões parciais com sua unificação dirigida a um objeto integrado – o ego – sabemos desde Freud. Mas a questão de Roussillon versa aqui sobre pontos que permanecem confusos na teoria freudiana.

Afinal, como podemos relacionar a integração narcísica e a unificação pulsional às organizações pré-genitais descritas no autoerotismo? Roussillon apresenta duas possibilidades de entendimento desta questão centradas na noção freudiana de “pulsão parcial”. Ou defende-se a ideia de uma natureza das “pulsões parciais” em sentido estrito, as quais seriam autônomas e independentes entre si e teriam origens diversas; ou entende-se que se trata de determinadas formas de organização da pulsão, de certa distribuição da energia pulsional, que é a mesma apesar de estar parcializada, fragmentada. Segundo o autor, só faria sentido pensar em termos de organização *versus* parcialidade da pulsão em relação ao domínio do ego, e não fora dele. Nesse sentido, o “parcial” está *no* ego, ou seja, é o ego que *parcializa* e contém o parcial (Roussillon, 2014, op. cit., p. 71).

A questão subjacente à provocação de Roussillon diz respeito aos modos de organização do ego anteriores ao narcisismo, em um tempo arcaico onde o ego ainda fragmentado apresentaria uma organização parcializada da pulsão. Ele propõe, com isso, um espelhamento inexorável entre as formas sucessivas de organização egoica e pulsional, apontando a tênue fronteira entre esses dois campos. É possível, afinal, pensar um ego dentro e fora da pulsão? Sua hipótese aposta na concepção de uma “introjeção progressiva da vida pulsional que se efetuará por ‘reorganizações’ sucessivas da vida pulsional pelo ego, em função do primado de certas experiências significativas de maturação deste último” (Id., *ibid.*, p. 72). O ego não estaria dissociado da pulsão, da mesma maneira que a organização pulsional não estaria fora de sua interação com o ego.

(...) sob a concepção do narcisismo primário o tema do continente psíquico se redesenha no horizonte freudiano, agora com a característica de envoltório psíquico, como aquilo que integra e delimita o Eu; como um espaço com uma forma configurando um dentro e um fora, pondo em relevo outras características da função continente do sistema psíquico. Ou seja, sob essa perspectiva, a ênfase desloca-se da atividade de pensar para a imagem e a noção de envoltório continente. Concebida em sua individualidade, diferenciada de seu entorno, a bolsa psíquica deve delimitar e manter o que lhe dá forma e proteger suas fronteiras das intrusões traumáticas do ambiente (Mano, 2013, op. cit., p. 39).

A indissociabilidade entre as esferas do ego e do pulsional, apontada por Roussillon, demonstra o difícil estabelecimento das fronteiras entre o campo tópico e o econômico, questão que vai acompanhar Freud ao longo de sua obra. Ora, o que é um destino pulsional que funda uma organização? Seria o ego, como no “Projeto”, uma determinada organização psíquica dos caminhos pulsionais e, nesse sentido, ele só é possível à medida que a energia o investe com uma quantidade mínima constante para assegurar sua existência? É possível pensarmos uma estrutura estática por onde circularia a pulsão? Afinal, o que Freud defende com o narcisismo primário não é senão a ideia de que a própria estrutura se ancora em uma base pulsional? Mais ainda, por ser fundado pelo investimento pulsional, isto não implicaria uma estrutura permanentemente plástica, por mais paradoxal que isso seja?

Este contorno que circunscreve um espaço interno é constituído a partir de “uma imagem vinda através do outro” (Birman, 1984, op. cit., p. 23). Segundo esta perspectiva, a alteridade é elementar no processo da formação do ego e da estruturação do psiquismo. A ação unificadora do narcisismo precisa delimitar um espaço interno, formado somente a partir do contato com a alteridade, inicialmente indistinta: trata-se, pois, de um processo de separação e diferenciação, isto é, de estabelecimentos de limites que possibilitam a distinção eu/outro. Mas de que forma, afinal, ocorreria essa passagem de um momento inicial onde não há delimitação específica entre o eu (interno) e o outro (externo), para um segundo momento constitutivo onde essas fronteiras são delineadas?

Para elaborarmos esta questão, sublinhamos novamente a prioridade da função da alteridade na constituição psíquica. A autoimagem formada no narcisismo, que figura a unificação daquele corpo autoerótico fragmentado, se constitui justamente através do outro. “(...) A criança se estrutura através da relação com o outro, mediante as figuras parentais que participam da instauração da onipotência primária, isto é, o narcisismo primário” (Birman, 1984, op. cit., p. 24). É em decorrência da relação com os seus

cuidadores, isto é, da criança com o adulto que a alimenta e a protege, que se dá a ação do narcisismo. Freud defende que o investimento dos pais sobre a criança, carregado de supervalorização, de expectativas e idealização, é assimilado pelo infante resultando em seu sentimento megalomaniaco de onipotência.

Sobre o filho seria então projetada toda a perfeição, e negado qualquer defeito. Ele seria o que os pais fazem dele, ao projetarem sobre ele seus ideais. Centro de toda a criação, segundo a expressão de Freud – *“his majesty, the baby”* –, a criança, aos olhos dos pais, veio para cumprir todos os sonhos não realizados por eles (Nicéas, 2013, p. 76).

O narcisismo primário é reflexo do investimento dos pais sobre a criança e, ao mesmo tempo, esta ação reflete também o inconsciente parental. É o mecanismo de introjeção que culmina numa identificação com traços do objeto: a ideia de “si mesmo”, desde a sua base, se dá em relação e em referência ao “outro”. Nesse sentido, o ego passa a ser formulado como “uma estrutura imaginária na qual o sujeito estabelece uma relação especular consigo mesmo sustentada na relação com o outro” (Birman, 1984, op. cit., p. 27). O ego seria desenvolvido a partir desse investimento reflexo somado a outros movimentos reflexivos; Afirma Laplanche:

Nos textos mais explícitos de Freud, define-se [o narcisismo] como unificação do autoerotismo (por essência disperso), sobre um objeto único; mas sobre um objeto que é também “auto”, um objeto que é sempre interno, “refletido”, e é exatamente por isso que é batizado com o nome do herói do espelho, Narciso. Este objeto refletido, está, conjuntamente, numa série de encaixes sucessivos, o próprio corpo ou ainda uma certa imagem unificada do próprio corpo, o “eu” (1988, p. 77-8).

É preciso, portanto, que este corpo seja assimilado como “meu”. A função materna – tanto no sentido da idealização parental, apontado por Freud, quanto nos cuidados necessários para a manutenção da vida – ancora o processo de organização das pulsões em um corpo unificado, cuja imagem espelhada será compreendida como “minha”. Green (1988, op. cit., p. 42) destaca que o processo de apropriação do corpo é conquistado a partir da criação de uma imagem, mas que só pode ser criada “sob os auspícios do olhar que o transforma em testemunho da forma do semelhante”.

De acordo com Laplanche, admite-se, assim, a existência de uma identificação muito inicial e sumária nessa primeira fase, que é justamente a identificação com uma forma concebida como limite, como envoltório, isto é, a pele. Essa relação identificatória passa, sobretudo, pelo “reconhecimento da forma do outro humano e a precipitação correlativa no indivíduo de um primeiro esboço dessa forma” (Laplanche,

1985, op. cit., p. 85). Esta passagem retrataria o movimento identificatório na gênese do ego. O narcisismo supõe, portanto, uma gênese do ego: pulsional intersubjetiva, alcançada na relação com a alteridade. O ego se situa num registro de fronteiras múltiplas. Fronteira interna, em relação à fonte pulsional e ao inconsciente, e também fronteira externa que garante a diferenciação entre o dentro e o fora, o sujeito e a alteridade.

II.3 – Os destinos do narcisismo

Freud se detém também no estudo dos aspectos narcísicos que atuam no indivíduo adulto. Ele explora o campo daquilo que delinea o normal e o patológico: versa sobre a dimensão narcísica determinante nos casos de apaixonamento, de dor física, no quadro da hipocondria, no das parafrenias e no da perversão. Além de investigar o papel do narcisismo no campo da psicopatologia e do desenvolvimento sadio, Freud explora os problemas relativos à técnica do manejo clínico. Ele atribui a causa da dificuldade do trabalho psicanalítico nos casos das psicoses (ou neuroses narcísicas) a uma atitude narcisista que impede o desenvolvimento do tratamento por colocar um limite à transferência. Isso põe em evidência a capacidade da libido de voltar-se para o próprio ego como objeto da pulsão, retirando-se dos investimentos objetivos. O que está em questão é, portanto, a caracterização das consequências do afastamento da libido do mundo externo.

Demonstra também que o narcisismo pode se apresentar como um tipo de escolha objetal. Neste ponto, essa escolha não se encontraria restrita à escolha homossexual masculina, como no caso de Leonardo, mas poderia estar alinhada a uma série de características, assim enumeradas por Freud (1914/2006, op. cit., p. 97): uma pessoa pode amar o que ela própria é, o que ela própria foi, o que ela gostaria de ser ou alguém que foi parte dela mesma. Já o amor de tipo por apoio tem por modelo a mulher que nutre e o homem que protege. O amor dos pais em relação aos seus filhos é movido também por uma dimensão narcísica: “se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram” (Id., *ibid.*, p. 97).

Observamos que neste ponto Freud indica a presença de certa “confusão”, por parte dos pais, em relação à diferenciação entre eles próprios e seu objeto, o filho. Essa

porosidade da fronteira entre o eu e o outro nas relações dos progenitores com seus filhos é dupla: se do lado da criança essa delimitação está para ser constituída, do lado dos pais vemos certa regressão ao estado narcísico ao perceberem subjetivamente os filhos como uma extensão de si próprios. E é necessária certa dose de supervalorização e idealização dessa criança para que ela venha a se constituir, à imagem do olhar das figuras parentais. Por fim, o superinvestimento parental tem como efeito um sentimento de onipotência e megalomania infantil no psiquismo da criança.

Freud desenvolve, ainda neste artigo de 1914, uma ideia fundamental para a compreensão da estrutura e do funcionamento psíquicos: o ideal do ego que se forma em relação à imagem de um ego ideal. Uma vez tomado como objeto de amor, o ego é passível de idealização como qualquer outro objeto. Nesse sentido, o ego ideal é resultado desta idealização e da onipotência infantil: “esse ego ideal é agora o alvo do amor de si mesmo (*self-love*) desfrutado na infância pelo ego real. O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual, como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição e valor” (Freud, 1914/2006, op. cit., p. 100).

Assim, o recalque agora é trabalhado em novos termos: a ideia inconciliável que engendra o recalque por parte do ego é inconciliável frente a um *ideal* a que o ego deve responder. Mostra Freud que “para o ego, a formação de um ideal seria o fator condicionante da repressão” (Id, *ibid.*, p. 100). Lembremos que este ego ideal é remanescente do sentimento de perfeição narcisista da infância, ao qual o adulto não quer renunciar. Nos termos de Freud:

quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a forma de um ego ideal. O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era seu próprio ideal (Id., *ibid.*, p. 100-101).

Como o ego é a face voltada para a realidade, é ele quem vai absorver os ensinamentos da educação e apreender os hábitos culturais que irão engendrar o recalque justamente por serem inconciliáveis com os impulsos libidinais. Porém, mais do que ter acesso a essas normas externas, é preciso que esse padrão seja internalizado. Forma-se, então, uma divisão no interior do ego: o *ideal do ego* que constitui um modelo a que o sujeito procura conformar-se (Laplanche & Pontalis, 1967/2004, op. cit., p. 222). Freud propõe, assim, a existência de um “agente psíquico especial que realizasse a tarefa de assegurar a satisfação narcisista proveniente do ideal do ego, e

que, com essa finalidade em vista, observasse constantemente o ego real, medindo-o por aquele ideal” (Freud, 1914/2006, op. cit., p. 102). Estamos diante de uma formação intrapsíquica duplamente derivada – tanto do ego, quanto da lei externa e, portanto, de um aspecto da alteridade.

A instituição da consciência [moral] foi, no fundo, uma personificação, primeiro da crítica dos pais, e, subsequentemente, da sociedade – processo que se repete quando uma tendência à repressão se desenvolve de uma proibição ou obstáculo que proveio, no primeiro caso, de fora (Id., *ibid.*, p. 102).

O ideal do ego atua, portanto, em ligação direta com as normas culturais, agora constitutivas do próprio psiquismo do sujeito. Freud acaba por postular a inscrição psíquica da alteridade que atua como um outro interno, capaz de fiscalizar as ações do ego e os desejos inconscientes. Aqui, Freud reformula o papel do ego na censura dos sonhos e atribui a uma parte específica de sua estrutura – ao ideal do ego – a função de censor interno. A onipotência do ego, afinal, precisa ser limitada para garantir o espaço das relações objetais. Esta internalização que resulta no ideal do ego descentra o ego em sua supremacia, ocasionando uma abertura ao outro ao tomar um referencial idealizado a partir das exigências externas.

Nesse sentido, Freud (1914/2006, op. cit., p. 106) assinala que o desenvolvimento do ego consiste num afastamento do narcisismo primário em direção às relações objetais. Se por um lado esse deslocamento libidinal tem como consequência a tentativa de recuperar este estado narcísico de imersão total em amor por si próprio, o ego acede também à possibilidade de encontrar a satisfação ao realizar as exigências de seu ideal. Por outro lado, apesar de seu empobrecimento decorrente dos investimentos objetais, em uma terceira via o ego encontra também uma recuperação da autoestima através da satisfação da libido objetal.

A pretensão de um ego neutro e coeso, não conflituoso em seu interior, se desfaz com a entrada do ideal do ego em cena. Pontua Jacques André (2014, p. 12-13) que, ao mesmo tempo em que perde a sua primeira ilusão de uma unidade, o ego se divide em múltiplas substâncias: ego ideal, ideal do ego e, em 1923, superego. Além disso, deve-se somar a singularidade dessas clivagens internas e outras divisões que permitem ao ego negociar custosamente suas relações com as partes inaceitáveis da realidade exterior ou da realidade psíquica.

Essa função prepara o sujeito para se libertar da alienação narcísica e implica diretamente a castração, com a quebra da onipotência e a frustração daí decorrente. Ao

mesmo tempo, está articulada a capacidade plástica da pulsão que encontra novos destinos para a libido. Sobre este aspecto, assinala Birman:

Com essa outra modalidade de descentramento, portanto, o eu se constituiria a partir do outro, não estando mais na origem, já que seria forjado por derivação, marcado para sempre pelas incidências do outro. Essa incidência seria originariamente alienante, no registro do eu ideal, mas se transformaria posteriormente no registro do ideal do eu, quando a *intersubjetividade* se constituísse, onde ser reconhecido pelo outro seria um imperativo. De qualquer maneira, o eu agora se inscreveria no campo do outro, perdendo então qualquer veleidade de autonomia absoluta, oscilando para sempre entre os registros do eu ideal e do ideal do eu (2003, p. 67-68).

A complexificação da trama egoica no campo teórico é reflexo das diversas articulações que constituem o psiquismo e que Freud vai desvendando ao longo do desenvolvimento de sua teoria. O ego se forma a partir de uma composição espelhada entre o eu e o outro. Ele se delinea a partir do olhar refletido por um outro, e é a partir daí que a pulsão encontra o seu objeto interno de investimento; é nesta dobra que irá se produzir uma separação. Além disso, para André (2014, op. cit., p. 13-14), a questão das instâncias ideais coloca problemas insuperáveis de seu componente narcísico sendo que a dimensão fantasmática do ideal trai a natureza pulsional – tudo o que ele deve à projeção do narcisismo dos pais remete em abismo de um narcisismo ao outro. Resta, então, combater a sua tirania.

De acordo com Yorke & Hacker (2014, op. cit., p. 45), neste artigo de 1914 já encontramos um modelo do psiquismo tripartido, que será a estrutura de organização da segunda tópica, apresentada somente em 1923. O ego investido pela libido; a passagem de um estado de fragmentação para a integração de um contorno egoico que, no entanto, sustenta uma cisão interna, dando origem ao ideal do ego, eis aqui alguns dos elementos que formam uma malha teórica densa, e que exigirá ser reexaminada.

O texto sobre o narcisismo abre as portas para uma série de questões no âmbito tanto da metapsicologia quanto da psicopatologia. Os conflitos internos à teoria pulsional e sua articulação com a tópica psíquica já se expressavam de maneira esboçada em algumas passagens anteriores ao artigo “Sobre o narcisismo: uma introdução”, conforme exploramos acima. Mas este texto traz à tona essas fissuras teóricas propondo novos caminhos a serem explorados. A possibilidade de pensar a constituição do ego como objeto interno formado a partir da identificação com uma imagem corporal unificada que por sua vez é alcançada através do olhar do outro, aponta, uma vez mais, para sua dimensão fronteiriça.

Em lugar de se apresentar apenas como organização que opera o recalque, o ego se complexifica como uma estrutura imaginária dotada de reflexividade interna e de limites oscilantes. As fronteiras entre ego/pulsão, eu/outro e corpo/psiquismo são permeadas agora de reentrâncias que tornam difícil a nítida distinção entre um espaço de contato e outro de separação. Fica a cargo do ego a capacidade de sustentar esse duplo lugar. Veremos, a seguir, como o desenvolvimento do conceito de pulsão trará novos desdobramentos para a compreensão do ego.

II.4 – As defesas arcaicas do ego

Em seu texto metapsicológico sobre as pulsões, “As pulsões e seus destinos” (1915/2013), Freud continua a desenvolver alguns aspectos da distinção interno/externo, eu/outro, articulando com a problemática pulsional. A pulsão é aí trabalhada como estímulo de origem interna, que atua de modo permanente, trazendo uma demanda impreterível de satisfação ou, ao menos, de seu apaziguamento. Ela comporta, portanto, um ímpeto ou uma ânsia, isto é, uma pressão interna que impele o sujeito e exige um trabalho psíquico. A característica de constância da pulsão é o que garante uma primeira diferenciação entre o interno e o externo.

Coloquemo-nos na posição de um ser vivo quase totalmente desamparado, ainda desorientado no mundo, e que recebe estímulos sobre sua substância nervosa. Esse ser logo estará em condições de estabelecer uma primeira diferenciação e adquirir uma primeira orientação. Por um lado, ele passará a perceber estímulos dos quais é capaz de se afastar através de uma ação muscular (fuga), sendo tais estímulos relativos ao mundo externo; por outro lado, porém, perceberá também estímulos contra os quais tal ação é inútil, que, apesar disso, mantêm seu caráter de constante premência, sendo tais estímulos a marca característica de um mundo interior (Freud, 1915/2013, p. 20-21).

Freud aponta que a eficácia da ação muscular servirá como ponto de referência para distinguir um “fora” e um “dentro”. O caráter radical da pulsão encontra-se precisamente nesse aspecto: não há fuga possível em relação a essa força interior. Será, então, tarefa do aparelho psíquico administrar essa exigência interna e encontrar destinos pulsionais para a descarga desse afluxo de energia – é, pois, preciso articular a pulsão com os seus objetos. Pontuamos, anteriormente, a posição fronteira da pulsão na distinção corpo/psiquismo; mas, aqui, o limite entre o interno e o externo será também um eixo importante da investigação freudiana.

Freud mantém nesse texto o conflito básico de sua teoria pulsional em desenvolvimento desde a década anterior, ancorado no estudo das neuroses de transferência, sustentando dois grupos primordiais: as pulsões do ego, ou de autopreservação, e as pulsões sexuais. O objetivo desse artigo será, então, versar especialmente sobre os destinos das pulsões sexuais: a reversão em seu contrário, o retorno em direção à própria pessoa, o recalque e a sublimação. Além disso, “a reversão em seu oposto desdobra-se em dois processos diferentes: a passagem de uma pulsão da atividade para a passividade e a inversão de conteúdo” (Freud, 1915/2013, op. cit., p. 35). A primeira forma de reversão diz respeito à mudança da meta da pulsão, por exemplo, nos pares de opostos sadismo-masiquismo e voyeurismo-exibicionismo; enquanto a inversão de conteúdo remete à transformação do amor em ódio.

Nesse ponto, Freud (ibid., p. 35) faz uma observação importante: “levando-se em consideração as forças moventes que operam contrapondo-se à sequência de seu fluxo direto, pode-se também descrever os destinos pulsionais como espécies de *defesa* contra as pulsões”. Com isso, adentramos novamente no terreno do ego. As mudanças operadas sobre os destinos pulsionais têm relação direta com as diferentes fases de desenvolvimento do ego e suas modalidades de defesa apropriadas a cada etapa. Novamente, aqui, encontramos uma indissociabilidade do par relacional ego-pulsão. A descoberta recente do narcisismo passa, então, a ser inserida na dinâmica pulsional que Freud desenvolve neste texto. E é pela via do olhar, aquilo mesmo que permeou a questão narcísica desde o início, que Freud recupera a formação narcísica relacionando-a com a pulsão de olhar – que, no caso, volta-se para o próprio corpo.

Dessa fase se desenvolveria a pulsão ativa de olhar, à medida que se abandona o narcisismo, ainda que a pulsão passiva de olhar conserve o objeto narcísico. Do mesmo modo, a transformação do sadismo em masiquismo significaria um retorno ao objeto narcísico, enquanto em ambos os casos o sujeito narcísico é trocado, através da identificação, por um outro Eu. (...) os destinos da pulsão, o retorno em direção ao próprio Eu e a reversão da atividade em passividade, dependem da organização narcísica do Eu e trazem consigo a marca distintiva dessa fase. Correspondem talvez às tentativas de defesa que em fases mais elevadas do desenvolvimento do Eu são conduzidas por outros meios (Freud, 1915/2013, op. cit., p. 47).

Dessa forma, a reversão da pulsão em seu contrário e o retorno à própria pessoa são os dois mecanismos de defesa operados por um ego ainda primitivo, que não possui os recursos necessários para o recalque ou a sublimação. Estas seriam formas de defesa possíveis para um estado de um ego mais desenvolvido. O que está em jogo, num

primeiro momento, está muito mais ligado a um domínio da pulsão do que ao sentido de ligação. Além disso, essas defesas arcaicas comportam certa oscilação em relação ao objeto. Enquanto o recalque é operado sobre a representação, a reversão da pulsão em seu contrário e o retorno à própria pessoa implicam a operação da identificação, assinalando uma articulação direta com a diferenciação eu/outro que, numa dimensão arcaica, ainda está em constituição.

Para Freud, a vida anímica é regida por três polaridades opostas que estabelecem conexões significativas entre si. Elas se dividem em: sujeito (eu)/objeto (mundo externo), prazer/desprazer, ativo/passivo. É preciso, no entanto, não confundir o primeiro grupo (ego-sujeito/objeto-mundo) com o terceiro (ativo/passivo). “O Eu se comporta de modo passivo diante do mundo exterior na medida em que recebe estímulos dele, e, de modo ativo, quando reage perante eles. Ele é forçado por suas pulsões a uma *atividade* muito especial perante o mundo exterior” (Freud, 1915/2013, op. cit., p. 51). Mas a compreensão dessa relação de atividade/passividade quanto ao mundo interior exige, antes, que um “externo” exista como tal para o psiquismo.

Com o narcisismo, Freud considera que o ego é originalmente ocupado pela pulsão, de modo que ainda encontra uma satisfação pulsional autoerótica. O mundo exterior, nesse momento, não é objeto de investimento, de modo que “o sujeito-Eu coincide com o que é prazeroso, e o mundo externo coincide com o que é indiferente (eventualmente, como fonte estimuladora, com o desprazeroso)” (Freud, *ibid.*, p. 53). Sobre este ponto, Fortes discorre:

O Eu-real originário, portanto, liga-se ao prazer do órgão e é indiferente ao objeto. A parte da pulsão sexual suscetível de satisfação autoerótica serve de apoio ao surgimento do Eu-real originário. No entanto, uma outra parte da pulsão sexual exige um objeto, levando ao abandono do estado narcisista inicial. O fato de que todo indivíduo encontra-se inicialmente em estado de desamparo faz com que este precise dos cuidados de um outro para atender as suas necessidades, o que acaba interceptando o mecanismo de descarga presente no autoerotismo (Fortes, 2012, op. cit., p. 73).

“O Eu, na medida em que é autoerótico, não tem necessidade do mundo exterior, mas recebe dele objetos, devido às vivências das pulsões de autoconservação” (Freud, 1915/2013, op. cit., p. 53). A passagem da indiferença para a percepção do mundo externo é marcada pela emergência de um “ego de prazer” purificado que, graças às exigências das pulsões de autoconservação, é obrigado a diferenciar o interno (alucinado) do externo (realidade objetiva). Ao experimentar sensações desagradáveis

internamente, o ego de prazer expelle/projeta para o mundo exterior o que foi a causa do desprazer. “O Eu extraiu de si uma parte, que projeta no mundo externo e sente como hostil” (Freud, 1915/2013, op. cit., p. 55). Ao mesmo tempo, este ego regido pelo princípio de prazer introjeta para dentro de si os objetos que lhe foram apresentados como fonte de prazer. A polaridade se divide, então, entre o interno-prazer e externo-desprazer. Pontua Garcia:

Sob a influência do princípio de prazer se constitui o eu prazer purificado que, como efeito do prolongamento do investimento narcísico pelos pais, adia o estabelecimento do eu realidade definitivo mostrando, mais uma vez, que a ordem do sexual posterga a construção da relação com a realidade externa aqui entendida como princípio da realidade (2010, p. 32).

À medida que o ego-real originário se desenvolve, insere-se a polaridade ego-sujeito/mundo exterior. De acordo com Freud (1915/2013, op. cit., p. 55), “após a fase puramente narcisista dar lugar à fase objetal, o prazer e o desprazer significam relações do Eu com o objeto”. O conflito entre prazer/desprazer tem como consequência a cisão egoica em um ego de prazer purificado e uma realidade externa hostil, que nada mais é do que a projeção do desprazer sentido no interior do ego. Com isso, localizamos nessa fase modalidades de defesa bastante arcaicas, que operam com os mecanismos de introjeção e projeção, atuando sobre a pulsão de modo a revertê-la em seu contrário, com vimos acima.

O ego adquire estatuto ambivalente frente às pulsões. Ele responde tanto às pulsões de autoconservação, obedecendo ao princípio de realidade, ao mesmo tempo que se submete às pulsões sexuais, sendo regido pelo princípio do prazer. Esta duplicidade do papel do ego se destaca com o conceito de narcisismo e torna mais complexa a oposição direta entre ego/sexualidade. A noção de um ego-real originário vem aprofundar este problema, pois está deslocada da problemática do princípio de prazer/desprazer, uma vez não há ainda um mundo externo sentido como desprazeroso, que perturbe o estado narcisista do ego.

Os problemas referentes à teoria pulsional, ao estatuto do ego na tópica com o conceito de narcisismo e as relações objetais, que permeiam o campo metapsicológico nesse período da teoria, ganham relevo na discussão acerca da melancolia, aspecto da questão que analisaremos a seguir.

II.5 – A melancolia: uma identificação sem limites

Os desdobramentos do conceito de narcisismo para a teoria ganham destaque no estudo sobre o luto e a melancolia, em 1917, como desenvolvimento da investigação sobre as neuroses narcísicas. Neste artigo é aprofundada a análise da questão da identificação e a das relações de objeto e do investimento pulsional. Acirra-se o debate acerca da distribuição da libido, que encontra dois destinos: um externo – nos objetos – e outro interno – no ego. Nesse contexto, a identificação se apresenta como um mecanismo particularmente complexo, por espelhar no interior do psiquismo um objeto externo, oferecendo-se em sua substituição.

Este movimento que articula ego/objeto da pulsão/destino pulsional faz parte do funcionamento psíquico no desenvolvimento dito normal, como pode também se apresentar como estado de sofrimento patológico. A noção de identificação narcísica apresentada neste artigo é uma das contribuições fundamentais que desejamos aqui brevemente resgatar. Como pontua Santos,

Este modelo de identificação sugere em sua base, como elemento fundamental, certa indiferenciação entre o eu e o outro. Além deste aspecto, a questão da perda do objeto e da possibilidade de elaboração de um trabalho psíquico que ofereça sentido a tal perda também é colocada em evidência (Santos, 2011, op. cit., 43).

Freud toma o luto como protótipo do funcionamento normal para entender os desdobramentos encontrados nos quadros de melancolia. Veremos de que forma esse caminho tortuoso da pulsão no encontro de seus objetos se entrecruza com o ego em ambos os casos. No luto, “a prova de realidade mostrou que o objeto amado já não existe mais e agora exige que toda a libido seja retirada de suas ligações com esse objeto” (Freud, 1917 [1915]/2011, p. 49). Trata-se, portanto, da necessidade de um trabalho psíquico para o remanejamento da pulsão quando seu objeto de investimento não está mais lá.

A este respeito ressalta Roussillon (2014, op. cit., p. 75) que o luto coloca a questão da especificidade do objeto, isto é, por mais que haja uma plasticidade pulsional e que o objeto seja contingente, há que se considerar as ligações específicas que a pulsão estabelece em relação ao mundo externo. Este aspecto está vinculado à singularidade da história de cada sujeito. É preciso que haja retraimento libidinal temporário para que o ego possa realizar este trabalho de desligamento pulsional com o

objeto perdido. Por fim, “uma vez concluído o trabalho de luto, o ego fica novamente livre e desinibido” (Freud, 1917 [1915]/2011, op. cit., p. 51).

Tanto o luto quanto a melancolia comportam um retorno da libido ao ego, caracterizando um narcisismo secundário. No entanto, enquanto o primeiro quadro se apresenta de forma temporária, com efetivo trabalho por parte do ego, na melancolia a situação é distinta. Aqui, o estatuto do objeto não está bem definido, nem mesmo a sua perda; apresentando-se mais próximo de uma idealização. A partir da problemática da melancolia no que concerne ao âmbito objetal, ela evidencia justamente a importância do objeto para a dinâmica da pulsão.

A melancolia coloca o problema do caráter insubstituível do objeto, coloca o problema da incapacidade do sujeito de mudar seus investimentos para um outro objeto, coloca, pois, a questão da especificidade do objeto, e não somente sobre o fato de que a libido tem dificuldade de deixar uma posição estável (Roussillon, 2014, op. cit., p. 75 – tradução nossa).

Enquanto no luto há consciência da perda do objeto, na melancolia esta relação é mais nebulosa para o próprio sujeito. Esta dificuldade em delinear o objeto na melancolia aponta para um estado de indiferenciação entre o eu e o outro, fortemente presente nesses casos. Conforme indica Peres (2011, p. 115) “no luto, o mundo se torna vazio, empobrecido, sem atrativos; na melancolia, é o próprio eu (ego) que é atingido, ferido, dilacerado (...) o melancólico sofre a angústia de um esvaziamento no eu (ego), um enfraquecimento do ‘sentimento de si’”.

O rebaixamento da autoestima e as autorrecriminações constantes do melancólico apontam para o destino da libido narcísica: em lugar de reinvestir o ego do sujeito, essa energia é utilizada para efetuar a identificação com o objeto perdido. Há enorme empobrecimento do ego ao mesmo tempo em que o próprio sujeito se torna vítima das autoacusações que, em realidade, dirigem-se a esse objeto perdido internalizado. Freud (1917 [1915]/2011, op. cit., p. 57) aponta que segundo a analogia com o luto, pode-se concluir que o melancólico sofreu uma perda no objeto, mas que implica, na base, uma perda em seu ego.

Ao não suportar a perda do objeto, este seria incorporado ao ego que passaria a receber os investimentos libidinais antes destinados ao exterior, como um substituto do objeto perdido, conforme indicado na passagem a seguir:

O investimento de objeto provou ser pouco resistente, foi suspenso, mas a libido livre não se deslocou para um outro objeto, e sim se retirou para o ego. Lá, contudo, ela não encontrou um uso qualquer,

mas serviu para produzir uma *identificação* do ego com o objeto abandonado. Desse modo, a sombra do objeto caiu sobre o ego, que então pode ser julgado por uma determinada instância como um objeto, como o objeto abandonado (Freud, 1917/2011, op. cit., p. 61).

Sobre este aspecto, Roussillon (2014, op. cit., p. 76) chama a atenção para a especificidade do objeto na melancolia: trata-se, antes de tudo, de um objeto narcísico. O que está em jogo, portanto, é uma perda narcísica, é uma perda de parte do ser ligada à decepção provocada pelo objeto. Há um objeto perdido na melancolia; todavia, a perda em questão não diz respeito ao desaparecimento do objeto, mas está ligada, antes de tudo, a um modo decepcionante da *presença* do objeto, que de forma traumática o evoca, pesando sobre a regulação narcísica do sujeito. “O objeto ‘narcísico’ e decepcionante deixa o sujeito desamparado, e desde então é este sujeito quem está ‘perdido’”, sublinha Roussillon (Ibidem). Com isso, ele sugere que a “sombra do objeto” não se refere ao objeto em si, mas estaria ligada principalmente a um duplo negativo do objeto – este que cessa o investimento pulsional e que deixa de refletir o sujeito para o próprio sujeito.

“Assim, a perda do objeto se transformou em perda do ego e o conflito entre o ego e a pessoa amada em uma bipartição entre a crítica do ego e o ego modificado pela identificação” (Freud, 1917 [1915]/2011, op. cit., p. 61). Torna-se mais clara a existência de um conflito “intraegoico”, evidenciando o terreno do ego como um campo não harmonioso. Além disso, o conflito melancólico é atuado por uma parte do ego alterada pela identificação com o objeto perdido e, por outra parte, que permanece imune a essa identificação. Freud retoma aqui a noção de consciência moral como uma das grandes instituições do ego, que faz parte da constituição psíquica, mas pode também levar ao adoecimento. Não se trata, portanto, de um conflito entre o inconsciente recalçado e o ego agente da defesa, como verificamos nos casos de neurose de transferência.

Mostramos que a identificação é a etapa preliminar da escolha de objeto, e é a primeira modalidade, ambivalente na sua expressão, pela qual o ego distingue um objeto. Ele gostaria de incorporá-lo, na verdade, devorando-o, de acordo com a fase oral ou canibalística do desenvolvimento libidinal (FREUD, 1917 [1915]/2011, op. cit., p. 63).

A regressão a um modelo de identificação narcísica está relacionada à incapacidade do ego de suportar a perda. Ele busca, então, incorporar o objeto à maneira da fase oral em uma tentativa arcaica de reter o objeto em si, mas, como efeito colateral,

este objeto não consegue ser integrado, revelando cisões internas ao ego. No fundamento da melancolia, Freud localiza uma grande fixação no objeto amoroso ao mesmo tempo em que denuncia que esta escolha de objeto teria uma base narcísica. “A identificação narcísica com o objeto se torna então um substituto do investimento amoroso e disso resulta que, apesar do conflito, a relação com a pessoa amada não precisa ser abandonada” (Freud, 1917 [1915] /2011, op. cit., p. 63).

Interrogamo-nos até que ponto o modelo da melancolia não é usado por Freud para pensar a constituição do ego a partir das relações do objeto de que derivam as identificações. Ao colocar em cena a problemática da identificação narcísica, Freud traz justamente para o centro de sua investigação a questão objetal na formação do ego. Não se trata apenas de um ego cuja função de síntese unifica as pulsões parciais, mas antes de um ego que se oferece como objeto – um objeto espelhado. A fronteira entre o eu e o outro se encontra aqui completamente borrada, dando lugar a uma confusão entre os limites do ego e do objeto, comprometendo o equilíbrio energético.

Ora, se insistimos que a melancolia reitera a face patológica da identificação – e é isso que a diferencia do trabalho de luto – como é possível afirmar que este seria um paradigma da constituição psíquica? Mas, afinal, não haveria, em todo processo de constituição, restos identificatórios que o ego não foi capaz de assimilar e dissolver? Não seria possível encontrar um duplo que acompanha o eu, um estranho clivado no psiquismo?

No texto *O Estranho*, de 1919, Freud afirma que a questão do duplo permeia todos os graus de desenvolvimento. Aqui vemos emergir a ideia de uma “interioridade que não seria habitada apenas por um ‘corpo estranho’ recalcado, mas que comportaria diferentes níveis de estraneidade (...) a constituição do psiquismo, assim como o seu funcionamento, passam a ser considerados como movimento do *fora* e do *dentro*” (Cardoso, 2010, op. cit., p. 79). Mais uma vez estamos diante da questão do olhar, do espelhamento, do reflexo: o retorno refletido sobre a própria pessoa.

A primeira função que o “duplo” ocupava “era uma segurança contra a destruição do ego, uma ‘enérgica negação do poder da morte’ (...) tais ideias brotaram do solo do amor-próprio ilimitado (...). Depois de haver sido uma garantia da imortalidade, transforma-se em estranho anunciador da morte” (Freud, 1919/2006, op. cit., p. 252). Este outro interno passa, então, da posição de garantidor da sobrevivência de si (e do objeto) para a posição de perseguidor interno.

A ideia do ‘duplo’ não desaparece necessariamente ao passar o narcisismo primário (...) forma-se ali, lentamente, uma atividade especial, que consegue resistir ao resto do ego, que tem a função de observar e de criticar o eu (*self*) e de exercer uma censura dentro da mente, e da qual tomamos conhecimento como nossa ‘consciência’ (Freud, 1919/2006, op. cit., p. 253).

Nesse sentido, a problemática da melancolia encontra-se presente no processo de constituição do ego com o ulterior desenvolvimento da instância crítica. Esta primeira tentativa de reter um outro interno cria inexoravelmente uma cisão no ego, dando origem a uma instância dele derivada. Conforme aponta Cardoso (2010, op. cit., p. 22-23), “a nova ação psíquica é vital para que esse objeto possa vir a ser assimilado e, conseqüentemente, para que as fronteiras, tanto externas quanto internas, do espaço do eu se consolidem”. Com isso, essa “a sombra do objeto”, esse “corpo estranho”, podem vir a ser assimilados na tópica ou então recalçados. Mas há sempre um fundo inassimilável que retorna na repetição, apontando para “enclaves” na borda do ego.

Para além desses elementos, o estudo sobre o luto e a melancolia vem demonstrar também a centralidade do objeto na problemática narcísica. Se o estudo sobre o narcisismo de 1914 enfatiza a relação do ego com o pulsional, podemos dizer que o artigo de 1917 destaca especialmente o plano das relações objetais, mas em sua complexa articulação também com a problemática narcísica. A reformulação da teoria do ego através do conceito de narcisismo problematiza a primeira teoria das pulsões e a primeira tópica psíquica. Tal aliança do ego com a libido leva Freud a reexaminar a oposição entre pulsão sexual e pulsão de autoconservação. Esta retomada da teoria do conflito pulsional será levada a cabo em 1920, no “Além do princípio do prazer”.

CAPÍTULO III

O caráter fronteiroço do ego

No campo da metapsicologia o estabelecimento da segunda teoria das pulsões foi resultante, em grande parte, da emergência do conceito de narcisismo no corpo da teoria freudiana. Já no campo da clínica esse passo foi provocado pela ampliação da escuta de situações em que a compulsão à repetição se impunha. A questão do ego está no centro dos impasses que impulsionaram tal desenvolvimento teórico: a complexificação dessa questão, com a conceituação do narcisismo e a exigência de um estudo mais apurado da instância do ego, de sua constituição e do problema da falha de seus recursos diante da irrupção pulsional, diante do irrepresentável. Nesse cenário de dificuldades teórico-clínicas, Freud vem a construir a segunda teoria das pulsões em cuja base reside o conflito entre pulsões de vida, regidas por um princípio de ligação, e pulsão de morte, em sua tendência ao desligamento e à disjunção.

O novo modelo do aparelho psíquico se desenvolve de modo estreitamente articulado com a segunda teorização sobre o trauma situada, nesse momento, no centro das elaborações freudianas. A retomada da questão do traumático, cujas raízes se encontram no “Projeto” de 1895, será um passo no processo de sistematização teórica da instância egoica, em 1923. Este enfoque traz também para o centro das elaborações de Freud aquilo que se situa aquém das representações; donde, então, os registros da percepção, do sensorio e do corpo ganharão novos relevos clínicos e metapsicológicos. Entrecruzada à questão do trauma, outra observação clínica se revela essencial para a construção da segunda tópica: a resistência aponta para o estatuto inconsciente da defesa, o que, dentre outros fatores, fará Freud deduzir que o ego é, também, em parte, inconsciente.

Freud ressituará o conceito de ego, inserindo-o no novo modelo do aparelho psíquico, inaugurando outras diretrizes quanto à sua gênese e suas funções. No presente capítulo, examinaremos de que modo a constituição do ego passa a ser considerada, em articulação com as premissas do novo dualismo pulsional; sua relação com o corpo; sua função no aparelho psíquico em relação às outras instâncias; e, neste ponto da teoria, o papel da alteridade para o ego. Nosso objetivo maior é mostrar como o ego se constitui como um espaço psíquico fronteiroço, em relação aos espaços internos e externos.

III.1 – A precariedade dos recursos egoicos diante do traumático

A segunda teoria do trauma dá novos contornos ao estudo do ego: a partir da precariedade dos recursos narcísicos, a acentuação passa a ser concedida ao aspecto protetor ou falho da fronteira egoica, tendo em vista sua dimensão de continente e a qualidade de seu trabalho de elaboração. Freud (1920) se baseia no paradigma clínico da neurose traumática para aprofundar a teoria do aparelho psíquico. Nesse movimento de construção teórica tão familiar à psicanálise, que parte de um modelo psicopatológico para ampliar o conhecimento sobre o psiquismo, o ego será objeto de interesse justamente a partir da investigação sobre as situações clínicas nas quais seus recursos falham.

Ao considerarmos as significações do termo trauma (Laplanche & Pontalis, 1967/2004, op. cit., p. 522-523), encontramos a ideia de “choque” e a de “irrupção”, inexoravelmente vinculadas à imagem de superfície. O choque se caracterizaria pelo encontro impactante de uma barreira contra uma superfície que delimitaria essa fronteira. A ideia de irrupção remete justamente ao rompimento dessa superfície. O aparelho mental não consegue tolerar certa intensidade quando o trabalho psíquico não é capaz de conter e encaminhar o excesso de excitação. O fator de desencadeamento do traumático consiste num excesso de estímulo que vem ultrapassar a capacidade de elaboração psíquica.

Qual seria a parcela do aparelho psíquico responsável pela contenção e pelo trabalho sobre a quantidade de carga de excitação pulsional no psiquismo? Em “Além do princípio do prazer” (1920, op. cit.), Freud ainda não havia formulado a segunda tópica, mas diversos elementos desse texto podem ser considerados passo preparatório rumo ao seu desenvolvimento. Freud propõe a figuração de um envoltório que contém e delimita o organismo vivo. Posteriormente, tal imagem será assimilada à parte dos atributos, gênese e função do ego como instância psíquica. Freud recupera agora, através da imagem de vesícula, a de envoltório, presente em outros textos, tais como o “Projeto” (1895/1950, op. cit.) ou, ainda, a “Introdução ao Narcisismo” (1914/2006, op. cit.) (através da analogia da ameba).

É a partir do contato constante com o mundo externo que se constitui uma proteção contra este: tal camada se faz pelo encontro da superfície com o exterior,

formando uma espécie de casca calcinada, que funciona como armadura amortecedora (Freud, 1920/2006, op. cit., p. 37). A vesícula forma um escudo protetor contra os estímulos externos, assegurando o fluxo de energia interno e, assim, a preservação da vida interior.

Para Freud, “o principal intuito da recepção de estímulos é descobrir a direção e a natureza dos estímulos externos” (loc. cit.). Abaixo dessa camada protetora mais externa, estaria o córtex sensitivo, responsável pela recepção dos estímulos. Assim como no Projeto (1895/1950, op. cit.), a topologia se encontra atrelada aos fatores econômicos do aparelho psíquico: os limites do organismo são estabelecidos pela borda, a qual contém em seu interior determinada quantidade de energia, impedindo seu esvaziamento ou uma invasão maciça.

O envoltório protetor/receptor dos estímulos tem função estruturante para o psiquismo: é essa delimitação da camada mais externa que formará uma estrutura continente capaz de sustentar os conteúdos psíquicos e, sob uma perspectiva ainda mais arcaica, inscrever um espaço interno. É justamente essa estrutura continente – o contorno egoico evocado na imagem da membrana e da vesícula – que sofre a ruptura na situação traumática. Portanto, em um primeiro momento, a manutenção do aparelho psíquico depende dos recursos protetores e continentes do ego. Aponta Mano:

Freud imagina a constituição de um envoltório protetor com características estruturais específicas, as quais serão, posteriormente, conferidas ao Eu. Segundo Laplanche, o essencial desse modelo é que os aspectos topológicos e econômicos se apresentem indissociáveis, ou seja, o envoltório, como limite, teria uma significação econômica, energética, tanto no sentido de proteção contra os excessos invasivos como também continente, impedindo o esvaziamento completo. As diferenças, aqui concebidas como diferenças de níveis de energia, entre o externo e o interno, devem ser preservadas pelo invólucro protetor e contenedor de energia (Mano, 2013, op. cit., p. 42).

A compreensão de que não há proteção contra os estímulos que afluem a partir do interior do organismo (Freud, 1920/2006, op. cit., p. 39 e 45) traz à tona a dimensão traumática da própria pulsão. No “Esboço de psicanálise” essa concepção vê-se reforçada: “uma intensidade excessiva de instinto pode prejudicar o ego de maneira semelhante a um estímulo ‘proveniente’ do mundo externo (...) [e] pode destruir a sua organização dinâmica característica” (Freud, 1938/2006, p. 213). O excesso pulsional

seria uma ameaça à integridade narcísica que, por sua vez, seria equivalente a uma desorganização psíquica radical, representando uma ameaça de aniquilação.

Manter a integridade psíquica – contra ameaças externas ou internas – faz parte do trabalho egoico. Freud (1920/2006, op. cit.) pontua, assim, uma das mais antigas e importantes funções do aparelho psíquico: converter a energia livremente móvel da pulsão em energia ligada, ou ainda, encontrar representantes aos quais a pulsão possa se ligar. Esse movimento de ligação é próprio da pulsão de vida. Logo, o que aqui se delinea no que concerne ao trauma são os traços da pulsão de morte, isto é, a ação de um pulsional disruptivo, incapaz de ser submetido ao processo de elaboração. Esclarece Cardoso:

(...) não há disjunção entre trauma e pulsão na psicanálise: no novo modelo, o traumático, como efração, revela-se inseparável da ação de uma força pulsional que transgride os limites egoicos. O acontecimento traumático – que pode se apresentar ao sujeito, do exterior, como elemento, como impressão intraduzível – poderia funcionar, em casos singulares, como elemento desencadeador, no espaço interno, da irrupção de um pulsional des-ligado, sem representação ou recalçamento possível, processo correlativo a um estado de desestruturação narcísica (2011, p. 72).

A ruptura da superfície do aparelho psíquico, responsável por delimitar o espaço interno, compromete a possibilidade de homeostase energética. Esta visa à manutenção de um nível constante de energia no interior do psiquismo, pois só é possível pensarmos na regulação do princípio do prazer-desprazer dentro de um sistema delimitado. O traumático está “além do princípio do prazer” por romper com a possibilidade de homeostase interna. Nota-se, neste ponto, que Freud, para elaborar sua nova teorização do trauma psíquico, retoma, em muitos aspectos, a questão da vivência de dor avançada no “Projeto”.

De acordo com Lejarraga (1996, p. 31), “o pulsional é traumático porque a força pulsional não é absorvida por inteiro no universo significante por irromper como ‘corpo estranho’ no aparelho egoico”. A função do ego de codificar a excitação, de recebê-la e significá-la, se mostra falha neste caso. Não há aqui uma codificação que sinalize desprazer, mas a ausência total de elaboração; do mesmo modo não há descarga gradual do excesso de energia, mas descarga direta, e que não se vincula às representações. O traumático concerne ao irrepresentável, ou seja, ao excesso pulsional que não pode ser ligado pelo trabalho psíquico.

Não há mais possibilidade de impedir que o aparelho mental seja inundado com grandes quantidades de estímulos; em vez disso, outro problema surge, o problema de dominar as quantidades de estímulo que irromperam, e de vinculá-las no sentido psíquico, a fim de que delas se possa então desvencilhar (Freud, 1920/2006, p. 40).

Tal perturbação na economia do organismo suspende temporariamente o reinado do princípio de prazer, expressando-se pela via da compulsão à repetição. Através de permanente presentificação de caráter radical, a repetição, nesta modalidade, configura uma demanda incessante de simbolização. Não se trata, pois, da repetição de conteúdos recalçados como nos sintomas das neuroses de transferência, conforme indicado no texto de 1914, “Recordar, repetir e elaborar” – embora essa concepção permaneça presente na teoria, o ponto trabalhado aqui está aquém do recalque. De acordo com Uchitel (2001, p. 50), “na instauração do trauma, (...) a excitação ficou presa no circuito incessante das excitações sem forma. Por isso o trauma não fala, faz-se sentir e atua. O que repete não é uma representação, mas uma percepção sem palavra”.

Essa concepção de trauma está associada ao estado de desamparo e de passividade do ego diante do pulsional, gerando respostas defensivas de caráter pré-simbólico (Cardoso, 2011, op. cit., p. 73). Está em questão tanto a violência da pulsão, quanto o despreparo do ego para receber essa intensidade. O elemento surpresa é um fator condicionante para o advento do traumático. O susto é a prerrogativa para a passividade frente ao inesperado, a falta de preparo para a recepção do excesso pulsional. Vemos, então, serem retomados, de modo subjacente, alguns dos elementos relativos à teoria da sedução, do período de 1890. O caráter fortuito do acidente, o despreparo e a conseqüente relação de passividade permanecem como fatores determinantes do traumático (Laplanche, 1987/1992, p. 117, 120).

Não havendo a possibilidade de vincular a pulsão a representações, cria-se uma fissura que ameaça a integridade egoica. O que retorna é justamente esse ponto de fixação onde a intensidade do excesso incontrolável deixou sua marca. Importante ressaltarmos que a ausência de representação não desloca essa problemática para algo externo ao psiquismo – o aparelho psíquico é marcado por esse excesso mesmo que não haja inscrição do traço mnêmico; tal marca não pode, então, ser integrada ao ego, nem recalçada. A nova concepção de aparelho que já começa a se esboçar em 1920 traz à tona o problema dos limites para a vida psíquica: os limites da própria representação e os limites dos recursos egoicos.

O ego se apresenta mal delimitado em suas fronteiras, tanto externas quanto internas, propenso à utilização de defesas elementares, propiciando respostas ao nível do ato, em detrimento da dominância do psíquico. Isto se articula, claro, com a precariedade, tanto da capacidade de representação (simbolização) quanto da de recalçamento, configurando a tendência a uma violenta irrupção de um excesso pulsional na tópica, ou seja, invasão de elementos não passíveis de ligação, nas fronteiras do ego (Cardoso, 2010a, p. 56)

A noção de ligação ganha acepção variável na literatura freudiana. Já no “Projeto” (1895) e também na *Interpretação dos Sonhos* (1900), o ego possui função de inibição e de ligação da energia circulante no aparelho psíquico. O que estava em jogo nesse momento era a instauração do processo secundário através do qual a energia vem a ser ligada por meio da inibição do processo primário. No entanto, a questão central aí era a circulação de energia de uma *representação* a outra, que poderia operar de modo livre ou ligado. Já no texto de 1920, Freud não opõe a ligação ao processo primário, mas entende que existe uma ligação prévia a ser efetuada: a da pulsão (energia pura) aos seus representantes psíquicos. Esse processo de simbolização passa a ser suposto como condição de funcionamento do processo primário e do princípio de prazer (Lejarraga, 1996).

Consideramos essas duas acepções da noção de ligação na obra do Freud como dois tempos complementares dessa operação. O que está sendo proposto é que o princípio de prazer precisa, antes de tudo, ser instaurado. Para tal, num plano mais arcaico, é preciso que uma primeira ligação seja efetuada, aquela estabelecida entre a pulsão e seu representante. Trata-se da passagem de um mundo energético, da descarga pulsional pura, para um mundo representativo, de circulação de desejo nas cadeias significantes (Lejarraga, 1996, op. cit.). Só então será possível criar uma cadeia associativa entre representações, na qual o ego deverá instaurar o processo secundário, inibindo e ligando a energia circulante própria ao processo primário.

(...) antes mesmo de poder operar qualquer tipo de defesa ou descarga, é preciso ligar, vincular essa energia pulsional invasora. É preciso, digamos assim, domesticá-la, torná-la tratável antes de pensar em descarregá-la ou recalchá-la (defesa). É preciso que, primeiro, ela penetre no aparato anímico, que se submeta a certas operações preliminares e primordiais para que, depois de ter sido assim elaborada e incorporada ao aparelho, possa seguir seus diferentes destinos (Monzani, 2014, op. cit., p. 173).

É na falha do processo de ligação que a compulsão à repetição se impõe. Desse modo, o traumático é referido, também, a um primeiro momento constitutivo, em que a força pulsional não pôde ser inscrita no universo representacional, não pelos recursos falhos da instância egoica, mas por esta não haver ainda se constituído. Podemos considerar, portanto, a compulsão à repetição a partir de duas perspectivas: se, em um primeiro momento, se apresenta a Freud em sua emergência na clínica nos casos patológicos via transferência, a compulsão à repetição possui também função constitutiva para o psiquismo: “os processos regidos pela compulsão à repetição teriam, assim, a função de ligar a excitação; só após essa ligação, o princípio do prazer poderia passar a vigorar” (Caropreso & Simanke, 2006, op. cit., p. 220).

A repetição, por si só, não pode ser pensada necessariamente como patológica. Ela é relativa ao modo de funcionamento psíquico mais arcaico, anterior ao princípio de prazer, a condição para sua instauração. Entretanto, quando o ego não se mostra capaz de exercer um trabalho sobre a energia pulsional, vinculando-a psiquicamente, algo permanece não integrado no interior do psiquismo. Em seu imediatismo, a compulsão à repetição é um mecanismo que denuncia a precariedade dos recursos egoicos para a elaboração psíquica – não estamos, aqui, na ordem do recalque ou da sublimação. Ao se apresentarem como repetição compulsiva, estas impressões não vinculadas psiquicamente não vêm a constituir uma memória representacional. “Na neurose traumática, trata-se de uma memória corporal, própria ao tempo do traumático, tempo da urgência, do atual: uma memória, portanto, hiper-real” (Cardoso, 2011, op. cit., p. 75)

O evento traumático impressiona, imprime, inscreve, mas não simboliza. Sobrevive como marca perceptiva sem palavra e simbolização, isolado do resto das representações das cadeias associativas. (...) Portanto, dois processos precisam ser realizados: um que é da ordem da transposição da energia física para energia psíquica, da quantidade para qualidade, da força para o sentido; e outro que é da ordem da transcrição de registros, a partir do registro sensorial-perceptivo em direção ao registro da representação-palavra. O trauma impede, ou dificulta a transposição para o psíquico e o ingresso da vivência no registro simbólico (Uchitel, 2001, op. cit., p. 68-69)

Uma vez que a própria operação do recalque pressupõe a inscrição de uma representação; e, como este é justamente o terreno do irrepresentável, pré-simbólico, estamos, neste caso, na ordem daquilo que não foi inscrito psiquicamente, mas se

apresenta como marca. O traumático desponta a ação da pulsão de morte que é, por excelência, a força “antitrabalho” psíquico. Cria-se, assim, um radical “corpo estranho” no interior do psiquismo, que recusa a integrar-se. Cardoso (2011, op. cit., p. 78) propõe considerarmos a compulsão à repetição como mecanismo de defesa elementar, como tentativa elementar de dominar as marcas traumáticas. E é a partir dessa observação sobre os limites do ego, com a falência do trabalho psíquico, que Freud vislumbra, precisamente, a pulsão de morte.

O trabalho de elaboração psíquica impede a descarga direta via corpo. Todavia, a ausência desse trabalho, como mostramos acima, aponta para uma dimensão mais arcaica do ego, na qual seus recursos são ainda precários e incapazes de exercer forte domínio sobre a força pulsional. A este respeito, Freud traz à cena um ego primitivo, um ego corporal, organização psíquica ainda atrelada intimamente ao espaço e às funções corpóreas. A emergência dessa compreensão perpassa as proposições de “Além do princípio do prazer”, ganhando, no entanto, maior relevância na formulação da segunda tópica, em 1923, com “O Ego e o Id”.

Além da formulação de um eu corporal, Freud desenvolverá também o estudo da parcela inconsciente do ego. Todos esses elementos, relativos à segunda teoria pulsional, são suficientes para exigir uma segunda formulação da tópica psíquica, em que as instâncias (ego, id, superego) serão apresentadas de forma mais complexa que os sistemas (inconsciente/pré-consciente) da tópica anterior. No novo modelo do aparelho psíquico, acentuar-se-á o caráter fronteiro da instância egoica, que passa a mediar também os limites intrapsíquicos entre os espaços internos, os limites entre o psíquico e o corporal, além da relação com o “fora”, isto é, o ambiente e a alteridade.

III.2 – A dimensão do corpo no processo de constituição egoica

A problemática do corpo está presente ao longo de toda a construção da obra freudiana, seja como objeto de investigação de manifestações psicopatológicas, seja através das tendências “biologizantes” de Freud de trazer para a cena um corpo-organismo, ou o corpo da autoconservação e, sobretudo, o corpo pulsional e erógeno. Em um primeiro momento, este corpo se satisfaz autoeroticamente em zonas erógenas localizadas, apresentando-se como corpo fragmentado. Não há ainda uma “ação psíquica” (Freud, 1914) que unifique o contorno corporal, integrando as partes em um

todo: o ego, neste momento, é também fragmentado. Conforme assinalamos anteriormente, com o narcisismo o investimento da libido no ego promove uma ligação destas zonas, compondo um conjunto organizado. Neste ponto, o contorno egoico ganha estruturação.

A relação eu/corpo está intimamente entrelaçada: o ego é a instância ligada à percepção-consciência, e, por isso, tem implicação direta com o vivido corporal, ao mesmo tempo em que se edifica como projeção mental do corpo. Portanto, investigar o estatuto do corpo em questão é tarefa necessária para sabermos de que modo o ego se apresenta em sua forma mais arcaica.

Centrar nas vivências corporais os elementos mais primitivos da constituição do ego implica colocar em evidência o papel das sensações e percepções (de prazer, de desprazer e de dor) para o reconhecimento da existência subjetiva. É através da experiência sensorial que se inicia a construção de uma historicidade, tanto pela tomada de consciência de si, quanto pelo contato com o mundo externo. Os cheiros, o sabor, o toque, a temperatura, as texturas, o som, o ritmo mergulham o bebê num mundo de sensações ainda não codificadas, mas, ainda assim, impressas psiquicamente. São essas sensações que caracterizam o modo inaugural de encontro e de relação com o meio ambiente e com o “outro”, em especial, o outro materno.

Forma-se uma primeira delimitação da existência própria: o limite da superfície corporal (in)forma, ao mesmo tempo, a experiência de um limite psíquico que possibilitará a estruturação do aparato psíquico como um todo. E, num recorte mais específico, este ego corporal precede, num sentido lógico, o ego psíquico. A função da alteridade para a constituição psíquica apresenta-se no processo de formação do ego-corporal, de maneira específica: com Laplanche (1987/1992), vemos a ênfase do papel do outro para a emergência da pulsão no corpo infantil através dos cuidados que o outro adulto dispensa ao bebê.

É através do investimento libidinal e da sedução materna que este corpo é provocado a sentir, passando, assim, a ser erogeneizado, pulsionalizado; e é também função deste outro sanar as sensações corporais despertadas, vivenciadas muitas vezes como aflitivas. É, igualmente, papel do adulto o de codificar, interpretar e traduzir essas sensações experimentadas pela criança – a qual ainda não possui um universo simbólico e de representações constituído – até que essa função seja internalizada.

Considerar a característica limítrofe da instância egoica implica explorarmos a complexidade do processo de separação eu/outro, interno/externo, corpo/psiquismo. A

constituição psíquica é constantemente atravessada pelo ambiente, pelos afetos e pelo outro, também dotado de inconsciente. A compreensão desses matizes é tão complexa quanto o próprio processo constitutivo do ego, que se faz continente e permeável, como escudo protetor e percepção, superfície e inconsciente. É no cenário do desenvolvimento da segunda tópica que Freud afirmará de maneira explícita o papel formador da experiência corporal na constituição egoica:

Um outro fator, além da influência do sistema Pcpt, parece ter desempenhado papel em ocasionar a formação do ego e sua diferenciação a partir do id. O próprio corpo de uma pessoa e, acima de tudo, a sua superfície, constitui um lugar de onde podem originar-se sensações tanto externas quanto internas. Ele é visto como qualquer outro objeto, mas, ao tato, produz duas espécies de sensações, uma das quais pode ser equivalente a uma percepção interna. (...) O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície (Freud, 1923/2006, op. cit., p. 39).

O sistema Pcpt é tomado como primeira delimitação do contorno egoico. E o que constitui este sistema psíquico advém de sua ligação direta com os órgãos dos sentidos, a forma mais elementar de entrar em contato com o mundo e, deste modo, com a alteridade. É via corpo que acessamos a realidade externa, sendo o corpo a fonte somática da pulsão.

Aponta Mano (2013, op. cit., p. 46) que a linearidade com que o envoltório protetor foi concebido em 1920, entre mundo externo e mundo interno, vem a ser substituída por uma concepção de estrutura de encaixes, onde há superfície e projeção de superfície. Freud nos diz que é com o corpo que o psiquismo aprende a perceber sua existência e a diferenciar os estímulos externos dos internos. O ego toma a superfície corporal – a pele (nosso maior envoltório) – como modelo para a composição do psiquismo, sendo ele próprio a projeção de uma superfície. Este ego corporal, vale ressaltar, é a *projeção mental* da superfície do corpo de modo que aquele já se encontra no âmbito do psiquismo. E é a bipolaridade tátil que prepara o desdobramento reflexivo do ego.

O tátil possui uma característica distinta em relação aos outros registros sensoriais. Por fornecer uma percepção externa e uma percepção interna (e aqui continuamos surpreendentemente com Freud), pode-se pensar que essa bipolaridade tátil prepara o desdobramento reflexivo do ego. A experiência tátil, portanto,

serviria de modelo à experiência psíquica. A pele ensina o ego a pensar (Fontes, 2010, p. 42).

Em “O Ego e o Id” estas acepções são levadas adiante de maneira que o ego surge em decorrência do corpo próprio, o corpo-organismo-sensorial do sujeito no meio ambiente. A experiência psíquica é, antes de tudo, a experiência corporal de estar vivo e habitar o mundo. A este respeito, sustenta Anzieu (1985/1989, p. 94) que tudo o que é psíquico se desenvolve em constante referência à experiência corporal. Em 1925, no texto “A Negação”, Freud reafirmará o papel do corpo e da percepção para o psíquico, em um estado ulterior onde já encontramos um ego mais constituído. Nota-se, inclusive, como Freud vem conferir aí um papel ativo por parte do ego na apreensão do sensório:

Onde o ego teria exercitado antes esse tatear, em que lugar aprender essa técnica agora empregada nos processos de pensamento? Isso aconteceu na extremidade sensorial do aparelho psíquico, nas percepções sensoriais. (...) a percepção não é de modo algum um processo puramente passivo, mas o ego envia periodicamente pequenas quantidades de investimento para o sistema de percepção, por meio das quais ele experimenta os estímulos externos, recolhendo-se novamente após cada um desses avanços tateantes (Freud, 1925/2014, op. cit., p. 26).

Além do papel dessas experiências sensoriais, base do funcionamento psíquico, Freud aponta para o papel da dor como modalidade através da qual chegamos à ideia de nosso corpo (1923/2006, op. cit., p. 39). A dor passa a ser um sinal, “uma via para a assunção do corpo próprio e, portanto, para a coesão entre o eu e o corpo” (Fortes, 2013, p. 289).

A vivência de dor seria paradigmática do narcisismo e da constituição da ideia de corpo próprio. A sensação de dor vem se associar a certas representações, garantidas por percepções externas às sensações e afetos (percepções internas). A ligação entre percepções funciona como experiência de unificação na vida do aparelho psíquico a partir da qual ele vem aceder a uma autopercepção de sua organização. A dor constituiria uma forma depurada do sentimento de ser, já que possibilita a emergência da consciência de um eu-corporal (Nunes, 2012, p. 34)

O vivido do corpo, seja através da dor, da experiência de prazer, ou mesmo de sua experimentação sensorial do mundo através dos órgãos dos sentidos, garante ao vivente a emergência da percepção de si, ao mesmo tempo em que serve de modelo para a experiência psíquica.

De acordo com Mano (2013, op. cit.), é na construção da estrutura fronteira do ego que Freud organiza as funções de para-excitação, percepção e memória. A dupla face do ego – voltada para o exterior e para o interior – é correlativa à pele do corpo físico, cuja função é proporcionar trocas com o meio ambiente, recebendo estímulos intensos e incessantes de ambos os lados e, ao mesmo tempo, garantir a homeostase interna. No artigo de 1925, “Uma nota sobre o ‘bloco mágico’”, é reiterada a estrutura do aparelho psíquico em camadas onde o folheto externo deve atenuar os impactos, servindo como capa de para-excitação; um segundo folheto, interno, recebe os estímulos, isto é, o sistema *Pcpt-Cs*; e ainda outra camada mais interna onde os traços de memória marcam o psiquismo formando registros.

Como assinalamos anteriormente, já no “Projeto” (1895, op. cit.) e também em “Além do princípio do prazer” (1920, op. cit.), Freud usa metáforas tais como a de organismo (corpo) vivo, célula, vesícula, para representar o aparelho psíquico. Segundo Anzieu (1985/1989, op. cit., p. 84), esse texto de 1920 e “O Ego e o Id” marcam a ruptura com um esquema do aparelho psíquico pensado como dupla arborescência, imagem que cede lugar à noção de vesícula, de envoltório psíquico. A ênfase fica deslocada dos conteúdos psíquicos conscientes e inconscientes para o psiquismo como continente. Ao mesmo tempo, Anzieu atribui caráter ativo ao papel de continente:

Depois dessa descrição da consciência como interface vem a articulação da “casca” e do “núcleo”; o Eu é explicitamente designado como um “envelope” psíquico. Este envelope não é somente uma bolsa continente; desempenha um papel ativo de colocar em contato o psiquismo com o mundo exterior e de recolher e transmitir informação (Anzieu, 1985/1989, op. cit., p. 94).

Todavia, Anzieu (Ibid., p. 98) sublinha a modificação que Freud apresenta do esquema topográfico do aparelho psíquico nas *Novas Conferências* (1932/2006) em relação ao modelo proposto em 1923. Neste último, a borda externa – isto é, o envoltório egoico – envolvia todo o psiquismo, enquanto no texto posterior Freud deixa um espaço em aberto: haveria um espaço fronteiro na base do id, desfazendo a ideia de que o ego faria um envoltório total do psiquismo. Segundo Anzieu, encontramos no texto de 1932 a abertura que materializa a continuidade do id e de suas pulsões com o corpo e com as necessidades biológicas, além do fracasso do ego em encerrar um envoltório fechado. Está aqui em jogo a tensão da continuidade e descontinuidade da superfície psíquica.

O tema dos limites do ego e deste como instância-limite foi amplamente trabalhado por Federn (1953/1977). De acordo ainda com Anzieu (1985/1989, op. cit., p. 101), Federn pensou a questão do limite fora da perspectiva de obstáculo ou barreira, mas, acima de tudo, como condição para que aparelho psíquico estabeleça diferenciações no interior de si mesmo, entre o que é psíquico e o que não é, entre o que é relativo ao Self e o que proviria dos outros. Anzieu acrescenta ainda que Federn veio antecipar a noção de interface, supondo a presença de uma separação necessária entre campos distintos, ao mesmo tempo em que sofre modificações resultantes do número dessas regiões e da natureza de seus regimes.

Enquanto Freud se interessava, sobretudo, pelos processos que transcorriam no interior do psiquismo (o recalque e outros processos de defesa, as identificações, a dinâmica entre as instâncias, a economia pulsional, o complexo de Édipo), Federn estava interessado pelo que Anzieu denomina “fenômenos de limite” (o sentimento do eu, os limites de suas fronteiras, a relação eu/corpo). Para Federn, a constituição do ego estava relacionada ao estabelecimento de fronteiras libidinalmente investidas, e não ao reconhecimento progressivo da realidade externa. A aquisição da noção de realidade dependeria da manutenção do investimento dessas fronteiras. Ademais, por colocar a fronteira na problemática da economia libidinal, Federn considerava que as fronteiras do ego não são estáticas, mas respondem a uma dinâmica de retração e expansão ao longo da vida (Carvalho, 1996).

Para assegurar a permanência do sentimento do eu é preciso garantir a continuidade no tempo e uma unidade no espaço por meio do investimento libidinal na fronteira. A partir dessa visão, Federn cria um elo ainda mais explícito do que o fez Freud entre o aspecto econômico e a formação da fronteira da tópica psíquica. O que está em jogo é justamente a vulnerabilidade dessas fronteiras, sua maleabilidade, mas que, ao mesmo tempo, podem correr o risco de dissolução. Federn faz menção ao sentimento de flutuação das fronteiras do eu, que podem tanto fazer parte da vida cotidiana, quanto alcançar seu ápice em alguns quadros clínicos.

Carvalho (1996, op. cit.) reafirma a importância do trabalho de Federn para o reconhecimento de que a fronteira mais do início é justamente a fronteira do corpo, indicando, desse modo, a distinção entre ego psíquico e ego corporal. Porém, Carvalho (Id., *ibid.*) estima que esta diferença não diria respeito à existência de duas entidades distintas no interior do ego, afirmando, em lugar disso, que o ego se constitui a partir de elementos corporais e mentais simultaneamente.

Essa constituição em duplo faz com que o ego seja produto de sua própria fronteira interna, aqui entendida no sentido de interface. Não há coesão necessária entre esses dois registros, de forma que Federn usa o sono e o sonho em relação à vigília como protótipos para pensar suas funções fazendo também menção à precariedade dessa fronteira nos estados psicóticos. O ego corporal apoia-se na periodicidade dos processos corporais, adquirindo uma avaliação objetiva do tempo (consciente/pré-consciente); enquanto o ego psíquico – que nos estados de vigília se vê situado no interior deste ego corporal – está relacionado ao pensamento e, no sonho, acompanha a ausência de tempo cronológico do funcionamento inconsciente.

Pensar essa distinção apresentada por Federn nos permite explorar com mais acuidade as relações entre o ego e as outras instâncias, a realidade e o corpo, para além de toda ampliação da escuta clínica que essas ferramentas proporcionam. Não por acaso Freud ressalta a proximidade do ego com as experiências corporais no contexto da segunda tópica que é, de fato, um desdobramento direto da segunda teoria das pulsões. Lembremo-nos que a problemática do traumático e da emergência da pulsão de morte na teoria é decorrente de situações clínicas que trazem à cena justamente a compulsão à repetição e também a questão da descarga direta, via corpo, do excesso pulsional, onde o trabalho de elaboração não pôde ser efetuado.

III.3 – O ego, o id e o inconsciente

Em 1923, Freud publica “O ego e o id”, apresentando a segunda tópica, também, muitas vezes, mencionada como teoria estrutural do aparelho psíquico. A investigação contida nesse texto resulta de diversos impasses teóricos com que o desenvolvimento da teoria psicanalítica veio a se deparar: o estatuto da consciência e do inconsciente na tópica psíquica, a inserção do conceito de narcisismo e a decorrente complexificação do conceito de ego, a crescente importância do conceito de identificação, a formulação da nova teoria pulsional, certas questões relativas à resistência e ao processo de defesa, para citar alguns deles.

Pontua Monzani (2014, op. cit.) que um problema central para a teoria, nesse momento da obra de Freud, estava relacionado aos limites do sistema inconsciente. Vale assinalar, especificamente, a dificuldade de equivaler o inconsciente ao recalado, de modo que a composição e a extensão do inconsciente permaneciam, ainda, um problema

teórico. A equivalência do ego à consciência, como veremos, não mais se sustentará, demandando reformulação.

Desde 1914, o ego já aparece claramente como uma constelação psíquica razoavelmente complexa, a ponto de se poder falar num sistema do ego composto de várias instâncias e funções: o ego está estreitamente vinculado com a consciência, suas relações com o aparato motor são salientadas; boa parte das funções do sistema pré-consciente é englobada como parte do ego; dele fazem parte, por fim, as instâncias do superego, ideal do ego e o ego ideal. Ele é o agente principal nos mecanismos de defesa e recalçamento, e desde há muito tempo Freud sabe que extensas partes do ego podem ser inconscientes. (...) Em outros termos, a tentativa de introduzir coerência à noção de ego implica claramente colocar em questão as repartições da primeira tópica (Monzani, 2014, p. 241).

O ego surge como ponto problemático diante da polarização dos sistemas da primeira tópica na qual, de um lado, estaria o domínio da consciência e, de outro, o do inconsciente. O ego é um ponto nodal dessa problemática por envolver tanto o domínio da consciência e da percepção – ligadas ao princípio de realidade – quanto por conter uma face inconsciente. A concepção do ego recalçador, em oposição ao desejo, aliado à consciência já havia se mostrado frágil em outros momentos (Freud, 1914, op. cit.; 1920, op. cit.), e esse questionamento é tomado como base para a proposta de outra organização da tópica psíquica. Nesse cenário, Freud torna mais tênues os limites estritos entre a consciência e o inconsciente, diferente do que preconizava o modelo da primeira tópica.

A experiência clínica de Freud resulta na observação de que a resistência, apesar de atuar sob o comando do ego, não é produzida na consciência. Essa ideia aparecera de modo explícito em “Além do princípio do prazer” e em “O ego e o id”, ideia que constitui argumento fundamental para a formulação da nova tópica:

Evitaremos a falta de clareza se fizermos nosso contraste não entre o consciente e o inconsciente, mas entre o ego coerente e o reprimido. É certo que grande parte do ego é, ela própria, inconsciente, e notavelmente aquilo que podemos descrever como seu núcleo; apenas pequena parte dele se acha abrangida pelo termo pré-consciente. (...) podemos dizer que as resistências do paciente originam-se do ego (Freud, 1920/2006, op. cit., p. 30).

Deparamo-nos com algo no próprio ego que é também inconsciente, que se comporta exatamente como o reprimido – isto é, que produz efeitos poderosos sem ele próprio ser

consciente e que exige um trabalho especial antes de poder ser tornado consciente (Id, *ibid.*, p. 31).

Tanto o material recalcado quanto a própria defesa operam no nível inconsciente, de modo que a própria instância agente do mecanismo de defesa não pode mais ser situada exclusivamente no sistema pré-consciente/consciente. Isto aponta para uma contradição interna ao modelo da primeira tópica, já que seria incoerente supor que o inconsciente elaborasse tal resistência contra seu próprio conteúdo, estando, assim, sob o domínio do processo primário e buscando justamente a descarga energética.

Portanto, há que se estabelecer distinção entre o inconsciente, fruto do recalque, e o inconsciente correspondente a uma parcela do ego, pois este não é constituído pelo material recalcado e tampouco é latente como o pré-consciente. O ego é, antes, a instância que promove o recalque através de processos que não ascendem à consciência. A partir desta compreensão, a relação estrutural de oposição entre os sistemas pré-consciente-consciente e inconsciente se mostra imprecisa para dar conta da dinâmica que envolve o trabalho realizado na resistência e na defesa. Estes mecanismos ficam, então, reservados à parcela inconsciente do ego. A oposição no conflito psíquico deixa de ser centrada entre sistemas (consciente x inconsciente), passando a ser considerada em termos de ego x recalcado.

O modelo da segunda tópica traz, em sua estrutura, uma interpenetração entre as instâncias. Se no modelo anterior o recalque originário estabelecia limite claro, atualizado pela força da resistência, entre o sistema Ics e o sistema Pcs-Cs, agora Freud encontra nesse atravessamento mútuo das fronteiras entre as instâncias uma ilustração bem mais complexa da dinâmica psíquica. Temos, então, uma modificação na concepção tópica e também dinâmica do aparelho psíquico. Este perde sua característica de linearidade entre diferentes sistemas que se segmentavam de forma delimitada na primeira tópica. Aqui, as instâncias do aparelho psíquico são entendidas como estabelecendo relações de conflito e, ao mesmo tempo, de cooperação; considerando também a sua face externa e sua interação com o mundo exterior (Mano, 2013, *op. cit.*).

Freud retoma uma antiga investigação, presente desde os primórdios de sua obra (1895, *op. cit.*; 1896, *op. cit.*; 1900, *op. cit.*; 1914, *op. cit.*; 1915), sobre o registro psíquico, a memória e o acesso ao material inconsciente. A consciência é compreendida em relação ao sistema perceptivo, como superfície do aparelho mental; é o primeiro sistema a ser atingido a partir do mundo externo (Freud, 1923). Mas, em relação aos conteúdos internos, o que quer dizer, afinal, tornar algo consciente? Trata-se, diz Freud,

não de um acesso direto ao conteúdo fora da consciência, mas de um trabalho de ligação – efetuado no pré-consciente – entre este conteúdo e as representações verbais que lhes são correspondentes, produzindo vínculos intermediários entre elas.

O sistema *Pcpt-Cs*, tido como sistema superficial, era responsável pela mediação com o mundo externo. É a partir dessa noção que Freud irá elaborar o papel do ego na tópica psíquica, abarcando também as características atribuídas anteriormente à área do pré-consciente e inconsciente. Mais do que vincular o ego ao princípio de realidade, Freud insere o contato com o mundo externo na gênese do ego, não somente pelo papel desempenhado pelas identificações, conforme foi explorado em outros textos (Freud, 1917/2011; 1921/2006), mas por assumir uma lógica corporal em que o ego se constitui pela superfície mais externa. O ego é tomado, aqui, em termos espaciais: a borda e o limite do psiquismo.

Em 1920, o sistema *Pcpt-Cs* era compreendido como “uma linha fronteira entre o exterior e o interior; tem de achar-se voltado para o mundo externo e tem de envolver os outros sistemas psíquicos” (Freud, 1920/2006, op. cit., p. 35). No texto de 1923, o ego assume esse lugar, sendo constituído a partir da modificação do id, consequência da influência do mundo externo. Entretanto, embora se assemelhe à figura da vesícula, o ego não será assimilado integralmente à consciência, já que, para além do sistema pré-consciente, ele tem também uma raiz pulsional e uma face inconsciente.

É fácil ver que o ego é aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo, por intermédio do *Pcpt-Cs*; em certo sentido, é uma extensão da diferenciação de superfície. Além disso, o ego procura aplicar a influência do mundo externo ao id e às tendências deste, e esforça-se por substituir o princípio de prazer, que reina irrestritamente no id, pelo princípio de realidade. Para o ego, a percepção desempenha o papel que no id cabe ao instinto (Freud, 1920/2006, op. cit., p. 38-39)

Se antes a membrana da vesícula era um escudo protetor e um limite continente, aqui o modelo do ego abarca também um papel ativo de mediador entre o mundo interno e o externo. O ego “é quem recebe as impressões dos estímulos externos, nesse contexto vivido como mensagens, e quem intermedia as necessidades do id ao interpor o pensamento a ele e à realidade” (Mano, 2013, op. cit., p. 46).

Mas tal tarefa de mediação passa a ser efetuada também fora da consciência. Seriam as diferentes modalidades de trabalho psíquico fruto de processos no ego conscientes ou inconscientes? Freud vai descrever os mecanismos de defesa se

desenrolando na porção inconsciente do ego e, a partir daí nos indagamos sobre as outras funções que seriam atribuídas. Ao abordar as técnicas defensivas do eu, seja pelo recalque, pelas resistências inconscientes ou pela resposta da compulsão à repetição, Freud fala de um trabalho egoico fora da consciência. Mas será que apenas as modalidades de defesa são elaboradas no ego inconsciente ou encontramos também ali um potencial criativo?

Green propõe a existência de “processos terciários” que fariam a ligação entre o funcionamento em processo primário relacionado ao id, e o outro em processo secundário, ligado ao ego-consciente. O ego inconsciente seria o espaço de fronteira entre as três instâncias do psiquismo – e, com isso, mais do que estabelecer um limite entre elas, as supõe em profundo contato por colocá-las em comunicação (inconsciente). Dessa forma, Green aposta também no aspecto produtor do trabalho inconsciente do ego, para além dos processos defensivos. Dessa forma, Urribarri cita Green que aposta também no aspecto produtor do trabalho inconsciente do ego, para além dos processos defensivos.

Postulamos a existência de mecanismos de relação entre processos primários e secundários circulando nos dois sentidos: chamamo-los processos terciários e os atribuímos ao pré-consciente da primeira tópica e ao ego inconsciente da segunda. A ordem simbólica já não se baseia na linguagem, mas em um conjunto de ligamentos-desligamentos-religamentos que são operados nas três instâncias do aparelho psíquico. Os processos terciários constituem a ponte entre o aparelho da linguagem e o aparelho psíquico (Urribarri, 2012, p. 155)

A gênese do ego se relaciona de maneira direta com a sua função: é uma instância que surge do contato do id com a realidade, compondo esse espaço limite onde se constitui a fronteira entre o dentro e o fora. Mas ao mesmo tempo, possui uma face corporal e inconsciente, remanescente de sua origem pulsional. A superfície mais externa do psiquismo precisa se modificar para responder às demandas do mundo e para proteger o próprio aparelho psíquico de uma possível invasão, resguardando um espaço interno capaz de estabelecer trocas com o exterior. Assim, o ego também é o que funda a diferenciação dentro/fora bem como aquela fronteira relativa ao espaço entre o eu e o outro. Ele é responsável por trazer a realidade ao mundo interno, ou ainda, como afirma Laplanche (1985, p. 58), por conferir uma prova da realidade a uma representação, por tentar domar a pulsão.

O ego evolui da percepção dos instintos para o controle destes; esse controle, porém, apenas é realizado pelo representante [psíquico] do instinto quando tal representante se situa no lugar que lhe é próprio, num amplo conjunto de elementos, quando tomado em um contexto coerente. Para adotar um modo popular de falar, poderíamos dizer que o ego significa razão e bom senso, ao passo que o id significa as paixões indomadas (Freud, 1932/2006, op. cit., p.81).

Freud pontua a função de síntese do ego: ele deve efetuar o trabalho de ligação daquilo que é disruptivo no id – isto é, a pulsão – a representantes psíquicos; deve ainda promover organização coerente do psiquismo, unificando os processos mentais, mediando as demandas internas e externas. Diante da efervescência pulsional do id, que não conhece o tempo cronológico, o ego, em contato com a realidade, também é responsável por inserir a ideia de tempo no funcionamento psíquico. Estamos, assim, diante da dilatação do tempo da satisfação pulsional, conduzida pelo trabalho egoico de elaboração e de descarga gradual.

Todavia, se o ego exerce um trabalho de domínio pulsional, não podemos nos esquecer do problema que nos coloca Freud ao afirmar que a gênese de um ego organizado é ela própria pulsional (1914/2006, op. cit.). Os limites entre um ego organizado e coerente e suas raízes pulsionais não serão bem precisados por Freud. Se no texto sobre o conceito de narcisismo ele insiste em libidinizar o ego – que passa a ser um objeto interno do psiquismo, espaço de investimento da libido e o grande reservatório libidinal. Em 1923 Freud se esquivava dessa problemática ao tratar a sua constituição. Afirma, no entanto:

Bem no início, toda a libido está acumulada no id, enquanto que o ego ainda se acha em processo de formação ou ainda é fraco. O id envia parte dessa libido para catexias objetais eróticas; em consequência, o ego, agora tornado forte, tenta apoderar-se dessa libido do objeto e impor-se ao id como objeto amoroso. O narcisismo do ego é, assim, um narcisismo secundário, que foi retirado dos objetos (Freud, 1923/2006, op. cit., p. 58-59).

Neste ponto, parece que o ego se oferece à libido como objeto na tentativa de receber o investimento pulsional e, doravante, dominá-lo. Essa seria a estratégia egoica para regular os investimentos libidinais (objetais e narcísicos). A maneira que teria para atrair a libido para si seria identificar-se com os objetos reais ou abandonados, para que os investimentos objetais do id o elegessem também como objeto de investimento. “(...) identificando-se com o objeto, o ego recomenda-se ao id em lugar do objeto e procura

desviar a libido para si próprio” (Freud, 1932/2006, p. 81). Entretanto, no Esboço de Psicanálise, Freud afirmará:

Podemos imaginar um estado inicial como sendo o estado em que a energia total disponível de Eros a qual doravante mencionaremos como “libido”, acha-se presente no ego-id ainda indiferenciado. (...) (Freud, 1938/2006, op. cit., p. 162)

É difícil dizer algo do comportamento da libido no id e no superego. Tudo o que sabemos sobre ela relaciona-se com o ego, no qual, a princípio, toda cota de libido é armazenada. Chamamos a este estado absoluto de narcisismo primário. Ele perdura até o ego começar a catexizar as ideias dos objetos com a libido, a transformar a libido narcísica em libido objetal. Durante toda a vida, o ego permanece sendo o grande reservatório (...) (Freud, 1938/2006, op. cit., p. 163)

É, portanto, confuso o posicionamento de Freud quanto à localização do reservatório libidinal e ao estatuto do narcisismo. Se a ideia de um ego constituído como precipitado de investimentos objetais abandonados já estava presente, o mecanismo de identificação para a constituição egoica permanece em vigência na teoria. Mas não fica claro se esse investimento no ego é primário ou secundário, ou ainda, se seria o caso de pensarmos, no início da vida psíquica, em um ego-id indiferenciado, conforme proposto no “Esboço de Psicanálise”.

Como vimos, a gênese do ego coincide com sua separação em relação ao id, de onde ele é destacado pela influência do mundo externo. Nesse movimento, o próprio id se torna um estranho para o ego, como alteridade interna a quem deve responder. E, embora o id se apresente como território desconhecido, como um estranho/familiar cuja companhia lhe é inquietante, é do id que o ego retira suas forças – ou ainda, transforma a vontade do id em ação como se fosse sua própria (Freud, 1923/2006, op. cit., p. 39). A este respeito, acrescenta Birman (1984) que o ego é um impostor, justamente por trazer a roupagem de uma organização coerente ao sujeito pulsional desejante o qual, em última análise, se constitui na dinâmica do conflito pulsional. Vemos Freud construir cada vez mais um ego refém de sua tarefa mediadora, ao mesmo tempo em que seu papel é destacado como fundamental para a sobrevivência psíquica.

Para com as duas classes de instintos, a atitude do ego não é imparcial. Mediante seu trabalho de identificação e sublimação, ele ajuda os instintos de morte do id a obterem controle sobre a libido, mas, assim procedendo, corre o risco de tornar-se objeto dos instintos de morte e de ele próprio perecer. A fim de poder ajudar desta maneira, ele teve que acumular libido dentro de si;

torna-se assim o representante de Eros e, doravante, quer viver e ser amado (Freud, 1923/2006, op. cit., p. 69).

São também os aspectos inconscientes que reforçam a compreensão da gênese egoica a partir do campo das identificações. A constituição do ego só se dá pelo contato com o fora, não apenas pela via da percepção, mas também da relação com o outro, das identificações, que possibilitam a formação de um ego unificado, de uma imagem de si que receberá os investimentos narcísicos. Esta acepção já estava presente em 1914, no estudo sobre o narcisismo e em seus desdobramentos em Luto e Melancolia de 1917, mas a problemática da identificação e dos seus efeitos no psiquismo vem a ser profundamente explorada no texto de 1921, “Psicologia de grupo e análise do ego”.

III.4 – Dois tempos da identificação

O campo da interseção eu/outro ganha destaque em 1921 quando Freud publica “Psicologia de Grupo e Análise do Ego”. Ao elaborar uma teoria sobre o laço social, destaca e explora o papel da identificação entre os indivíduos de determinado grupo. Nesse sentido, a questão da identificação no que concerne à gênese do ego, se desenvolve de diferentes formas ao longo da obra de Freud. Como pontuamos anteriormente, ela surge sob o tema da homossexualidade masculina (1911a, op. cit.), é relacionada ao modo de assimilação oral do objeto, está ligada à conservação narcísica (1914b, op. cit.); em 1917 passa a ter uma vinculação com a perda do objeto.

Em “Psicologia de Grupo e Análise do Ego” (1921/2006, op. cit.) Freud faz uma análise sistemática das acepções que a identificação ganhou no desenvolvimento de sua teoria, apresentando os matizes desse processo. Para ele, a identificação configura a “mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (Freud, 1921/2006, op. cit., p. 115). Novamente, é o atravessamento da alteridade no seio egoico que é colocado em evidência: o ego se constitui por espelhamento e por apropriação do outro.

Há, no entanto, que se distinguir entre os aspectos da identificação narcísica analisados por nós no capítulo anterior (levando em consideração o extremo da identificação melancólica), com a identificação presente nas dinâmicas objetais e edípicas. Freud destaca que esta última modalidade de identificação tem sempre caráter ambivalente: engloba ternura e distanciamento, amor e ódio, aproximação e rivalidade.

No contexto da problemática edípica, a identificação se refere àquilo que gostaríamos de ser, de modo que ela própria é anterior à escolha objetual (aquilo que gostaríamos de ter). Há, nesse âmbito, tênue limite entre o terreno objetual e o narcísico, o reconhecimento do outro como diferente estando ainda está em construção.

Essa diferenciação nos parece importante, pois frisa o caráter narcísico da identificação, apontando que ainda que se trate da trama edípica existem elementos da constituição do ego anteriores a ela e que já estavam em jogo. “Ser” como o objeto escolhido traz à tona a dimensão primária da identificação no processo do investimento objetual, isto é, da libido dirigida ao mundo exterior. Conforme Santos (2011, p. 44) elucida: “antes mesmo da ‘possibilidade’ de se escolher um objeto, o ego assumiu para si as características do objeto”. Porém, se com isso cria-se a impressão de uma linearidade (primeiro a identificação para, em seguida, haver escolha objetual), Freud não hesita em que a escolha objetual tem lugar antes de toda identificação, conforme aponta Bomfim:

Inicialmente, Freud credita a gênese do ideal do ego às primeiras identificações que o indivíduo apresenta, a saber, com os pais. Esta identificação seria direta, não mediada por qualquer investimento objetual prévio. Ulteriormente, ocorreriam as primeiras escolhas de objeto relativas aos primeiros períodos sexuais, cujo abandono acarretaria numa nova identificação, reforçando ainda mais a identificação primária. Assim, haveria duas identificações, uma primária e outra secundária (Bomfim, 2008, p. 75)

De acordo com Laplanche (1980/1987), a identificação edípica seria, então, a secundária por se dar após um investimento de objeto e também por ser posterior a um modo de identificação mais primitivo da relação com o objeto: “modo muito mais enigmático, que ainda permanece para os psicanalistas como uma espécie de mito: desta vez seria uma *identificação primária* que viria não a substituir uma relação com o objeto, mas coincidir com esta” (Laplanche, 1980/1987, p. 302-303). Esta seria correlativa à fase oral, em que o objeto de desejo é assimilado pela ingestão e, dessa maneira, aniquilado. Tal concepção resgata elementos já presentes em Freud em “Totem e Tabu” e nos “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade”. Nessa perspectiva, Laplanche complementa:

Nessa relação precoce com a mãe, diz Freud, amor e incorporação andam juntos: amor ao seio, incorporação do seio são uma só coisa; amar é fazer entrar em si, é apropriar-se do seio. (...) O canibalismo é, num só movimento, amor e

destruição do objeto para ingeri-lo. E, no movimento em que ele é ingerido, é ao mesmo tempo conservação do objeto no interior de si; é o que chamamos de incorporação. É ainda apropriação das qualidades do objeto, ou introjeção dessas qualidades. (Laplanche, 1980/1987, p. 303)

Laplanche afirma, também, que este protótipo da relação primária, no entanto, não é extinto da vida psíquica e pode, ainda, servir de base para a identificação secundária – de modo que falhas neste processo podem ressoar em momentos posteriores ou estes, ainda, podem ativar defesas arcaicas. De maneira mais geral, Freud afirma que “podemos apenas ver que a identificação esforça-se por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo” (Freud, 1921/2006, op. cit., p. 116). Tal mecanismo tem, além disso, um caráter parcial em que são incorporados apenas *traços* isolados da pessoa com quem se deu a identificação.

Ao mesmo tempo em que está voltada e é dependente das relações objetais e das introjeções decorrentes do contato com esses objetos, a formação do ego denuncia também um caráter peculiar de atividade por parte do ego, que “escolhe” alguns traços – e não outros – para serem assimilados em seu interior. A sedimentação da sucessão dessas identificações é que vão colorir a imagem egoica. Assim, “a constituição da unidade egoica fica estritamente vinculada à qualidade da constituição identificatória primária e também à secundária” (Santos, 2011, op. cit., p. 44).

A dimensão da constituição e da diferença topológica é o ponto que nos interessa destacar no modelo proposto na segunda tópica. As diferentes modalidades de identificação são convocadas amplamente para explicar as interrogações acerca dos limites entre as instâncias que compõem o ego (Santos, 2011, op. cit., p. 45).

Retomando a questão da identificação frente à perda do objeto, Freud demonstra que este processo serve de núcleo, tanto para a constituição egoica, quando o objeto perdido é assimilado e dissolvido no ego, quanto para a gênese do ideal (precursor teórico do superego), no caso do paradigma da identificação melancólica, pelas repreensões que este objeto introjetado gera contra a própria pessoa.

O quadro da melancolia apontara, com isso, para um dado relevante para a compreensão do psiquismo: “Mostram-nos o ego dividido, separado em duas partes, uma das quais vocifera contra a segunda. Esta segunda parte é aquela que foi alterada pela introjeção e contém o objeto perdido” (Freud, 1921/2006, op. cit., p. 119). Todavia, Freud já supunha a existência de um ego cindido a partir da observação da paranoia, em

que há um agente observador e persecutório – interno ao psiquismo – e projetado na realidade externa. O desdobramento dessa cisão culminará na emergência do conceito de superego, terceira instância da segunda tópica.

A ênfase na clivagem interna do ego, presente desde 1914, será de extrema importância para a compreensão da emergência do ideal do ego, que “abrange a consciência crítica, uma instância crítica dentro do ego (...) e, a título de funções, atribuímos-lhe a auto-observação, a consciência moral, a censura dos sonhos e a principal influência na repressão” (Freud, 1921/2006, op. cit., p. 119). Em “O Ego e o Id”, o termo superego é usado, em sentido amplo, para denominar as funções de interdição e de ideal, mas também como instância que encarna uma lei e proíbe sua transgressão (Laplanche & Pontalis, 1967/2004, op. cit., p. 498).

De acordo com Freud, o superego não é “simplesmente um resíduo das escolhas objetais do id; ele também representa a formação reativa enérgica contra essas escolhas” (Freud, 1923/2006, op. cit., p. 47). O superego revela-se como um ideal (‘você deve ser assim [como o seu pai]’) e também como um interditor (‘você não pode ser assim [como ele]’).

O amplo resultado geral da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo pode, portanto, ser tomada como sendo a formação de um precipitado no ego, consistente dessas duas identificações [com a mãe e com o pai] unidas uma com a outra de alguma maneira. Esta modificação no ego retém a sua posição especial; ela se confronta com os outros conteúdos do ego como um ideal do ego ou superego (Freud, 1923/2006, op. cit., p. 46-47).

Há, então, duplo destino dos processos de identificação: forma-se, por um lado, um precipitado no ego e, por outro, uma parcela do ego sofre uma modificação se tornando o superego. O ego deverá responder às exigências do superego, que será um constante observador e censor do mundo interno – tendo acesso, inclusive, aos conteúdos recalçados. Como decorrência dessa pressão interna, a tensão sentida pelo ego é experimentada como sentimento inconsciente de culpa. Afinal, parte do superego é também inconsciente, estabelecendo relações diretas com o id.

Se o ego não alcançou êxito em dominar adequadamente o complexo de Édipo, a catexia energética do último [o superego], originando-se do id, mais uma vez irá atuar na formação reativa do ideal do ego. A comunicação abundante entre esse ideal e esses impulsos instintuais *Ics* soluciona o enigma de como é que o próprio ideal pode, em grande parte, permanecer inconsciente e inacessível ao ego (Freud, 1923/2006, op. cit., p. 51).

A comunicação privilegiada entre id e superego é reforçada na “Conferência XXXI”. Afirmar Freud (1932/2006, op. cit., p. 83) que o superego se funde no id e está mais distante do sistema perceptual do que o ego. Na discussão sobre os elementos intrapsíquicos, declara ainda que o id só se relaciona com o mundo externo através do ego. Se no contexto da primeira tópica o ego era considerado agente dotado de poder no conjunto do aparelho psíquico, Freud vai gradativamente sublinhando a fragilidade egoica, instância que precisa conciliar a demanda de três esferas distintas (o id, o superego e a realidade externa).

[o ego] é observado a cada passo pelo superego severo, que estabelece padrões definidos para sua conduta, sem levar na mínima conta suas dificuldades relativas ao mundo externo e ao id, e que, se essas exigências não são obedecidas, pune-o com intensos sentimentos de inferioridade e de culpa. Assim, o ego, pressionado pelo id, confinado pelo superego, repelido pela realidade, luta por exercer eficientemente sua incumbência econômica de instituir a harmonia entre as forças e as influências que atuam nele e sobre ele (Freud, 1932/2006, op. cit., p. 82).

Quanto à gênese do superego no seio do ego, Rosemberg (2003) propõe pensarmos em termos de uma clivagem relativa da instância egoica. Ele distingue a clivagem – mecanismo de defesa radical presente na psicose – de uma clivagem relativa, de caráter estruturante.

Com a emergência do superego na teoria, Freud reelabora a dinâmica do recalque – o ego passa a ser o agente do recalque apenas na medida em que é comandado pelo superego. Ao mesmo tempo, a problemática da resistência inconsciente do ego ganha reforço maior quando pensado em conjunto com o superego inconsciente, na necessidade de punição (inconsciente) e os desejos masoquistas. Nesse sentido, o ego é tomado como instância atravessada pela ação do superego, não conseguindo se distinguir nitidamente de suas acusações e demandas.

Vemos assim ressaltada a posição do ego como território de fronteira, devendo administrar as moções pulsionais internas para se proteger (advindas do id, cuja força também é empregada pelo superego) ao mesmo tempo em que deve dar conta das exigências do mundo exterior, gerenciando também os investimentos nos objetos externos. Nas palavras de Freud:

Como criatura fronteira, o ego tenta efetuar mediação entre o mundo e o id, tornar o id dócil ao mundo e, por meio de sua atividade muscular, fazer o mundo coincidir com os desejos do

id. De fato ele se comporta como o médico durante o tratamento analítico: oferece-se, com a atenção que concede ao mundo real, como um objeto libidinal para o id, e visa a ligar a libido do id a si próprio. Ele não é apenas um auxiliar do id; é também um escravo submisso que corteja o amor de seu senhor (Freud, 1923/2006, op. cit., p. 68).

Com isso, mais do que considerar a porosidade das fronteiras do ego em relação ao id, ao superego e à alteridade, entendemos toda a extensão do ego como um espaço fronteiriço. Além do seu papel de demarcar os limites internos e externos, é para onde convergem as demandas intrapsíquicas e do mundo exterior, criando uma zona de contato entre essas esferas. Resta ao ego encontrar uma saída criativa para sobreviver às exigências – muitas vezes contrárias ou até mesmo contraditórias – que o convocam de todos os lados.

Considerações Finais

Em nossa pesquisa, realizamos aprofundada análise metapsicológica do conceito de ego, tendo como base fundamental a obra freudiana. Nosso objetivo especial foi ressaltar e explorar teoricamente a dimensão “fronteiriça” dessa instância articulando-a, de modo intrínseco, com a noção de limite em Psicanálise. Examinamos a construção do conceito de ego no percurso de Freud desde os seus primórdios, particularmente a partir da formulação da Primeira Tópica até o segundo modelo do Aparelho Psíquico. Dirigimos o nosso olhar para a questão das fronteiras internas e externas que se delineiam no espaço egoico e nos interrogamos, portanto, sobre o processo de constituição do ego tendo em vista o papel que desempenha na constituição dos limites psíquicos. A problemática do pulsional permeia de maneira indissociável os diferentes tempos de elaboração da problemática do ego na teoria de Freud.

A constituição do conceito de ego na metapsicologia freudiana possui estreita relação com a evolução da teoria pulsional, ou seja, da teoria do conflito psíquico. É no entrecruzamento com a teoria da pulsão que a teoria do ego evolui na obra de Freud vindo a se complexificar. Se, por um lado, esta instância tem por função administrar as forças pulsionais no aparelho psíquico, por outro, é ela própria constituída a partir de um investimento pulsional.

A balança energética que move a economia libidinal depende da organização dos limites psíquicos na operação de diferenciação entre objeto interno e externo. Se pensarmos o ego como interioridade constituída por identificações, isto é, com referência ao externo, como esses limites podem ser tornados claros? Não seria, antes, o próprio ego, um espaço fronteiriço, atravessado pelo pulsional e pela alteridade? Essas questões, suscitadas ao longo da atenta leitura que realizamos das elaborações de Freud, nos levaram a propor uma linha de compreensão da problemática do ego a partir de dois importantes planos: o ego como agente psíquico responsável por estabelecer e assegurar as fronteiras internas e externas, e o ego como espaço interno, a ser entendido como território fronteiriço.

Indicamos como a articulação do ego com a pulsão, com o objeto e com o corpo são elementos de fundamental relevância no desenvolvimento e no surgimento das dificuldades teóricas que sofre a questão do ego no pensamento de Freud. A este

propósito, identificamos concepções, de certo modo, diversas dessa questão, concepções cuja distinção situamos a partir de três lógicas: o contexto da primeira tópica e da primeira teoria pulsional, a entrada do conceito de narcisismo na teoria, a segunda tópica e a segunda teoria pulsional.

Nos escritos iniciais a posição do ego era de contraposição à sexualidade. Todavia, nesse primeiro enquadre teórico, o ego ainda não era concebido como organização bem definida, com exceção do texto *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1895) cuja publicação, como sabido, só ocorreu postumamente. Na parte inicial de nossa pesquisa, dedicamo-nos a mostrar de que forma a oposição entre ego e sexualidade veio a ser tecida na teoria, apontando igualmente para o fato de nesses escritos freudianos o ego já ser pensado como agente instaurador de uma fronteira interna.

O conflito neurótico constitui a base dos estudos iniciais de Freud e, em um primeiro momento, a psicanálise esteve focada no conflito travado entre a pulsão sexual – uma exigência interna e incessante de alívio de tensões – e a regulação da descarga de energia, administrada pelo ego. Segundo esse modelo, o ego exerce a função de censor da sexualidade, em oposição ao desejo, sendo um correspondente interno das exigências e limitações do mundo exterior. A barreira do recalque vê-se instaurada e mantida a partir justamente do mecanismo de defesa do ego. O ego concerne à extensão do sistema Pcs-Cs, operando sob a lógica do princípio de realidade.

No campo da teoria pulsional, na perspectiva dessa primeira teoria do conflito, Freud situa o ego como representante das pulsões de autoconservação, mas já nesse momento o estatuto dessa instância é apresentado de forma complexa. Ao mesmo tempo em que ele é entendido como responsável por conferir o signo de realidade à percepção, de promover sínteses, de assegurar o recalque e garantir o êxito da conservação da vida, Freud apresenta um ego comportando dupla face: ego de prazer e ego de realidade. O que assim já se coloca é a presença de uma disputa operada no interior do próprio ego. Como conciliar esse dado com a ideia de um ego supostamente alheio ao sexual, em constante oposição a ele?

Uma das funções do ego seria assegurar uma gradação e uma dilatação temporal na obtenção da descarga, o que é obtido através do seu trabalho de elaboração psíquica. Pontuamos que essas características já estavam presentes no texto do *Projeto*, onde o ego é apresentado como organização que regula o fluxo de energia circulante através do mecanismo de inibição, promovendo ligações psíquicas. Freud considera que a

autoconservação e o ego de realidade não estariam fora da lógica do princípio do prazer, uma vez que a busca aqui em jogo é evitar, mas a longo prazo, a frustração.

Analisamos que a partir da introdução do conceito de narcisismo essas questões se tornam muito mais complexas, revelando contradições internas já subjacentes em Freud bem antes de 1914. A inserção de novos paradigmas clínicos, resultantes do estudo e da clínica da psicose além de outros distintos da neurose clássica, como por exemplo, a hipocondria, virá promover significativa mudança na metapsicologia freudiana. Sobre isso, viemos a explorar e aprofundar os desdobramentos dessa nova perspectiva na teoria do ego – e de que forma isso se mostrou atrelado à própria evolução da teoria pulsional – quando o olhar clínico de Freud se expande além da neurose.

O conceito de narcisismo é considerado marco teórico, pois promove profundo remanejamento do problema relativo à economia libidinal, passando o ego a ser concebido como objeto de investimento libidinal. Com efeito, essa nova posição a respeito do ego abala a visão dessa instância como agente interno desafetado pela libido. A partir de então, levanta-se a questão acerca da neutralidade do ego no conflito psíquico, uma vez que ele mesmo passa a ser entendido como investido e constituído pelo sexual. E, ao inserir o ego na trajetória da libido como objeto de amor, Freud passa a considerar o narcisismo como parte integrante no sentido de constitutivo do desenvolvimento do aparelho psíquico como um todo.

Pensar o ego como banhado pelo sexual consiste numa posição a partir da qual as fronteiras entre o eu e o outro se revelam bem menos nítidas quando se trata do destino da pulsão. Isso porque o ego não é tratado aqui como mero agente interno, mas como lugar psíquico constituído a partir da imagem do outro. Nesse contexto, o foco da questão do ego se volta, portanto, para o problema da delimitação entre o eu e o outro. O que passa a estar fundamentalmente em jogo, em primeiro plano, não é mais apenas a problemática do recalque, mas a da pulsão como força constitutiva da delimitação egoica: de que forma a pulsão será introjetada no ego e que falhas que poderão advir desse processo? A identificação passa, então, a ser um conceito-chave no que concerne à relação do eu com a alteridade e à própria estruturação do mundo interno, do psiquismo. Se, em nossa investigação, havíamos nos dedicado a explorar anteriormente, sobretudo a fronteira do ego com o inconsciente dinâmico pela barreira do recalque, a ênfase agora de nosso trabalho incide nas fronteiras do ego em relação à alteridade.

No desenvolvimento da primeira teoria pulsional, Freud vê o ego como elemento atuante no processo de constituição psíquica, responsável pela diferenciação entre mundo interno e externo. O que seria característico desse primeiro momento é o reconhecimento do prazer como algo interno, sendo a projeção do desprazer uma sinalização da realidade externa. Dessa forma, num primeiro tempo, o ego vê-se colado na satisfação pulsional só reconhecendo o não-eu como aquilo que é sinalizado pela vivência de desprazer. Trata-se de modos de introjeção do meio ambiente, e que constitui a fonte da constituição do espaço interno. Mas é preciso sublinhar – conforme o fizemos nesta dissertação – que não haveria, desde o início, um ego organizado capaz de engendrar o recalque: ele aciona, antes, mecanismos de defesa arcaicos.

Tivemos também a oportunidade de sublinhar como a investigação de Freud sobre o paradigma clínico do luto e da melancolia veio promover novos elementos para a compreensão do processo de constituição psíquica e, particularmente, egoica: como desdobramento do estudo dedicado ao narcisismo, a melancolia coloca em questão a capacidade de assimilação do objeto no interior do psiquismo. A identificação melancólica não dissolve o objeto, mas constitui um corpo estranho no interior, resultante de uma cisão no ego. Nesse sentido ressalta-se o papel do objeto nas operações narcísicas de modo que, paradoxalmente, não é possível pensar em constituição narcísica sem a vincular a um modo específico de relação com a alteridade, ou melhor, com a questão da interiorização da alteridade.

A primeira teoria do aparelho psíquico e a primeira teoria pulsional deixaram de ser suficientemente satisfatórias na compreensão teórica da dinâmica do conflito psíquico. A este respeito, nossa investigação explorou as consequências da teoria do ego no campo das pulsões e da tópica psíquica. Mostramos que o fator clínico determinante nesse período de profunda reestruturação teórica foi a dimensão do traumático e sua estreita articulação com a segunda teoria pulsional. Em um primeiro momento, fica evidenciada a passividade do ego diante da invasão traumática do pulsional, o que explicita as falhas de sua capacidade de continência e de elaboração, isto é, a impossibilidade de um trabalho psíquico sobre determinadas marcas, marcas de um excesso pulsional.

A relação do ego com o corpo é outro aspecto que, ainda latente ao longo de toda a obra freudiana, ganha especial ênfase nesse momento. A fronteira entre o corpóreo e o psiquismo passa a ser trabalhada por Freud a partir de novo enfoque da gênese egoica, a qual, além da pulsão e da imagem, encontra seu terceiro apoio no

âmbito da percepção corporal. As funções de para-excitação, percepção e memória são aprendidas a partir das vivências corporais, de onde a superfície do corpo funciona como experiência de base na formação de uma superfície psíquica. O caráter continente do ego vê-se, portanto, atrelado à sua gênese corporal, elemento de fundamental importância na teorização de Freud desse momento, e que nos interessa sobretudo, tocando na questão das fronteiras egoicas, agora, particularmente, aquela situada entre o ego e o corpo.

Uma vez traçada a fronteira externa do psiquismo, os conteúdos internos e suas dinâmicas ganham espaço na formulação da segunda tópica. Aqui, o entendimento das relações intrapsíquicas do ego com as outras instâncias permite que o caráter de espaço fronteiro dessa instância seja, mais uma vez, ressaltado. Em lugar de certa linearidade própria aos limites do modelo da primeira tópica, Freud desenvolve no novo modelo a ideia de formação de redes em série, de encaixes e sobreposições como modo de relação existente entre as instâncias do aparelho psíquico. Sublinhemos, sobre este ponto, os limites do inconsciente, a formulação de que o ego é uma diferenciação do id a partir do contato com a realidade externa e a concepção segundo a qual o ego possui uma dimensão inconsciente.

O caráter inconsciente da defesa e da resistência já havia sido indicado por Freud antes da construção da segunda tópica, mas só agora é efetivamente conferido um lugar psíquico para a inconsciência do ego. Este passo acrescenta uma nova camada a ser teoricamente explorada quanto à questão das relações internas do psiquismo e desmonta, mais uma vez, a pretensão de um ego coeso visto predominantemente como agente dos mecanismos de defesa. O que se evidencia é, precisamente, o ego como território misto e dotado de conflitos internos. Aqui apontamos com mais clareza a dificuldade de Freud em estabelecer os limites entre um ego organizado e coerente e as raízes pulsionais que o alimentam.

Permanece como função do ego a mediação dos interesses da pulsão sexual e das demandas externas. No entanto, como terceiro elemento do modelo da segunda tópica, a instância do superego é conceituada (ao lado do id e da realidade), exigindo resposta do ego diante de suas exigências. Assim, este se vê diante de mais uma força externa a ele, à qual deve atender e obter conciliação. Sublinhamos, assim, a dificuldade relativa às saídas possíveis de mediação por parte do ego, considerando-se que ele próprio se apresenta como terreno de disputa entre exigências contrárias.

Referências

- ANDRÉ, J. “Introduction: La nature morte”, in: ANDRÉ, J. & GUYOMARD, P. (Eds.), *Le moi cet incorrigible*. Paris: PUF, Petite bibliothèque de psychanalyse, 2014.
- ANZIEU, D. (1985) *O eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.
- BIRMAN, Joel. “A razão da impostura: a constituição do conceito de narcisismo no pensamento de Freud”. In: BIRMAN, J. & NICÉAS, C. A. (Orgs.) *O objeto na teoria e na prática psicanalítica*. Rio de Janeiro: Editora Campus Ltda, p. 11-48, 1984.
- _____. *Freud & a filosofia*. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BOMFIM, T. H. *A constituição dos conceitos de ego e de objeto na metapsicologia freudiana*. São Carlos: UFSCAR, 2008.
- CARDOSO, Marta. “A insistência do traumático no espaço psíquico e analítico”. In: _____; GARCIA, C. A. (Orgs.). *Entre o eu e o outro: espaços fronteiriços*. Curitiba: Juruá, 2010a, p. 47-63
- _____. “Violência, domínio e transgressão”. In: _____ & GARCIA, C. A. (Orgs.). *Entre o eu e o outro: espaços fronteiriços*. Curitiba: Juruá, 2010b, p. 103-113.
- _____. Das neuroses atuais às neuroses traumáticas: continuidade e ruptura. *Rev. latinoam. psicopatol. Fundam.* São Paulo. v. 14, n. 1, p. 70-82, Mar. 2011.
- CAROPRESO, F. & SIMANKE, R. T. Compulsão à repetição: um retorno às origens da metapsicologia freudiana. *Revista Ágora – UFRJ*. Rio de Janeiro. v. 9, n. 2, p. 207-224, Dez. 2006.
- CARVALHO, M. T. M. *Paul Federn: Une autre voie pour la théorie du moi*. Paris: PUF, 1996.
- FEDERN, P. (1952) *Ego psychology and the psychoses*. London: Maresfield Reprints, 1977.
- FONTES, Ivanise. *Psicanálise do Sensível: fundamentos e clínica*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.
- FORTES, I. *A dor psíquica*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2012.
- _____. A dor como sinal da presença do corpo. *Tempo psicanal.*, Rio de Janeiro, v. 45, n. 2, dez. 2013
- FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (E.S.B.)*. Rio de Janeiro: Imago, 2006 [1969].
- (1893-1895) Estudos sobre a Histeria Vol. II.
 - (1894) “As neuropsicoses de defesa” Vol. III.
 - (1895)[1950]) “Projeto para uma psicologia científica”. Vol. I.
 - (1896) “Carta 52”. Vol. I.
 - (1900) *A interpretação dos sonhos*. Vol. IV-V.
 - (1905) “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Vol. VII.
 - (1909) “O homem dos ratos”. Vol. X.

- (1910a) “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua Infância”. Vol. XI.
- (1910b) “A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão”. Vol. XI.
- (1911a) “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”. Vol. XII.
- (1911b) “Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia (dementia paranoides)”. Vol. XII.
- (1913) “Totem e tabu”. Vol. XIII.
- (1914a) “Sobre o narcisismo: Uma introdução”. Vol. XIV.
- (1915) “O inconsciente”. Vol. XIV.
- (1916-1917) “Conferência XXVI: A teoria da libido e o narcisismo”. Vol. XVI.
- (1919) “O Estranho”. Vol. XVII.
- (1920) “Além do princípio do prazer”. Vol. XVII.
- (1921) “Psicologia de grupo e análise do ego”. Vol. XVIII
- (1923) “O ego e o id”. Vol. XIX
- (1925) “Uma nota sobre bloco mágico”. Vol. XVI
- (1932) *Novas conferências introdutórias de psicanálise*. Vol. XXII
- (1938) “Esboço de psicanálise”. Vol. XXIII.

_____ (1915) “As pulsões e seus destinos”. In: *Obras incompletas de Sigmund Freud*, vol. 2. Trad. Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autentica Ed, 2013.

_____ “Luto e Melancolia” (1917). Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

_____ (1925) *A negação*. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naif, 2014.

GARCIA, C. A. Continuidade e ruptura no processo de constituição psíquica. In: CARDOSO, M. R. & GARCIA, C. A. (Orgs.). *Entre o eu e o outro: espaços fronteiriços*. Curitiba: Juruá, 2010, p. 103-113.

GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

GREEN, A. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.

LAPLANCHE, J. *Vida e morte em psicanálise*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

_____ (1987) *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____ (1980) *Problemáticas I - A angústia*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____ & PONTALIS, J.-B. (1967) *Vocabulário da Psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004

LEJARRAGA, A. L. (1996) *O trauma e seus destinos*. Rio de Janeiro: Revinter.

- MANO, B. *Clínica do Continente*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2013.
- MAYER, H. *Histeria*. Trad. Ricardo Costa Sanguinetti. Porto Alegre: Artes médicas, 1989.
- MEZAN, R. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- MONZANI, L. R. (1989) *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- NICÉAS, C. A. *O amor de si*. Coleção para ler Freud. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- NUNES, Macla Ribeiro. *O sensorial nos primórdios da vida psíquica: “testemunhos” do encontro com o outro*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2012.
- PADILHA NETTO, Ney K. *A violência do sexual e o impacto da pulsão de morte*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2012.
- PERES, U. T. “Pós-fácio: uma ferida a sangrar-lhe a alma”, in: FREUD, S. “Luto e Melancolia”. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- ROSEMBERG, Benno. *Masochismo mortífero e masochismo guardião da vida*. Tradução: Célia Gambini. São Paulo: Editora Escuta, 2003.
- ROUSSILLON, R. “Narcissisme et complexification”, *Revue française de psychanalyse*, 2014/1 Vol. 78, p. 68-82.
- SANTOS, L. R. F. A problemática da identificação nos estados limites: uma “falta de ser”? Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2011
- TANIS, B. *Memória e temporalidade*. São Paulo: Casa do psicólogo, 1995.
- UCHITEL, M. (2001). *Neurose traumática: uma revisão crítica do conceito de trauma*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- URRIBARRI, Fernando. André Green: o pai na teoria e na clínica contemporânea. *J. psicanal.*, São Paulo, v. 45, n 82, jun. 2012
- YORKE, C. & HACKER, A.-L. “Pour introduire le narcissisme: une lecture pédagogique”. *Revue française de psychanalyse*, 2014/1 Vol. 78, p. 44-60.